Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

ANO 55.º/18 888 4$00

QUINTA-FEIRA 9 OUTUBRO 1975

P.P.D. FOI AO R.A.S.P.

DIREITA RECOMEÇA A VIOLÊNCIA

• Tiros, pedradas e feridos em V.N. de Gaia

PORTO, 9 (Telex da nossa delegação) — Algumas dezenas de milhares de pessoas participaram ontem, ao fim da tarde, numa manifestação promovida pelo P.P.D. que decorreu na Praça Humberto Delgado que se encontrava completamente cheia de elementos simpatizantes de elementos daquele partido, enchendo também os passeios vizinhos e o topo da Avenida dos Aliados. A manisfestação, em que usaram da palavra algumas conhecidas figuras daquele partido, visava o apoio ao VI Governo e bem assim ao actual comando da Região Militar do Norte. Incorporavam-se nesta manifestação grande número de elementos do Partido Popular Monárquico, com as respectivas bandeiras e, a avaliar pelo menos por uma bandeira do Partido Socialista presente, alguns elementos deste último partido.

Entre as palavras de ordem gritadas salientamos: «Em frente sem medo, Pinheiro de Azevedo», «O povo diz não ao Dinis», «O Norte quer a paz, não quer a morte», «Bandidos disfarçados estão no lugar dos soldados». Foram lidas algumas moções e telegramas de núcleos distritais do P.P.D. bem como de algumas empresas, tendo usado da palavra Jorge Roseira, Maria Flor e Maria de Lurdes Granado, elementos da J.S.D. e ainda Rafael Campos Pereira que afirmou a dado passo: «A hora é de vigilância, de luta e de sacrifício com a presença assídua em todos os partidos democráticos para que a Revolução de 25 de Abril não se perca e se mantenha fiel aos ideários do Programa do M.F.A.». Falaram ainda Montalvão Machado, Manuel Veiga e o ministro Sá Borges.

Após o comício, os manifestantes desfilaram pela cidade, em cumprimento de propostas aclamadas na Praça Humberto Delgado no sentido de os militantes do P.P.D. se dirigirem ao R.A.S.P. O cortejo desceu a Avenida dos Aliados e dirigiu-se àquela unidade pelos Clérigos e Praça dos Leões. Junto ao C.I.C.A.P. falou Miguel Graça Moura «em nome dos cidadãos que querem a paz». O comandante agradeceu as palavras ali proferidas por elementos do P.P.D. após o que a manifestação se encaminhou para o R.A.S.P. em Vila Nova de Gaia. Todavia, o número de pessoas que atravessou a ponte de D. Luís a caminho d'aquela unidade era já consideravelmente menor e constituído sobretudo por homens com predominância para a juventude.

Durante a noite e até a madrugada de hoje, às 5 horas a manifestação promovida pelo P.P.D. transformou-se em «batalha campal» diante do quartel do R.A.S.P., ao confrontarem-se os recém-chegados manifestantes «pêpedistas», monárquicos e outros, com os populares que ocupavam a rampa de acesso à porta de armas daquela unidade.

A chegada da Polícia Militar e de elementos do Copcon serviu para acalmar um pouco os ânimos. Mas a situação permaneceu tensa, até porque, a breve trecho, surgiram divergências entre os militares sobre o modo como resolver a questão e os meios a serem empregados nesta resolução.

Continuação da pág. 5

C.I.C.A.P. PODE REABRIR

Segundo fonte digna de crédito soubemos que a reabertura do C.I.C.A.P. pode ser decidida muito brevemente. A mesma fonte acrescenta que a nível das mais altas instâncias do poder político e militar do País, essa medida teria já sido decidida. Esta madrugada, a notícia correu também entre os militares e populares que se encontravam no R.A.S.P. Contactos posteriores junto da fonte a que nos reportamos deram-nos essa confirmação.

20 PÁGINAS

CONSELHO DA REVOLUÇÃO REUNE-SE AMANHÃ

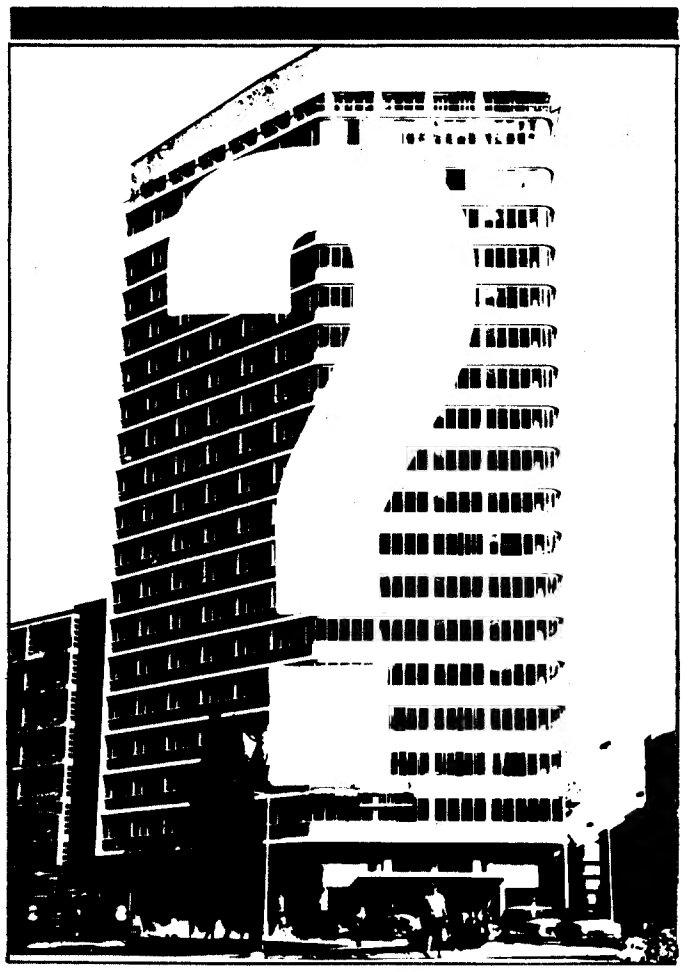
O Conselho da Revolução reune-se amanhã com agenda de trabalhos não revelada publicamente. Regista-se porém grande expectativa relativamente a esta reunião, justificada pela difícil e confusa situação político-militar que o País vive, consequência de golpe e contra golpes palacianos, em que uma vez mais foi esquecido que é a movimentação das massas trabalhadoras que faz a revolução.

Observadores e fontes bem informadas consideram muito difícil aos actuais conselheiros da Revolução encontrar qualquer saída para estes problemas sem os agravar ainda mais, ou sem o recurso a medidas repressivas que não só não encontram quem as execute como trariam consequências imprevisíveis.

. O Presidente da República recebeu esta manhã o ministro da Defesa da República Federal Alemã que se encontra em visita oficial ao nosso país.

Às 15 horas efectua-se uma reunião da Comissão de Descolonização, presidida pelo general Costa Gomes.

Às 19 horas o Presidente da República recebe o dr. Ramos da Costa, embaixador de Portugal na Jugoslávia. A audiência deverá relacionar-se com a projectada visita do general Costa Gomes àquele país, prevista para o fim deste mês.



QUE SE PASSA NO MINISTÉRIO DO TRABALHO?

• Retiradas da Imprensa Nacional as convenções de trabalho e portarias que aguardavam publicação (Tribuna livre e carta aberta de Costa Martins, nas págs. centrais)

MARATONA SINDICAL DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO

. Os trabalhadores de escritório de Lisboa realizaram, de ontem para hoje, a maior «maratona» sindical de que há memória. Durante perto de doze horas, milhares de trabalhadores defenderam activamente as suas posições, numa assembleia geral do seu Sindicato. Informações, substituições de um elemento dos corpos gerentes, Intersindical — os três pontos da ordem de trabalhos não chegaram a ser cumpridos como previa a direcção, que foi acusada de comportamento partidário, sectário e divisionista, por elementos «insuspeitos» que a apoiaram no período de candidatura. No final, contrastando singularmente com o ar sorumbático dos dirigentes, os trabalhadores tinham ganho duas batalhas: a reintegração imediata de 13 funcionários do Sindicato arbitrariamente suspensos, e a adesão crítica à Intersindical.

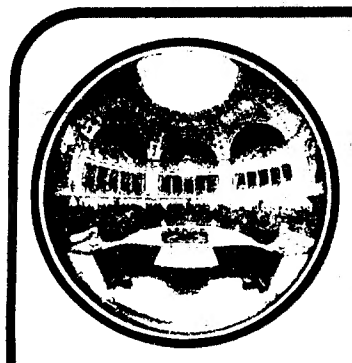
A eles, sim, ninguém lhes calou a voz.

. A assembleia iniciou-se pouco depois das 21 horas, com a inclusão de um ponto prévio destinado a apreciar os actos da direcção. Antes da discussão do tema, foi aprovada uma moção de homenagem a «Che» Guevara, seguida de um minuto de silêncio.

Em nome de oito dos onze elementos do Conselho Fiscalizador do Sindicato, eleitos com os outros corpos gerentes, Ana Maria Vasques deu a conhecer um documento em que se constata «todo um con-

Continuação da pág. 9

Nacional



ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

Açores, Alto Douro e Pires Veloso... veja bem sr. Primeiro-Ministro!

Um ataque cerrado do P. P. D. ao P. C. P., a denúncia da situação grave que se vive nos Açores por Jaime Gama (P. S.), algumas perguntas de Américo Duarte (U. D. P.) ao Governo, e a intervenção de Avelino Gonçalves sobre a situação no Douro, foram os acontecimentos de maior significado na sessão de ontem.

Estas intervenções ocorreram antes da ordem do dia. Vasco da Gama Fernandes diria, a demonstrar a importância que os partidos atribuem a tal período, que às 15 e 30 de ontem estavam inscritos para falar, na hora prévia, nada menos de 65 deputados.

Foi ainda anunciada a renúncia de José Tengarrinha, que alegou «imperiosa necessidade de trabalho político no M. D. P./C. D. E.».

AÇORES! AÇORES!

Referindo a conduta «altamente prejudicial» do P. P. D. e do C. D. S. nos Açores, o deputado socialista, Jaime Gama, diria na sua intervenção que a situação que se vive actualmente naquele arquipélago «é bastante grave e tudo indica que nas próximas horas, ou nos próximos dias, venha a assumir proporções tais que as autoridades e o Governo se vejam envolvidos num conflito de consequências imprevisíveis».

Denunciando também a «mais brutal violência» com que foram assaltadas as sedes do M. D. P./C. D. E., do M. E. S. e do P. C. P. e as ameaças, intimidações, perseguições e espancamentos de militantes de vários partidos de esquerda, a sua expulsão para o continente e a campanha em prol das desnacionalizações, Jaime Gama acabaria por dizer que «em Ponta Delgada, se a sede do P. S. ainda não foi assaltada é porque se encontra dia e noite guardada por forças militares».

O deputado do P. S. criticaria ainda a regionalização dos quadros das Forças Armadas e policiais, pediria a substituição imediata do comandante da P. S. P. e sobre a actuação da RTP nos Açores acrescentaria: «A RTP nos Açores recusa-se a transmitir as conferências de Imprensa do P. S., mas anuncia no Telejornal as horas de transmissão da emissora clandestina dos separatistas.»

SR. PIRES VELOSO!

Fazendo o ponto da «ofensiva reaccionária do VI Governo Provisório e do Conselho da chamada Revolução» no sentido de «liquidar o movimento revolucionário popular», o representante da U. D. P. requereu ao Governo:

1) Porque é que o comando da Região Militar do Norte não acata as decisões democráticas dos soldados e marinheiros. Será pelo facto de se reger pelo R. D. M. fascista?

2) Porque é que o C. I. C. A. P. não é reaberto com a reintegração de todos os soldados?

3) Porque é que o sr. Pires Veloso não se preocupa em vigiar e prender os incendiários que actuam no Norte do País ou prender os fascistas do E. L. P. que andam à solta?

4) Porque é que o sr. Pires Veloso não mandou fechar os quartéis da P. S. P. assassina, quando esta carregou à maneira antiga sobre o povo que estava concentrado junto da Câmara?

5) Porque é que todo o povo português é obrigado a ter que ler e ouvir durante uma semana na Televisão e jornais partes da mensagem do sr. general Costa Gomes?

ATENÇÃO AO DOURO

Avelino Gonçalves fez uma exaustiva análise acerca da questão do Douro e da actuação aí desenvolvida pelo P. P. D., pelo C. D. S. e por elementos do P. S., ao longo dos 18 meses de Revolução.

Avelino Gonçalves sublinharia depois o modo como a «reacção conduzida pelo C. D. S. e pelo P. P. D., com significativa ajuda de elementos locais do P. S.» ao atirar com a responsabilidade dos problemas para a situação democrática e avanço do processo revolucionário defende na prática os exploradores dos pequenos e médios vinicultores e dos assalariados rurais.

O deputado do P. C. P. denunciaria ainda o boicote da social-democracia ao vinho do Porto, os preços da aguardente que visam defender apenas os monopolistas de Gaia e casos de despedimentos de pequenos vinicultores feitos pela Sandeman, pela Cockburn Smith e pela Croft. Denunciaria também as actuações da Casa do Douro, do Instituto do Vinho do Porto e do Conselho Agrário Regional, organismos controlados pelo «santa aliança» C. D. S.-P. P. D. -P.S.

O deputado Moura Guedes, que responsabilizaria o Partido Comunista Português pelo «gigantesco movimento de subversão, claramente montado para derrubar o VI Governo», aproveitaria o resto da sessão para, tranquilamente, escrever a intervenção que faria à noite no Porto, durante a manifestação do P. P. D., que daria os graves incidentes junto do R. A. S. P., com dezenas de feridos.

E.A.

ATACADOS MILITANTES DO M.R.P.P.

UM MORTO E CINCO FERIDOS

Um morto e cinco feridos, um dos quais esta manhã em perigo de vida, balanço de um recontro ocorrido na madrugada de hoje, cerca das 4 horas, no Terreiro do Paço em Lisboa, entre militantes do M.R.P.P. e da O.R.P.C.-U.D.P.

Segundo o «DL» conseguiu apurar esta manhã junto da Polícia, o recontro deu-se quando militantes do M.R.P.P. — três rapazes e três raparigas — andavam na zona a colar cartazes e passou um automóvel que se deteve, não se sabe ao certo por que razões. O automóvel era propriedade de Rui Paisano, engenheiro eletrotécnico, de 30 anos de idade, natural de Loures, que figura no número dos feridos e outros: Luís Pereira, serralheiro, 19 anos, de Sintra; Manuel Condesso, de 25 anos, operário, da Barquinha; Valdemar Madeira, 19 anos, operário, de Santarém, e António Marques, 25 anos, soldado da Força Aérea. A Polícia acorreu e fez várias detenções.

Antes, porém de a Polícia acorrer e fazer as detenções, militantes do M.R.P.P., mais propriamente da F.E.M.L., foram lançados ao Tejo. O morto do balanço desta trágica ocorrência foi ali afogado. Outros foram salvos por pessoas que chegaram ainda antes da Polícia.

No automóvel, um Renault 15, matrícula AO-62-78, foram encontrados três carregadores de G-3 vazios e propaganda partidária.

O morto, Alexandrino de Sousa, era estudante da Faculdade de Direito de Lisboa e membro da F.E.M.L. O Comité Central do M.R.P.P. reuniu de emergência ao princípio da manhã de hoje e «examinou o significado político e as consequências políticas do assassinato terrorista» e aprovou as medidas adequadas».

Desde o princípio da manhã que a F.E.M.L. está a convocar os seus militantes para comparecerem na sede da organização.

Foram detidas cerca de quatro dezenas de pessoas.

HOJE EM COIMBRA

MANIFESTAÇÃO DOS S.U.V. LARGAMENTE APOIADA

COIMBRA, 9 — As moções de apoio à manifestação dos S.U.V., marcada para esta tarde (19 e 30) na Praça 8 de Maio, avolumam-se na nossa Redacção. Depois do apoio já manifestado por várias unidades da Região Centro, que estarão presentes maciçamente, bem como representantes de unidades de outras regiões militares, surgiu agora a adesão de órgãos populares, firmas e cooperativas. Assim, os trabalhadores das cooperativas agrícolas «Mouchão do Inglês» e «Quinta de S.João», ambas de Alpiarça, dão o seu inteiro apoio à Manifestação dos S.U.V., apelando para que todos os trabalhadores «participem nesta grandiosa manifestação unitária contra todos os reaccionários de dentro e de fora das unidades militares».

Por seu turno os trabalhadores da Fábrica Belchior e das firmas «Molde Matos, Lda.» e «Ricardo dos Santos Galo», todas da Marinha Grande, aprovaram moções de apoio à manifestação, apelando para que «todo o povo trabalhador se solidarize com os militares do S.U.V., comparecendo em massa, organizando-se para apoiar a luta heróica destes soldados filhos do povo, que de braço dado com os trabalhadores, lutam pelo fim da exploração capitalista, contra a escalada reaccionária e pelo poder popular».

Entretanto, a Comissão de Moradores de Santa Cruz (Zona A), Coimbra, manifesta igualmente o seu apoio a esta manifestação, convidando toda a população a vir para a rua hoje, em defesa da luta dos S.U.V. «para uma democratização da vida nos quartéis e contra os oficiais reaccionários».

Em sentido idêntico se pronunciou um grupo de professores da Escola Técnica de Jaime Cortesão, que saúda o aparecimento dos S.U.V. e dá o seu integral apoio à manifestação, apelando para «a participação de todos os professores verdadeiramente empenhados no processo revolucionário». Os funcionários do Complexo das Piscinas Municipais de Coimbra aprovaram uma moção de apoio ao aparecimento público dos S.U.V. na Região Militar do Centro, declarando a sua total adesão aos objectivos anunciados no seu manifesto bem como à manifestação de hoje.

HOJE EM LISBOA

MANIFESTAÇÃO DE APOIO AOS MILITARES DA P.M.

A comissão de moradores de Alcântara e a comissão de trabalhadores da Tinturaria Portugália, que haviam feito uma dupla convocatória para uma manifestação de apoio aos militares da P. M., a realizar hoje às 19 horas, com concentração na Avenida de Ceuta, chegaram a acordo para a realização de uma manifestação única, unitária e apartidária, para a qual convocam todas as comissões de moradores, comissões de trabalhadores e órgãos de poder popular. Esta manifestação que tem como objectivo fundamental lutar «contra as manobras da direita que procede ao saneamento de militares progressistas e tenta a dissolução de unidades militares progressistas», percorrerá a Rua 1.º de Maio, Rua da Junqueira, e Calçada da Ajuda, terminando com um comício junto ao Regimento da Polícia Militar, subordinando-se às seguintes palavras de ordem: «P. M. sim, A. M. I. não», «Operários, Camponeses, Soldados e Marinheiros, Unidos Venceremos», «Reaccionários fora dos quarteis», «Morte ao E. L. P. e a quem o apoiar», «Não aos saneamentos à esquerda, sim aos saneamentos à direita», «VI Governo não, Governo revolucionário sim», «Abaixo a social-democracia», «Não à guerra civil», «Trabalhadores, soldados, moradores, assembleias populares», «Avançar, avançar, poder popular»; «Soldados, sempre, sempre ao lado do Povo».

Partidos progressistas e organizações e órgãos de poder popular aderiram em grande número à manifestação e pronunciaram-se acerca da conjuntura político-militar. Num comunicado em que apela para todos os seus militantes, aderentes, simpatizantes e órgãos de poder popular, o M. E. S. afirma a certa altura:»

O organismo de direcção do 1.º Bairro, a comissão da 4.ª zona de Lisboa e os secretariados das freguesias de Marvila e do Beato do Partido Comunista Português apelam à classe operária, aos trabalhadores e à população em geral que compareçam a mais esta manifestação de apoio às forças militares revolucionárias.

Entretanto continuam a dar a sua adesão a esta jornada de luta revolucionária numerosas organizações entre as quais se destacam: comissões de moradores para a cultura popular e habitação e comissão administrativa da Freguesia da Encarnação, Junta de Freguesia de S. Vicente de Fora, comissão de moradores de Santos-o-Velho, Comité de Defesa da Revolução de S. Jorge de Arroios, Comissões de Dinamização da Freguesia de Nossa Senhora de Fátima, Comissão Administrativa da Junta de Freguesia de Nossa Senhora de Fátima Junta de Freguesia dos Anjos, Comissão Administrativa da Junta de Freguesia de Santa Justa, Comissão de Trabalhadores da RUF, Comissão de Moradores de S. Cristovão e S. Lourenço, Comissão de Moradores da Freguesia da Pena, Comissão Revolucionária Autónoma de Moradores e Ocupantes de Coração de Jesus, Junta de Freguesia de Marvila.

EXTERNATO GIL VICENTE
PREPARATÓRIO E LICEAL
AULAS DIURNAS E NOCTURNAS — BOLSAS DE ESTUDO — AMBIENTE SOSSEGADO — PROFESSORES EXPERIENTES — MENSALIDADES ACESSÍVEIS
ÚLTIMAS INSCRIÇÕES
AS AULAS INICIAM-SE DIA ...

CIDADE MARGINAL

VALETES, DADOS, DAMAS E REIS NO MICTÓRIO

Sete jovens ocuparam durante uma hora os mictórios do Cinema Rossio, na Rua dos Sapateiros, jogando às car as e aos dados a dinheiro. Os outros espectadores começaram a protestar e um policia foi chamado pelo gerente da casa. Resultado: seis dos intrusos acederam prontamente às exigências do agente da autoridade, mas um deles, o pedreiro Guilherme, de Viseu) clamou em voz alta: «Só saio daqui depois de fumar um cigarro e de me pentear a preceito». E assim teria procedido se o bastão do polícia não tivesse entrado em acção, ferindo-o no sobrolho esquerdo. E foi a sangrar que Guilherme se rendeu e entrou na «ramona» a caminho do Governo Civil.

CARTEIRISTA RASGADOR DE VESTIDOS

O carteirista Eleutério Anastácio não conseguiu furtar a mala de mão à dactilógrafa Maria do Patrocínio, mas, como represália, rasgou-lhe o vestido de alto a baixo e agrediu-a no rosto e nas costas. E certamente teria ido mais longe na sua vingança não fora a pronta intervenção de alguns populares que àquela hora (cerca das 20 e 30 de ontem) transitavam no Campo Grande. E a prisão foi o seu destino.

ATIRAR A ESMO E MATAR UM FERREIRO

Uma questão de preços num negócio de ovelhas levou o comerciante Manuel António do Nascimento a travar-se de razões com alguns indivíduos. O incidente passou-se durante um arraial em S. Pedro, freguesia de Bragança, e, na sequência da discussão, Manuel António sacou de uma pistola e fez fogo, indo atingir mortalmente o ferreiro José Pires, de 20 anos, que remendava o furo de uma das rodas da sua motoreta, e que nada tinha a ver com o problema. Os disparos do comerciante foram ainda atingir com certa gravidade uma sua sobrinha, Maria Rosa Morais, de 17 anos, e Humberto da Cruz Fernandes, também seu conterrâneo. A G.N.R. prendeu o agressor.

"O CAMINHO DE FERRO"

PORTO, 9 — Integrada no centenário do caminho de ferro a norte do Rio Douro a C.P. em colaboração com o Museu Nacional Soares dos Reis, promove em Dezembro próximo uma exposição de artes plásticas (pinturas, desenhos, gravuras e esculturas) sobre «O Caminho-de-Ferro».

post scriptum

Trabalhar mais e ganhar menos

Será que o Ministério do Trabalho vai reeditar a linguagem de Tomás e de Marcelo?

Os trabalhadores portugueses estão dispostos a trabalhar mais e até ganhar menos, se souberem que estão a trabalhar para a colectividade e para a construção do socialismo.

Mas na actual situação quem acredita?

No plano militar assiste-se ao saneamento à esquerda e à tomada dos postos de poder por oficiais conservadores, quando não até por fascistas!

No plano governamental, os trabalhadores têm um bom espelho no VI Governo Provisório.

Como é que um governo com o PPD e repleto de elementos conservadores, todos oriundos da classe dominante, onde não se encontram representadas as correntes de esquerda, nem outras correntes do MFA, para além dos chamados «9», poderá dar credibilidade ao povo trabalhador?

Agora falam em *ordem, disciplina, aprumo, trabalho* e até... **ganhar menos!!!** Mas isto tudo para quê? Ao serviço de quem?

Por outro lado, não deixa de ser curioso que o actual M. T. afirme que a massa salarial consome o Produto Interno Bruto, quando um estudo do Gab. de Planeamento daquele Ministério, baseado em estatísticas oficiais, concluía, em Julho, precisamente o contrário.

O povo trabalhador está disposto a todos os sacrifícios para construir o socialismo, mas não vai em tretas sociais-democratas, mesmo quando denominadas socialistas ou socializantes!

Por isso, pergunto: porque é que o VI Governo ainda não promulgou a nacionalização da indústria cervejeira? E o diploma do controlo operário? Quando nacionaliza as minas?

Em vez de fazer tudo isto, muda o decreto do saneamento, das cooperativas e dá facilidades de crédito aos grandes agrários!

Trabalhar mais para isto? Vão gozar com o diabo!!!

Dulce Moreira de Abreu — Lisboa

Os atrasos da oitava Conservatória

Na oitava conservatória do Registo Civil de Lisboa, parece não haver qualquer regulamento quanto às datas de entrega das certidões pedidas. Assim uma certidão do dia 23 de Setembro, com urgência, para pagamento da qual enviei o vale postal de 60$00, e que devia estar no destino em Leiria, no pior dos casos no dia 29. Essa mesma certidão destinava-se à matrícula na Faculdade de Coimbra de uma neta minha, e a matrícula terminava no dia 30. Esperou-se que a certidão, mesmo tardia, estivesse nessa data, mas nada disso se passou. Para substituir a apresentação daquele documento só havia um remédio: pagar a multa de 300$00, o que felizmente se não fez, por ter sido adiada a data limite da matrícula para o dia 6.

A quem cabe a culpa desta falta de cumprimento do que consta do regulamento dos serviços daquele departamento do Estado que despreza os legítimos direitos do público que tem que recorrer a eles? Esta mesma Repartição Pública, que eu saiba, já de outra vêz e a pedido de congénere de Leiria, levou quase 30 dias a enviar certidão pedida com urgência.

António Lopes Vieira — Leiria

«Quando nos encontramos no Campo Pequeno?»

Cada vez que o prato da balança se inclina para o lado PS/PPD, chovem os aplausos da «Europa» e dos Estados Unidos. **Que ditará esta atitude? Será a coerência de também terem apoiado Salazar e Caetano?**

Uma velhinha, que encontrei na Gândara de Ançã, restabeleceu-se rapidamente de um prolongado depauperamento físico porque lhe disseram que os comunistas matavam quem não trabalhasse. A pobre senhora ia morrendo da cura...

Um pescador da Caparica disse-me que sempre teria de haver ricos e pobres; que se desaparecessem os ricos, ninguém lhe comprava o peixe; que foices-e-martelos «nem vê-los!»...

Pode considerar-se politizado um povo que ainda nem tomou consciência de ser explorado e enganado?

Em nome de que «liberdade» se insultou Vasco Gonçalves e se chamou cow-boy ao General Otelo? Por quem se deve começar a pedir ordem, disciplina e respeito?

Para finalizar, enquanto não acaba a liberdade de perguntar, direi:

A continuar assim a «revolução», **quando nos encontramos no Campo Pequeno?**

Quando começa a ponte aero-fascista do Brasil para Lisboa? Já que ninguém os julga, quando se deixam fugir mais «89»?

Gabriel de Sousa — Lisboa

COMENTÁRIO A PROPÓSITO DO VI GOVERNO

SÉRGIO RIBEIRO

Será possível hoje, quando escrevemos — 5 de Outubro — fazer-se um comentário sobre o VI Governo? Ele teria ficado mais ou menos completo no último sábado de Setembro e durante a passada semana teria sido o começo do trabalho. E que encontramos neste primeiro período experimental, quase de teste? Sem dúvida que foi uma semana agitadíssima em que os apoios tomaram expressão clara e formas várias. E não só ...

Muita tinta já correu, com todas as especulações e contra-especulações. Não as iremos retomar, voltando a falar de inventonas, tensões entre militares, ocupações «esquisitas», alarmismos bem orquestrados. Também não nos parece de comentar a viagem do Presidente da República que, relativamente à sua enorme importância, quase passou esquecida no meio da tanta agitação; agitação que, curiosamente, muita vez foi provocada, insuflada, aproveitada até ao risco mais grave, e por quem fundamenta o seu apoio ao VI Governo sobretudo pelo que lhe pede de ordem e força para a impor.

Mas não será de tudo isto que iremos falar, para tentar lembrar o que teria passado despercebido ou quase. Avançamos com alguns exemplos.

O novo ministro das Finanças veio dizer que afinal a situação não é desesperada. Veio dizer que não desvalorizará o escudo, que as reservas não estão esgotadas, que o caos ainda não se instalou. Significativo! O ministro das Finanças é o dr. Salgado Zenha, que é também um dos grandes do Partido Socialista, e nessa qualidade foi um dos mais influentes criadores da imagem da bancarrota, do caos, a partir da acção do governo anterior que, não era o VI, que era o único de que não teria feito parte o seu partido e ele próprio.

Aliás a posição do dr. Salgado Zenha, como ministro das Finanças, coincide com a viragem que se pretende fazer na imagem (para não ser só na imagem) da governação pública. É difícil de engolir esta maneira de fazer política, assente sobre a criação de imagens, de falsas verdades, de acusações ligeiras e de calúnias infundamentadas, um todo, que depois se recupera após essa maneira de «fazer» política ter dado os resultados pretendidos. Quando os criadores de imagens catastróficas, caóticas, sectárias, vêm substituir as «vítimas» dessa «táctica» não lhes será difícil desfazer o que eles próprios construiram mas também não será muito complicado denunciar e estigmatizar os processos. Do que temos dúvidas é da utilidade efectiva quando tais processos e métodos já foram compensados.

Claro que nem tudo se deve esperar que seja assim, tão imediatamente «corrector» das imagens criadas. O V Governo há-de ser durante muito tempo o... das costas largas. E se não só o V Governo também aqueles sectores da governação que estiveram em outras mãos, que possibilitaram, com uma actuação de sacrifício, que tanto caminho fosse percorrido. E caminho para o socialismo, anote-se bem, embora já tenhamos começado a ouvir umas adaptações terminológicas recuperando as estranhas vias... socializantes. O que, pelo menos, seria pleonástico a esconder ambiguidade.

Passando a outro aspecto, ainda dentro da intenção de apresentar exemplos para a caracterização de uma primeira semana de um VI Governo que consideramos a última oportunidade de conciliar o inconciliável, refiramos uma nota oficiosa do Ministério do Trabalho. Como cidadão que se quer responsável encontramos, nessa nota oficiosa, muita matéria para comentário. Dois aspectos: «ganhar menos e trabalhar mais» e política de «estabilidade, realismo e de bom-senso». Certíssimo se não quiser dizer que antes não seria essa a intenção, que não seria essa a luta. Acrescentaríamos que trabalhar mais é fundamental pa-

Continua na pág 18

INDONÉSIA

O SISTEMA CONCENTRACIONÁRIO E O SILÊNCIO DO OCIDENTE

Por JACQUES DECORNOY

Somos todos nós folhas de árvore à espera de cair e ficar ligados à terra. Estas palavras de um preso político indonésio foram repetidas a 13 de Agosto passado pelo advogado Yap Thiam Hien, que defendia Asep Suryaman, comunista que teria tido um papel importante nos acontecimentos de 1965 e foi condenado a prisão perpétua. Yap também seria preso em 1974, em consequência das manifestações que marcaram a visita do primeiro-ministro japonês a Djakarta. Foi libertado onze meses depois sem que o tivessem julgado.

Na sua defesa, o advogado denunciou todo o sistema penitenciário do regime militar e evocou a vida sem esperança de dezenas de milhares de **tapols**. Os **tapols** são **tahanan politik**, os presos políticos, detidos e humilhados na sua maioria há dez anos, violando assim todas as regras que definem os direitos do Homem.

O processo de Asep Suryman, durante o qual a acusação teve melhor parte do que a defesa, pode ser considerado como uma excepção muito rara. Um decénio após a tomada do poder pelos generais, o **goulag** estende-se pela totalidade do arquipélago indonésio, com as suas pequenas prisões locais e os seus grandes campos de concentração. As autoridades forneceram, no decorrer dos anos, estatísticas de tal modo contraditórias, e definiram em termos tão vagos a qualidade do prisioneiro, que não é possível dar crédito às suas palavras. Segundo um certo número de testemunhos e vários inquéritos feitos por pessoas independentes, haveria, no mínimo, 55.000 **tapols**, mas o número 100.000 é considerado mais próximo da realidade.

O banho de sangue de 1965-66 custou a vida a várias centenas de milhares de indonésios (uns 700.000 a 800.000). O massacre foi acompanhado de prisões em massa de comunistas, pessoas que militassem em organizações de massa e outras ainda, simplesmente vítimas de vinganças. A amplidão da repressão surge nas próprias declarações oficiais, visto que, segundo Djakarta, uns 540.000 prisioneiros terão sido libertos em dez anos. Mas essa repressão não cessou com a eliminação do Poder de Sukarno e dos seus amigos: ela continua, como o provaram as prisões em massa de Janeiro de 74. Se as libertações foram numerosas, as novas prisões também o foram.

O Poder dividiu os **tapols** em três categorias: A — pessoas directamente implicadas no **golpe de Estado comunista**); B — as pessoas indirectamente implicadas nesse mesmo golpe); e C — as que nele poderia estar indirectamente implicadas). Ao ritmo passado e actual dos processos (uns cem por ano), ainda serão necessários uns vinte e cinco anos (isto a acreditar nos números oficiais manifestamente truncados) para que todos os «A» sejam julgados. Como foram presos em 1965, os últimos a ser julgados terão então vivido trinta e cinco anos na prisão. (1.)

A sorte dos «B» e dos «C» é ainda menos invejável. Ninguém fala de processo, no que lhes diz respeito, e são eles quem povoa o sinistro campo de concentração da ilha de Burn, onde «vivem» entre oito a dez mil pessoas. O Poder quis apresentar Buru como uma tentativa de colonização agrícola, mas o certo é que se trata de um autêntico campo, instalado numa das terras mais inóspitas que imaginar se pode, e de condições climatéricas duríssimas. Muitas centeas de famílias juntaram-se aos presos e partilham da sorte deles, instaladas no campo número 4.

Entre os **tapols de Buru** encontra-se Praanoedya Aranta Toer, grande escritor preso em 1945, pelas suas actividades nacionalistas, de novo encarcerado em 1960, por Sukarno, e a quem, há dez anos é recusado papel e lápis. Três dos seus irmãos estão presos (um deles também em Buru) e a família vive em Djakarta numa grande pobreza.

TRABALHO FORÇADO

Buru é o caso mais conhecido. Nusakanbangan é-o menos: quatro mil **tapols** «vivem» nesse campo do centro meridional de Java. Estão reduzidos ao trabalho forçado, mão-de-obra gratuita para lucro dos responsáveis do campo (muitos **taps** trabalham para empresas privadas nas quais os oficiais têm interesses, ou para empresas públicas ou ainda para militares que tomaram ao seu serviço estes servos de um novo género). Os detidos são mal alimentados, mal vestidos, não têm nada para se lavar nem para se cuidar. É quase impossível às famílias visitá-los.

Pensa-se, de resto, que menos de 15 por cento dos **tapols** indonésios recebem de vez em quando visitas e que só menos de 3 por cento têm visitas regulares. A tuberculose e as doenças de pele dizimam campos e prisões. Os membros das famílias dos **tapols** são, por sua vez, frequentemente, vítimas indirectas dessa situação, visto terem dificuldades em encontrar trabalho. E para dar provas da sua «reabilitação», 50 por cento das mulheres dos presos divorciam-se.

Este drama pode durar ainda muito tempo. A ausência de pressão internacional ajuda consideravelmente o regime. Porque, se todos os partidos suecos enviaram recentemente um telegrama de protesto a Djakarta em que outra capital se elevaram vozes denunciando o escândalo? A falar verdade, o «caso» de 30 de Setembro de 1965 foi considerado muito positivo no conjunto do Mundo Ocidental. Intervindo em plena guerra da Indochina, quebrava os rins a um movimento revolucionário no maior e mais rico país da Ásia do Sudeste; seguiu-se-lhe rapidamente uma chegada maciça ao arquipélago de investimentos estrangeiros e deu-se uma assistência internacional de peso: a do consórcio intergovernamental (de que a França é membro), e a de organismos como o Banco Mundial.

A «manutenção da ordem» — condição principal do «auxílio» ocidental — passará pela manutenção na prisão de dezenas de milhares de **tapols**? Se assim é, o Ocidente, para preservar e fazer justificar os seus interesses, é claramente cúmplice dos autores do sistema concentracionário indonésio. Se, pelo contrário, a resposta é negativa, o seu silêncio é ainda mais estranho, por não ter nenhuma «justificação» de auxílio financeiro e económico. Em ambos os casos, o «mundo livre» é corresponsável — com o regime de Djakarta — do aviltamento da grande **multidão dos tapols**. — **J.D.**

(1) — Se se admitir, o que não foi provado, que o P.C. indonésio ou uma das suas facções fomentou um «putsch» um tal «complot» não podia ter sido feito por... milhões de pessoas. Não são somente os culpados (se os há) as vítimas do massacre e das prisões, mas um grande número de indonésios, que são e continuam a ser vítimas de uma implacável caça às bruxas.

© (Le Monde)

Geral

Tomás Rosa (na TV) criticou os metalúrgicos

Afinal, o diferendo que opõe o ministro do Trabalho e o respectivo secretário de Estado à Federação dos Metalúrgicos não terminou com a aceitação, na terça-feira, das reivindicações que os trabalhadores da classe levaram à Praça de Londres com uma manifestação que reuniu largos milhares de operários.

Assim, aquelas duas personalidades falaram ontem, através da RTP da manifestação, da portaria que está, essencialmente, na base de tudo isto e de conversas que foram tidas no dia anterior ao da manifestação.

O capitão Tomás Rosa criticou desde logo a actuação dos milhares de metalúrgicos que se reuniram em frente ao seu Ministério mas, referindo que foi por diversas vezes vaiado, bem como o secretário de Estado de Trabalho, Marcello Curto (provavelmente por não metalúrgicos).

Para o actual ministro do Trabalho que foi empossado com o VI Governo, as medidas desagradáveis que possam vir a ser tomadas justificam-se com um pretenso erro do Gocjerno anterior, classificando de coxa a Portaria do V Governo que prevê novas tabelas salariais para o sector dos Metalúrgicos.

Daí que, em sua opinião, tudo o que vier a seguir venha a sofrer do mesmo mal: «agora é preciso arranjar, para tratar do resto que falta, ou um contrato colectivo coxo, ou uma outra portaria também coxa». Deste modo «ficarão duas coisas coxas a regular o sector metalúrgico que, efectivamente é demasiado importante para que se brinque com ele.»

. Dentro da mesma linha, o ministro Tomás Rosa acusou um dirigente da Federação de ter proferido várias e descaradas mentiras quando usou da palavra na Praça de Londres.

«O direito — disse, contrariando palavras suas e o próprio acordo a que se chegou na noite de terça-feira — assiste a todos. Não assiste só aos trabalhadores; nem assiste apenas aos patrões. Porque nós temos de respeitar os homens sérios deste País, sejam eles apenas trabalhadores ou sejam patrões». E o ministro ficou triste por ter sido vaiado quando se referiu aos salários de miséria dos camponeses.

E até insinuou, entre outras declarações, que a direcção da Federação não seria representativa ou que não lhe repugnaria tomar decisões nas costas dos trabalhadores.

A FEDERAÇÃO RESPONDEU

Em declarações prestadas ao «Diário de Notícias» pela Federação dos Metalúrgicos, «o repúdio e a indignação por tais declarações» foram a primeira reacção.

«O que aconteceu é que o ministro teve a infelicidade de dizer-nos coisas que não gostou de ouvir repetidas em público» — afirmou a direcção da Federação, asseverando que a mentira e demagogia tinhàm sido armas usadas sim na exposição que o ministro e o secretário de Estado do Trabalho tiveram diante das câmaras.

Para a direcção, «a prova de que não mentimos é que o senhor ministro não ousou desmentir-nos, quando se dirigiu aos muitos milhares de manifestantes».

A direcção da Federação continuou, nas declarações que prestou ao nosso colega, afirmando que «o ministro concordava ter recebido há já alguns dias representantes da C. I. P. E criticara a dura luta dos nossos irmãos camponeses do Alentejo, que apelidou de oportunistas, porque dizia ele, apenas um por cento das terras ocupadas estavam incultas, enquanto os outros 99 por cento eram terras bem cultivadas, com as colheitas feitas e o vinho nos armazéns».

«A classe operária está com a Reforma Agrária» — continua a direcção. «E se o ministro foi vaiado quando na Praça de Londres, se referiu aos salários dos camponeses é porque estava a ser demagógico. (...) Já neste momento estamos a ajudar esses mossos irmãos e tudo faremos para o avanço da Reforma Agrária».

MORREU OUTRO POLÍCIA

MADRID, 9 * (R.) — Morreu em Madrid, durante a noite, o polícia espanhol que ficou ferido em consequência de um ataque desencadeado por guerrilheiros urbanos, na semana passada.

A sua morte elevou para dez o número de polícias que perderam a vida em Espanha desde o fuzilamento de cinco guerrilheiros urbanos, em 27 de Setembro. Dois agentes foram mortos ontem.

GEORG LEBER FOI AOS COMANDOS

A convite do Presidente da República, general Costa Gomes, encontra-se em Lisboa, para uma visita de três dias, o ministro da Defesa da Alemanha Ocidental, Georg Leber.

Qual o motivo da visita? Da Embaixada da Alemanha Federal chegou-nos uma resposta discreta:

. «As autoridades portuguesas que digam qualquer coisa...»

. Conseguimos apurar, no entanto, que os temas principais que Leber debaterá nas suas conversações com o general Costa Gomes e outros dirigentes portugueses (um dos quais o dr. Mário Soares) se referem à defesa, e, em especial, à posição do M.F.A. relativamente à N.A.T.O.

Esta manhã, Leber avistou-se com o general Costa Gomes, almirante Pinheiro de Azevedo e elementos do Ministério dos Negócios Estrangeiros. À tarde deslocou-se aos Comandos da Amadora, e, horas depois, aos Fuzileiros Navais do Continente.

Nos próximos dias, avistar-se-á com Francisco Sá Carneiro (P.P.D.) e com o Cardeal Patriarca, D.António Ribeiro.

AMANHÃ EM LISBOA

COMÍCIO DO P.P.D. COM SÁ CARNEIRO

O Partido Popular Democrático anuncia para amanhã à noite um comício em Lisboa. A sessão é no Campo Pequeno, começa às 21 e 30 e deve falar Francisco Sá Carneiro, supõe-se que no termo da sessão e depois de terem usado da palavra outros elementos da Comissão Política Nacional do partido.

O comício está a ser aguardado com uma certa expectativa. Por um lado, é no Campo Pequeno, e sabe-se que só em especiais circunstâncias uma organização política convoca os seus militantes para aquela praça, sendo, aliás, de assinalar que nem todos têm feito esta espécie de teste. Trata-se então de saber a capacidade de mobilização do P. P. D., numa cidade como Lisboa, onde a sua expressão não é muito significativa.

Por outro lado, falará Sá Carneiro e é a primeira vez que este dirigente participa em sessões públicas depois do seu regresso ao partido e à vida política.

F.U.R. E P.C.P.: CINCO MANIFESTAÇÕES NO ALGARVE

A Frente de Unidade Revolucionária e o Partido Comunista Português anunciam para hoje cinco manifestações de rua no Algarve. Locais: Lagoa, Portimão, Faro, Silves e Vila Real de Santo António.

Todas as manifestações começam às 18 e 30. Da propaganda que as anuncia, consta que elas se inserem num movimento contra os ataques reaccionários aos órgãos do poder popular, contra os saneamentos à esquerda e por um governador civil que apoie o desenvolvimento do poder popular.

Lembra-se que o actual governador civil do distrito de Faro tem sido ultimamente objecto de uma campanha de contestação liderada pelo Partido Socialista.

MANHÃ NA PRAÇA

Não há dinheiro não há fregueses

Hoje, no mercado da Ribeira continuava-se a falar da cena de tiros que ontem teve lugar na cantina da praça, às 6 e 30 da manhã. Como noticiámos, um guarda da P. S. P., acusado de pertencer à ex-D. G. S. por individuos de cor, acabou por disparar tendo ferido cinco homens, um dos quais tomava, sossegadamente, o café da manhã.

Este incidente mereceu os comentários mais diferentes e foi aproveitado por alguns para, sem atenderem aos problemas essenciais, virem à baila com o chavão do excesso de liberdade. Assim, por momentos foi afastada a preocupação da carestia dos géneros de primeira necessidade que continuam a preços proibitivos. Uma vendedeira de galinhas e frangos a 25 e 38$00/kg respectivamente, queixa-se da venda que vai má e acrescenta «Não há dinheiro, a freguesia não compra».

Continuando no sector da carne, vimos o bife de vaca a 100$00, o lombo de porco limpo a 120$00, e a carne de porco a 99$80. O peixe bom não está por menos com a pescada branca a 115$00, o pargo a 60$00, o peixe-espada a 55$00, os chocos a 45$00, o polvo a 33$00, a xaputa e o chicharro a 24$00 e a sardinha a 14$00.

No que se refere aos mariscos, uma pedra da Ribeira exibia várias qualidades de camarão descriminadas por letras de seguinte maneira: tipo Q a 180$00/kg; S. a 170$00 e SS a 155$00. Para quem preferir o camarão já descascado o preço é de 155$00. As pernas de caranguejo de Moçâmedes que se vendiam bem a 120$00/kg não chegam agora à praça do Cais de Sodré porque ficam retidas na fronteira de Espanha.

«No Verão (repetimos o que nos foi afirmado por uma vendedeira) há variedade de fruta e como apetece vende-se bem. Agora no Inverno o ritmo de venda diminui e os preços não são convidativos.. A uva preta vende-se a 10$00, a branca a 15$60, as tanjas a 18$00, a maçã e o pero a 13$00, a laranja a 20$00, o limão a 39$00 e os pêssegos a 39$00. É claro que isto não são preços únicos pois consoante a qualidade, assim encontramos variações no custo, de modo que as peras podem ser acompanhadas de um papelinho que marca 15$60 e uns passos mais à frente vamos encontrá-las a 16$90.

Os legumes enchiam várias pedras do mercado da Ribeira onde a batata se vende a 5$50, a cebola a 7$00, os pimentos a 8$00, a cenoura a 10$00, o pepino a 5$00, e os alhos a 40$00/kg. Hoje uma vendedeira comprou uma mão de nabos por 35$00 e por isso pedia às freguesas 5$00 por unidade. Vai escasseando o tomate de boa qualidade e assim o preço desceu até 2$00, noutros casos mantém-se a 4$00 e 5$00 como já estávamos habituados a vê-los.

EM CARCAVELOS "MANIF" DE APOIO AO PODER POPULAR

A fim de divulgar as razões que levaram a população de Carcavelos a apoiar o 1.º Encontro das Organizações Populares da freguesia de S.Domingos de Rana, o secretariado da manifestação que para o efeito é promovida no próximo domingo reuniu-se, esta manhã, na Sociedade Recreativa Musical daquela vila, com os representantes dos órgãos de Informação, referindo o facto de em S.Domingos ter sido constituída a 1.ª Assembleia Popular de Cascais e, num manifesto lido a propósito, assinalar que os «saneamentos selvagens» prosseguem e os ataques a sedes de partidos progressistas ainda não estancaram.

Realça-se no documento que a situação do País levanta outros e sérios problemas ao avanço do processo democrático e que «cada vez mais a crise política e militar abre as portas ao avanço da reacção». Acentua o manifesto que essa mesma ofensiva procura «como alvos preferidos os elementos progressistas do M.F.A.», enquanto um outro documento, aludindo à ordem dos trabalhos para o Encontro de domingo, na Escola Primária de S.Domingos de Rana, levado a cabo por trabalhadores e moradores do local, apresenta como pontos para discussão: Habitação e Urbanização; Transportes e Comunicações; Organização de Associações Populares; Saúde e Higiene; Batalha da Economia; Actividades Recreativas e Culturais; Ensino e Assistência; Multinacionais; e Pequenos Comerciantes, Industriais e Agricultores.

Os temas (10) serão discutidos entre as 10 e as 12 horas, as 14 e as 16 em várias secções, e no intervalo efectuar-se-á um almoço-convívio nas instalações da Escola Primária de S.Domingos de Rana. A partir das 17 um plenário encerrará a jornada e terá a presença, entre outros, de elementos do M.F.A. e de autores de canto livre.

EQUIPA SAAL DE LAGOS

1. Foi publicada no «Diário do Governo», número 171, III Série, de 26 de Julho de 1975, a escritura de constituiçao da **ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA BOA HORA**, em **Portimão.**

2. Foi publicada no «Diário do Governo» número 171, III Série, de 26 de Julho de 1975, a escritura de constituição da **ASSOCIAÇÃO DE MORADORES UM DE MAIO**, em **Monchique.**

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA
DEPART. DE CONFECÇÕES
Av. João XXI, 5-D—R. Infantaria 16, 55-C—LISBOA

Aumente as suas vendas
Distribua...
BALÕES PUBLICITÁRIOS
Fábrica Nacional: LATEX - DOURO, LDA.
R. Central Francos, 779
Telef. 65370 — PORTO

Pasta Medicinal Couto
Evita e trata doenças da boca
PORQUE É MEDICINAL

INCIDENTES NO PORTO

Continuação da pág. 1

A cronologia dos acontecimentos que se seguiram pode ser dada da seguinte forma:

. 21 e 30 — Os soldados que se encontravam nos muros do R.A.S.P. dirigem-se, por megafone, aos populares que protegiam a unidade aconselhando calma. Um deles afirmou noneadamente: «Peço-vos que se mantenham calmos, calados e não respondam a provocações. Todos juntos tomaremos as atitudes que julgarmos convenientes mas não vamos nós provocar ninguém.» Entretanto grande número de elementos da manifestação do P.P.D. permaneciam diante dos muros do quartel, do outro lado da Avenida Marechal Carmona, proferindo «slogans» e hostilizando os seus opositores com frases como «assassinos», «Chulos» e «soldado é do povo não é de Moscovo».

22 e 15 — Os populares que se encontram junto dos muros reorganizam cordões de segurança afastados uns dos outros por alguns metros, atrás dos quais, se concentram centenas de outros companheiros. O número destes aumentou consideravelmente, já que na altura da chegada da manifestação não iam além de escassas centenas. A primeira fila destes populares é constituída por pessoas com capacetes de motorizadas na cabeça.

22 e 30 — Do lado dos manifestantes do P.P.D. são dados tiros de pistola, tudo indicando, pelo som dos disparos, tratar-se, nessa altura de pistolas de alarme. Pouco depois, cordões de soldados constituem um triângulo em pleno centro da avenida procurando afastar a hipótese de aproximação dos manifestantes. Entretanto um soldado que se encontrava num desses cordões é agredido.

Utilizando o megafone, os soldados repetem apelos à calma, do alto dos muros do quartel, enquanto do outro lado as palavras de ordem e as frases dos manifestantes se repetem também. A breve trecho começam a ser atiradas pedras de um e do outro lado, verificando-se correrias dos manifestantes que se encontravam na avenida e dos que se encontravam junto dos muros do quartel. Esta situação prolongou-se durante bastante tempo ameaçando agravar-se a todo o momento, já que os disparos de pistolas se faziam ouvir, tudo indicando não serem já pistolas de alarme. Alguns dos feridos começam a ser transportados em braços para o interior do R.A.S.P., a fim de receberem tratamento.

23 e 30 — A situação registou uma sensível alteração nesta altura quando um tanque «Sherman» saiu do interior do quartel e se dirigiu para a avenida com soldados armados de G-3 perseguindo os manifestantes. Nessa altura os elementos do P.P.D. afastaram-se para uma distância considerável, e durante mais de meia hora a situação recuperou completa tranquilidade. Foi a altura de repórteres da TV e da Rádio efectuarem o seu serviço em plena avenida, quer filmando, quer fazendo entrevistas. Vários jornalistas de jornais portugueses e estrangeiros puderam então circular livremente em frente dos muros do R.A.S.P. enquanto os populares que defendiam a unidade recompunham os cordões de segurança sendo dada ordem determinante por um oficial que comandava o «Sherman» para se manterem no mais absoluto silêncio. O tanque, que havia subido a Avenida Marechal Carmona, desceu depois para se colocar no meio daquela artéria voltado para o Café Mucaba.

0 e 30 — Chegam várias viaturas da Polícia Militar e autometralhadoras que tomam lugar no centro da avenida. Algumas camionetas militares transportam também diverso pessoal armado. São recebidos com palmas e alguns militares levantam as mãos aconselhando calma.

. Nessa altura, do lado do Jardim do Morro, em frente ao R.A.S.P., reaparecem militantes do P.P.D. que se agrupam, repetindo as frases já acima referidas e a sigla do seu partido. A tensão aumenta de forma muito particular, criando-se de novo um ambiente de expectativa, enquanto os oficiais iniciam troca de impressões sobre as medidas a tomar. Pouco depois um novo tanque «Sherman» desce a rampa de acesso ao quartel e toma lugar na Avenida. Os militares destas viaturas de guerra são novamente hospitalizados pelos manifestantes que aumentam progressivamente de número e são contidos por um cordão da Polícia Militar.

0,40 — Chegam duas «Berliets» com militares do Copcon comandados pelo capitão Rocha e alferes Sampaio. Enquanto de um lado se ouve «Morte à canalha» e «Assassinos» do outro redobra-se a disposição dos cordões de segurança e continuam a ser dadas ordens do mais completo silêncio. Os oficiais do R.A.S.P., da P.M. e do Copcon promovem uma reunião em plena Avenida para estudar a situação, acompanhados por representantes dos populares que defendem o R.A.S.P., convocados para esse efeito. Os jornalistas rodearam esse pequeno grupo e puderam constatar não serem unânimes as opiniões sobre as medidas a tomar. O capitão Rocha afirmava que os elementos do P.P.D. eram manifestantes que estavam a manifestar-se e pretendia que os populares que se encontravam junto ao quartel fossem dispersados. Nessa altura, tomava também parte nas conversações o major Aragão, 2.º comandante do R.A.S.P. O oficial do R.A.S.P., aspirante Teixeira Marques afirmava só haver um caminho: ou todos dispersam, de um e de outro lado ou todos ficam calados, e em ordem, sob vigilância dos militares. Os representantes dos populares insistiam no facto de terem sido agredidos, insultados e apedrejados por manifestantes que se dirigiram àquela unidade na sequência de uma convocatória feita na Praça Humberto Delgado.

As conversações revelam o impasse e os oficiais acabaram por se dirigir todos para o interior do R.A.S.P. para discutir novamente. No local das confrontações recomeçam as pedradas lançadas do exterior enquanto os populares que defendiam a unidade levantam uma barreira de taipais, retirados de uma obra próxima para servirem de escudo. Alguns feridos recomeçam a ser transportados para o interior do quartel enquanto as ambulâncias da Cruz Vermelha, da S.N.A. e do 115, prosseguem a sua tarefa iniciada já muito antes no, transporte de feridos para hospitais do Porto.

02,30 — Um oficial da Polícia Militar utiliza o megafone para fazer em plena Avenida o ponto da situação, afirmando nomeadamente que o P.P.D. é ordeiro e vem manifestar-se, dizendo estar convencido de que toda a gente irá despersar. Manifestantes do P.P.D. gritam então «Vitória», após o que se segue nova saraivada de pedras lançadas em direcção aos muros do R.A.S.P. A situação de impasse recebem meça e novos peridos recebem tratamento no interior do R.A.S.P.

04.00 — Por volta desta hora, os populares que se encontravam junto do quartel recuam porque, segundo informações recebidas, as conversações entre os militares decidiram a utilização de granadas lacrimogeneas. Os próprios tanques «Sherman» recolhem, por acessos vizinhos, para junto da porta de armas do R.A.S.P. Nesta altura, não nos foi possível ver o que efectivamente se passava mas os rebentamentos das granadas foram vários e durante longo tempo, ao mesmo tempo que foram disparados tiros de armas automáticas. Foi um momento de grave expectativa, pois que se receava que os militares disparassem uns contra os outros, segundo afirmavam diversas pessoas. Tal não sucedeu mas, os muros do R.A.S.P. foram atingidos por bastantes disparos. Foram 15 minutos de intenso tiroteio, tudo levando a crer que os disparos para o ar visassem o afastamento definitivo de quantos se encontravam de um e de outro lado da avenida. Às 5 horas os manifestantes do P.P.D. haviam dispersado por completo e foi possível a imediata recolha de todos os militares e respectivas viaturas.

As barricadas de taipa levantadas ao fundo da rampa permaneceram embora já sem populares por detrás delas, que se concentraram nas duas vias de acesso à porta de armas, onde haviam sido levantadas as barricadas com paralelepípedos da rua.

Os feridos contam-se por várias dezenas, a maior parte dos quais, resultantes da confrontação que precedeu à chegada dos tanques e das viaturas militares. Só no Hospital de Santo António recebram tratamento 51 pessoas ficando internadas 3 delas devido a balas disparadas (José Leal Almeida, casado, serralheiro; Camilo António Borges Freitas, de 47 anos, casado, empregado comercial e José Flores Mosim, de 38 anos, casado contabilista.) Grande número de feridos receberam tratamento no Hospital de Gaia enquanto outros foram levados para o Hospital Militar Regional (4 soldados), atingidos com pedradas.

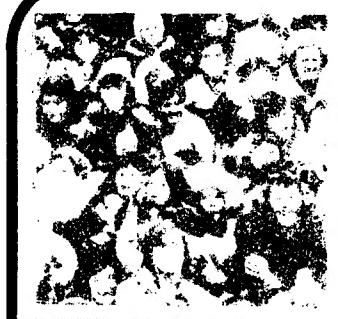
P C P RECLAMA AO PRESIDENTE

Ao fim da noite de ontem, a Direcção de Organização Regional do Norte do Partido Comunista Português enviou ao Presidente Francisco da Costa Gomes, o seguinte telegrama:

. «A Direcção da Organização Regional do Norte do P. C. P. chama a atenção de V. Ex.ª infame manifestação contra-revolucionária Partido Popular Democrático transformada em enorme arruaça de criminosos, baleando a matar populares e soldados à volta do R. A. S. P. Demonstrando claramente quem altera ordem e disciplina cívica, P. P. D. revela sua face fascista, antidemocrática, antisocialista. Reclamamos enérgica intervenção V. Exca.

O PROTESTO DA F U R

Às 4 horas da madrugada foi distribuído pelo Secretáriado Provisório do Porto da F. U. R. um comunicado em que se denuncia a actuação terrorista do P. P. D. e seus lacaios, que esta noite investiram com violência sanguinária sobre os trabalhadores concentrados à colta do R. A. S. P.».



Ora diga-nos

Sabe o que se passa no Porto?

. Os acontecimentos que, nos últimos dias, têm colocado o Porto na boca de todos, não podiam passar em claro nesta secção. Daí que a pergunta de hoje tenha sido esta: Sabe o que se está a passar no Porto? Que pensa disso? De que lado está a razão?

. **Maria Paula Chaves**, profissional de seguros, estava cheia de pressa. Mas sempre nos disse que tinha ouvido pela Rádio alguma coisa. «Da última noite, em especial», frisou. Mas acrescentou: «Se quer que lhe diga, não sei de que lado está a razão. Não estou tão bem informada como isso.»

. Disse-nos, à pressa, o nome e a profissão e desapareceu de pronto, que o emprego tem hora marcada para se entrar.

Mais calmo estava o sr. **Virgílio Baptista**, empregado de comércio, que nos declarou pensar que «há uma grande crise de autoridade civil e militar».

Quanto ao lado onde está a razão, disse-nos que «é capaz de não estar de lado nenhum».

Reinaldo Pereira, litógrafo de profissão, tem acompanhado de perto o problema, através da Rádio e dos jornais. E, em sua opinião, a coisa é clara:

. «Eu suponho que a razão está sempre do lado do povo trabalhador. E isto não é mais do que uma manobra da direita, à qual o povo e os soldados têm respondido como deve ser. Condeno todos os que querem a social-democracia, que não serve o povo. Condeno, mesmo, o P. S. por isso, por ser social-democrata.»

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

Avenida Visconde Valmor, 34-1.º — Lisboa-1 — Telefone 770274

CONVOCATÓRIA

A TODOS OS TRABALHADORES DO SECTOR DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS

Atendendo a que o patronato do sector dos transportes rodoviários, desde o início das negociações do Contrato a decorrer no Ministério do Trabalho, têm demonstrado não estar interessados em conceder no mínimo as justas reivindicações dos trabalhadores ligados a este ramo de actividade, antes pelo contrário têm tentado por todas as formas evitar que se chegue ao bom termo das negociações, demonstrando até que estão à espera de um possível governo de direita que os venha a favorecer, as Direcções dos Sindicatos signatários decidiram acabar de vez com a demagogia e choradeira apregoada pelas entidades patronais.

Assim, convocam-se todos os trabalhadores dos transportes rodoviários a comparecerem no próximo dia 13 de Outubro de 1975, segunda-feira, pelas 21 horas no Pavilhão dos Desportos, para todos em conjunto encontrarmos em Plenário a melhor forma de vencer a oposição contra-revolucionária da entidade patronal.

Não queremos um Chile em Portugal, mas certamente saberemos encontrar formas de luta.

EM FRENTE POR UM CONTRATO VERTICAL JUSTO !
PELA UNIDADE DE TODOS OS TRABALHADORES !
NÃO FALTES... COMPARECE... PARTICIPA !
PARTICIPAR É ESTAR COM A REVOLUÇÃO !

OS SINDICATOS SIGNATÁRIOS

TRANSPORTES RODOVIÁRIOS
METALÚRGICOS DE LISBOA
EMPREGADOS DE GARAGENS
ELECTRICISTAS DO SUL
ESCRITÓRIOS

Nacional

A VERDADE CRUCIFICADA

MANUEL ANTA

Pouco a pouco instala-se na vida política portuguesa o hábito de crucificar e «travestir» a verdade em nome da ordem, da disciplina, da burguesia e da «revolução». Não se espere que a nossa atitude se concretize com um «amen», porque essa espectativa terminaria com uma grande e cruel desilusão...

Processam-se os jornais por estes terem divulgado o plano dos coronéis, mas não se processam as pessoas nem os partidos que, quotidianamente, fabricam boatos e inexistentes intentonas. Em boa lógica, isto significa que os «maus» são aqueles que denunciam **os reais e efectivos golpes da direita**, e que os «bons» são **os que falam em golpes da esquerda que de verdade nada possuem.**

Fala-se constantemente em «revolução» e em «revolucionários», mas **saneiam-se todos aqueles que efectivamente o são** e que lutam por uma revolução real e sem aspas. Discursa-se com ar compenetrado — **os hipócritas!** — sobre a «revolução», mas, incessantemente, minam-se as suas bases e o seu potencial humano: **o poder popular e as suas vanguardas.**

Fala-se em divisionismo, mas nas esferas dirigentes do nosso país ninguém põe o acento sobre o divisionismo não muito longínquo (porque sempre presente) dos «nove» e todos aqueles que **pretendem criar o «socialismo» sobre o cadáver das conquistas populares e revolucionárias do povo trabalhador.**

Contra aqueles que praticam o «crime» de não **serem cegos, nem pobres de espírito**, destila-se o veneno semelhante ao da «velha senhora» com fins que só os inocentes ou os cúmplices pretendem não compreender.

Trai-se e pratica-se a repressão da maneira mais aberta em nome dum pseudo e mais que contestável «caminho para o socialismo».

Contra esse cretinismo «revolucionário», cada dia mais amplo e evidente, uma só solução: **denúncia sistemática, mobilização e ofensiva permanente.** A hora é de luta.

Para concluir (e como diria o tio Zé) **que cambada de aldrabões...**

BEJA

C.A. DO GRÉMIO DA LAVOURA EXPLICA MOTIVOS DA RENÚNCIA

A comissão liquidatária do Grémio da Lavoura de Beja esclarece, num extenso comunicado, os motivos que a levaram a renunciar do cargo que vinha a desempenhar desde 24 de Julho último, data em que foi empossada após nomeação por despacho ministerial. Esses motivos inserem-se nos seguintes factos:

«Não resolução por parte do Ministério do Trabalho da situação de um elemento desta comissão, o que originou a impossibilidade de o mesmo desempenhar, cabalmente, a sua missão, especificamente no que se refere à contabilidade.

«Colaboração deficiente do Instituto dos Cereais e Sociedade Central de Cervejas relativamente à recepção e escoamento da produção, o que conduziu ao atraso na recolha dos cereais referentes à presente campanha, com todos os prejuízos que daí advêm.

«Falta de resposta a problemas concretos, postos por esta comissão ao Instituto dos Cereais, nomeadamente no que se refere a:

«a) Recepção de cevadas dísticas não inscritas — mais de 1 000 000 kg — pertencentes na sua quase totalidade a pequenos e médios agricultores que desejam, a todo o custo, fugir das garras dos intermediários.

«b) Armazenagem e comercialização de aveia e cevada vulgar, aguardando-se ainda hoje a deslocação a Beja de um técnico do Instituto dos Cereais, no sentido de se dar uma resolução ao problema.

«c) Comunicação e transferência das verbas que têm estado a ser descontadas aos produtores e provenientes das dívidas destes ao grémio o que como se depreende nos tem acarretado sérios problemas.

«d) Falta de directrizes relativamente à concessão ou não de crédito para aquisição de sementes, o que acarreta toda uma situação de incerteza no espírito dos agricultores já que nem todos querem ou podem recorrer ao Crédito Agrícola de Emergência.»

ATÉ QUANDO DECLARAÇÕES CALUNIOSAS?...

Mais adiante, o documento diz:

«E como se todas estas situações de verdadeiro emperramento e contradição não bastassem para incentivar o nosso descontentamento surgem as declarações feitas por um elemento do Secretariado da Liga dos Pequenos e Médios Agricultores ao ministro da Agricultura em Évora e a que perante as mesmas esta comissão liquidatária põe os seguintes considerandos em face das declarações produzidas em Évora em 24.9.75 pelo secretário da Liga do Distrito de Beja, Tibério Ventura Vinagre, aquando da visita do ministro da Agricultura, acusando as comissões liquidatárias dos Grémios da Lavoura deste distrito de concederem indevidamente crédito agrícola de emergência a 'agrários' que não merecem o aval da Liga, se pergunta:

«1.º **Quais as comissões liquidatárias que assim procederam, e qual a razão por que o secretário da Liga as não nomeou?**

«2.º Quais os casos concretos em que tal crédito foi concedido?

«3.º **Por que não merecem confiança ao secretário da Liga comissões compostas por pessoas que o Governo considerou política, profissional e pessoalmente idóneas para a respectiva composição?**

«4.º **Por que razão merecerão as comissões que estão actualmente a ser nomeadas maior confiança que as anteriores, continuando a desprezar-se ostensivamente a possibilidade de eleições democráticas que parece ser a via certa de qualquer escolha para cargos sociais?**

«5.º Terá o secretário da Liga mais competência que o Governo para nomear comissões liquidatárias, e maior idoneidade moral que as comissões que levianamente acusa?

«6.º **Até quando declarações caluniosas, difamatórias e infundadas continuarão a ser publicadas sem uma responsabilização imediata e também pública dos seus autores?»**

E a terminar, afirma: **«Por todos estes motivos, julga esta comissão liquidatária estar plenamente consciente da posição assumida exigindo que haja um inquérito aos factos apontados e uma resposta concreta do secretariado da Liga.»**

COSTA GOMES EM BELGRADO NO FIM DO MÊS

A convite do ministro dos Negócios Estrangeiros, major Melo Antunes, chega a Lisboa no próximo dia 12, para uma visita oficial a Portugal que se prolongará até ao dia 14, o vice-presidente do Conselho Executivo Federal e secretário federal para os Negócios Estrangeiros da República Socialista Federativa da Jugoslávia, senhor Milos Minic.

Durante a visita, retribuição da que o ministro dos Negócios Estrangeiros do III Governo Provisório, dr. Mário Soares, efectuou à Jugoslávia no passado mês de Janeiro, Milos Minic avistar-se-á com várias individualidades políticas portuguesas e presidirá a delegação jugoslava que efectuará conversações com uma delegação portuguesa presidida pelo major Melo Antunes.

As conversações terão por objecto diversos assuntos de interesse comum à Jugoslávia e a Portugal, figurando entre os pontos da ordem de trabalhos a preparação da visita do presidente da República Portuguesa, general Francisco da Costa Gomes, à Jugoslávia, no final do corrente mês.

AOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DO MATERIAL ELÉCTRICO

COMUNICADO CONJUNTO DOS SINDICATOS

(Conforme foi deliberado pelos Direcções Sindicais e Delegados Sindicais da Indústria do Material Eléctrico presentes na entrevista de 6/10/75 com o Senhor Secretário de Estado do Trabalho).

Conforme informação da Secretaria de Estado do Trabalho tornada pública através dos órgãos de comunicação Social rectificando o seu comunicado de 3/10/75 — a VERDADE esteve sempre do lado dos Trabalhadores e das suas Direcções sindicais.

Enquanto que no comunicado de 3/10/75 se dizia: «(...) vem declarar que nem o Ministro do Trabalho nem o Secretário de Estado mandaram retirar da Imprensa Nacional qualquer Contrato ou Acordo Colectivo de Trabalho ou Adenda a estes, que estivesse (...) para publicação», quatro dias mais tarde o Senhor Secretário de Estado do Trabalho «(...) vem declarar (...) que efectivamente houve a retirada dos Contratos e Acordos Colectivos de Trabalho da Imprensa Nacional (...)».

A afirmação «São, pois, falsas e caluniosas as afirmações expressas (...)» no comunicado dos Sindicatos dos Electricistas do Sul, Centro e Norte de 2/10/75 diremos somente que os factos confirmaram a não veracidade da afirmação citada e nisto os Sindicatos nunca se sentiram atingidos como é óbvio..

Sentem-se atingidos, sim, porque o comunicado de 3/10/75 da Secretaria de Estado do Trabalho é uma manobra divisionista calculada intencionalmente, pois era do conhecimento autêntico do Senhor Secretário de Estado do Trabalho a retirada de toda a «documentação» que estava para publicação.

Perguntamos: A QUEM INTERESSA DAR INFORMAÇÕES ERRADAS AOS TRABALHADORES?!

Aos trabalhadores, as Direcções Sindicais alertam para que sempre unidos, organizados e vigilantes em torno do seu organismo de classe não deixem destruir a sua unidade, não se deixem «embalar em cantos de sereia» que só servem para dividir, destruir e aniquilar as suas organizações e as suas justas lutas.

«Dividir para reinar» sempre foi o lema dos exploradores!

ABAIXO A REACÇÃO E A QUEM A APOIAR!

UNIDOS, ORGANIZADOS E VIGILANTES VENCEREMOS!

Lisboa, 8/10/75

Sindicato dos Electricistas do Sul
Sindicato dos Electricistas do Centro
Sindicato dos Electricistas do Norte
Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalomecânica do Distrito de Lisboa

Cunhal em Moscavide num comicio do P.C.P.

Álvaro Cunhal vai hoje à noite a Moscavide para participar num comício do P. C. P. que se realiza no Pavilhão Atlético local.

A sessão tem início às 21 e 30 e o secretário-geral do P. C. P. deve falar sobre o tema genérico anunciado pela propaganda que tem estado a fazer a divulgação do comício: a crise que caracteriza a situação político-militar actual.

SINDICATO DOS JORNALISTAS VOLTA À INTERSINDICAL

Ao fim de três longas assembleias, os jornalistas decidiram a reintegração imediata do Sindicato na Intersindical.

Acentuou-se que as linhas de actuação na Inter serão discutidas em próxima assembleia, a efectuar no próximo dia 16.

A proposta aprovada é subscrita por Rodrigues da Silva, Orlando Raimundo e Fernando Brederode Santos. Registou 60 votos a favor, seis contra e sete abstenções.

Importante: a esmagadora maioria de votos favoráveis a esta posição não significa, no entanto, a existência de um acordo quanto aos problemas de fundo daquela que é a central única dos trabalhadores portugueses.

Efectivamente, e tal como aconteceu nas duas anteriores reuniões para o efeito convocadas, posições divergentes e antagónicas demarcaram, fundamentalmente, três tipos de princípios sobre este problema: um deles pugnando pelo abandono puro e simples da Intersindical; dois outros defendendo a existência da central única como uma vitória dos trabalhadores, mas antagónicos, uma vez que uns subscrevem toda a sua actuação até hoje, e outros a classificam como errada.

Foi censurada a política de direita do M. C. S. — e, através de uma proposta (Brederode, Rodrigues da Silva e Orlando Raimundo), a qual recolheu 58 votos a favor, 7 contra e 17 abstenções, verberaram-se os processos utilizados para a publicação da recente «Mensagem do general Costa Gomes às Forças Armadas Portuguesas».

Foi ainda aprovado um outro documento, relativo ao abusivo convite, formulado pela actual direcção do Sindicato dos Jornalistas, ao ministro da Comunicação Social, dr. Almeida Santos, para este estar presente numa reunião com os profissionais de Imprensa, convite que o ministro aceitou. Esse documento (uma moção de censura subscrita por Maria Armanda Reis aprovada por 41 votos, contra 19 e 4 abstenções), considera, entre outros pontos, «que a Direcção do Sindicato, através de uma decisão antidemocrática e divisionista, visa apresentar, perante um ministro do poder repressivo, uma classe de trabalhadores, a qual terá, a exemplo de outras classes exploradas, de ser ela própria a encontrar caminhos para resolver os seus problemas.»

SINDICATO DOS PROFESSORES

(Zona da Grande Lisboa)

DISCUSSÃO DOS ESTATUTOS

(Especialidade)

O futuro do Sindicato depende da presença de todos os professores.

COMPARECE NA PRÓXIMA QUINTA-FEIRA

DIA 9 DE OUTUBRO, ÀS 21.00 HORAS

NA AULA MAGNA DA REITORIA

DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

ASSINA: A Mesa representativa dos diferentes anteprojectos.

Profissionais da Informação poderão estagiar na Europa

O ministro da Comunicação Social e o secretário de Estado da Informação reuniram-se com o secretário do Conselho de Ministros do Conselho da Europa, Heinz Klebes, tendo [illegible] a possibilidade de cooperação entre Portugal e aquele Conselho no âmbito dos assuntos ligados à Informação pública.

Entre as formas de cooperação a desenvolver a curto prazo, foi encarada a possibilidade de estágios de profissionais da Imprensa, Rádio e TV, nos domínios da Informação e da gestão, em países membros daquele Conselho.

Foi ainda discutida a possibilidade de apoio especializado na elaboração das leis da Rádio e da TV e na estruturação de uma Escola de Informação, apoio esse que terá apenas um caracter consultivo.

Nacional

O repórter de serviço

NUNO GOMES DOS SANTOS

"BROTAR" DISCURSO

Uma funcionária da Embaixada de Cuba em Lisboa lembra ainda hoje, com uma alegria enorme, que há já alguns anos, mal acabara ainda a instrução primária, foi para longe de seus pais, menina e moça a ensinar outros a ler.

Entretanto, Brotas, secretário de Estado do Ensino Superior e Investigação Científica, catedrático do I. S. T., disse, publicamente:

. «Não acredito nem em campanhas de dinamização cultural, nem num serviço cívico, nem em campanhas de alfabetização».

Só? Não senhor. Brotas não se fica por aqui. E diz:

«Aliás, existe um livro espanhol, «Em Defesa da Analfabetização», que versa esse problema».

Um livro, Brotas? Bravo: Brotas conhece um livro. Mais: Brotas conhece um livro espanhol! Chama-se: «Em Defesa da Analfabetização»!

De Brotas haviam já brotado as seguintes brilhantes palavras de confissão pública:

«Sou um burguês. Por isso não represento os camponeses».

Claro, Brotas! Claro!

RESCALDO DOS INCIDENTES NO FUNCHAL

"A FLAMA QUE APAREÇA PARA TROCAR IMPRESSÕES"

. Para se inteirar «in loco», dos recentes incidentes no posto regional da Emissora Nacional, encontra-se na Madeira o capitão Santa Clara. A este oficial, que é natural da Madeira, atribui-se a seguinte declaração, produzida pouco tempo depois de chegar ao Funchal: *Se a FLAMA não concorda com a programação da Emissora, que se identifique e apareça para trocar impressões.*

Pela sua parte, a UPM — União do Povo da Madeira — acaba de distribuir um comunicado através do qual responsabiliza o «Jornal da Madeira» nos incidentes, acusando-o de estar a fazer o jogo da FLAMA.

JUNTA

Não foi ainda encontrada uma plataforma que leve à constituição de nova Junta de Planeamento da Madeira para substituir a anterior, que se demitiu. Para já, sabe-se que o brigadeiro Carlos Azeredo não aceitará a presidência daquele organismo. A comissão militar do brigadeiro termina em Dezembro próximo.

Num programa que apresentou para o funcionamento da Junta, o P. P. D. faz questão de excluir, por diferentes razões, o C. D. S. e o P. C. P.

Entretanto, consta que o Ministério da Administração Interna tem, para o arquipélago, projectos «menos autónomos» do que aqueles que, até agora, têm sido propostos.

INCÊNDIOS

Há cerca de uma semana que surgem focos de incêndio na serra da Madeira, zona de Santa Cruz.

Os fogos aparecem em áreas de difícil acesso e onde não há água. Suspeita-se de fogo posto já que, além do mais, foram por ali encontrados cotos de velas.

A população da área não tem colaborado no combate às chamas, limitando-se a defender as suas casas quando as chamas as ameaçam.

Tapetes também são cultura

Numa política de apoio aos valores culturais nacionais, o Ministério da Comunicação Social promove uma exposição de tapetes de Arraiolos produzidos pela cooperativa de tapeteiras «Fraternidade».

A exposição inaugura-se no dia 13, às 18 h, numa sala do Ministério, estando aberta ao público até ao dia 29 do corrente.

A cooperativa «Fraternidade» formou-se em Novembro do ano passado, como resultado do possível encerramento de uma das maiores fábricas de tapetes da região, e reune 147 tapeteiras, 70 das quais tiveram de recorrer provisoriamente a trabalhos do campo atendendo às dificuldades que têm tido para colocar os tapetes no mercado.

CRISE NO M.E.I.C.

SERVIÇOS EM GREVE

Os trabalhadores dos Serviços Centrais do Ministério da Educação e Investigação Científica entraram em greve, hoje, às nove horas, desencadeando deste modo, uma nova fase da sua luta «pela reparação de injustiças criadas por critérios de classificação de pessoal, feitos em segredo pelas hierarquias e que colidiram com os anseios da maioria dos trabalhadores».

A decisão foi tomada pelos trabalhadores em reuniões gerais havidas ontem no MEIC, para analisar a situação e dar seguimento à luta. A causa próxima desta declaração de greve relaciona-se com o malogro de uma promessa do ministro daquela pasta, Vítor Alves, de resolução do problema até ao dia 7, com prorrogação até ao dia seguinte.

A posição de greve é apoiada pelos seguintes serviços: Direcção-Geral da Administração Escolar, Instituto de Alta Cultura, Secretaria-Geral, Inspecção-Geral do Ensino Particular, Gabinete de Estudos e Planeamento e Direcção-Geral da Educação Permanente.

Aderiram à luta, por vontade expressa da maioria dos trabalhadores, a Direcção-Geral do Ensino Básico, a Junta Nacional de Educação e a Direcção-Geral de Desportos.

A longa «guerra» dos trabalhadores dos serviços centrais do MEIC, data de 1972/73 e surge com a publicação de listas de pessoal dos organismos centrais do Ministério.

SINDICATO DOS PROFESSORES

(Zona da Grande Lisboa)

PLENÁRIO

ESTATUTOS DO SINDICATO

A **CDP** convoca os professores de todos os graus de ensino para o Plenário (continuação do anterior), que se realiza na 5.ª-feira, dia 9/10/75, pelas 21.00 horas, na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa.

Neste Plenário continuar-se-á a discutir na especialidade o projecto de Estatutos do Sindicato.

— **Os Estatutos são importantes.**

— **A mobilização de todos é a garantia da democraticidade da decisão.**

POR UM SINDICATO UNITÁRIO, DEMOCRÁTICO E DE MASSAS!

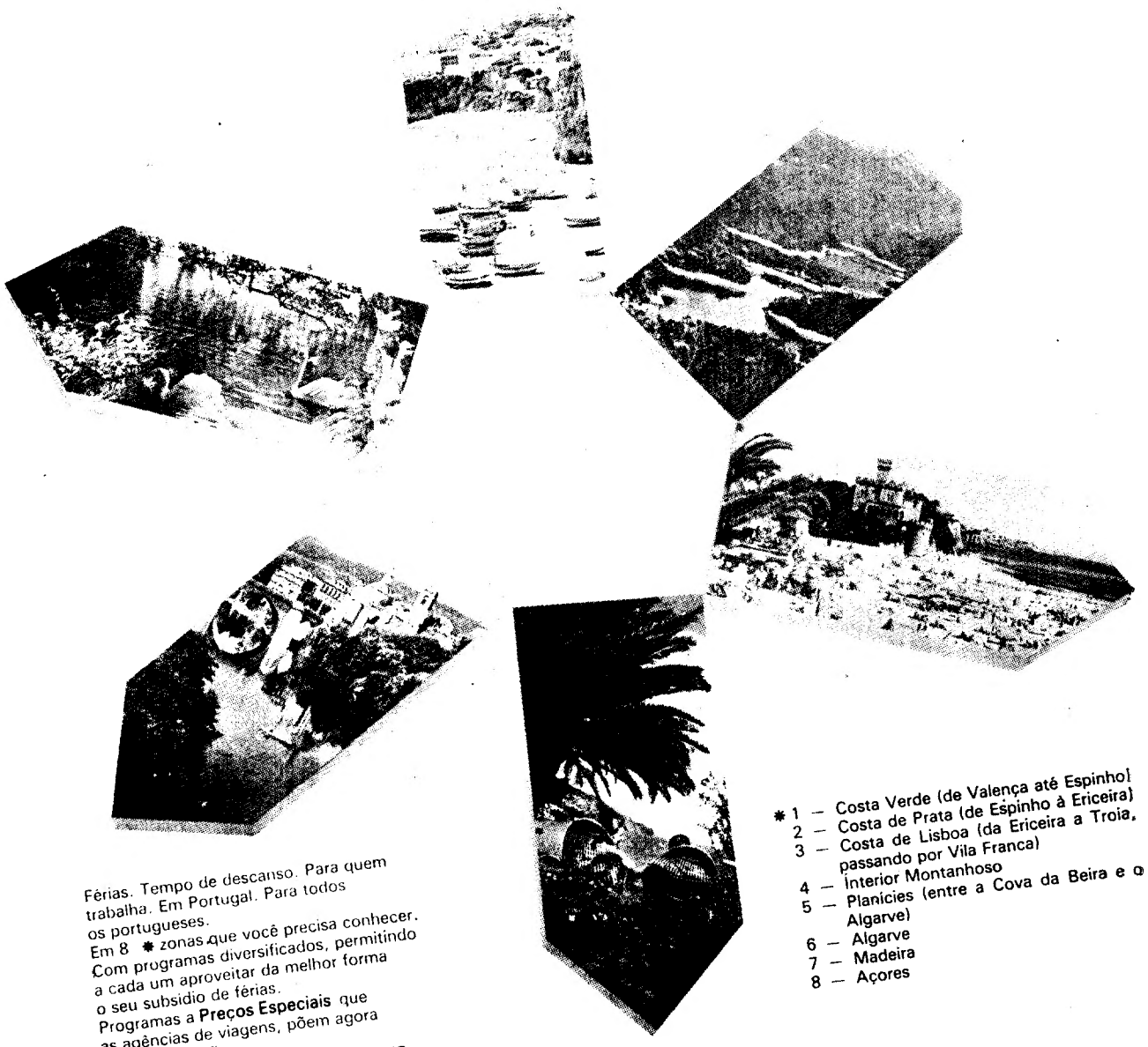
POR UM SINDICATO INTEGRADO NO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO!

POR UM SINDICATO DOCENTE LIGADO À CLASSE OPERÁRIA E AOS TRABALHADORES!

NOTA: Para a identificação deverá ser apresentado o cartão de sócio e **só em último caso** o bilhete de identidade poderá ser apresentado para conferir com os mapas de quotização.

ASSINA: **A COMISSÃO DIRECTIVA**

PARA SI, O QUE SÃO FÉRIAS?



Férias. Tempo de descanso. Para quem trabalha. Em Portugal. Para todos os portugueses.
Em 8 * zonas que você precisa conhecer. Com programas diversificados, permitindo a cada um aproveitar da melhor forma o seu subsídio de férias.
Programas a **Preços Especiais** que as agências de viagens, põem agora à sua disposição.
Peça o **Catálogo de Férias Portuguesas** em qualquer agência de viagens, que o ajudará a escolher a melhor forma de aproveitar os seus tempos de descanso.
Sejam as férias familiares, de fim de semana ou o aproveitamento de um feriado.
Gozar o Sol de Verão, a calma da Primavera ou do Outono ou o descanso reconfortante do Inverno.

* 1 — Costa Verde (de Valença até Espinho)
2 — Costa de Prata (de Espinho à Ericeira)
3 — Costa de Lisboa (da Ericeira a Troia, passando por Vila Franca)
4 — Interior Montanhoso
5 — Planícies (entre a Cova da Beira e o Algarve)
6 — Algarve
7 — Madeira
8 — Açores

Faça férias Portuguesas!

TODO O ANO

SISTEMA

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA METALÚRGICA E METALOMECÂNICA DO DISTRITO DE LISBOA

COMUNICADO

1 ADIAMENTO DAS ELEIÇÕES

Como é do conhecimento geral e foi amplamente divulgado pelo Sindicato, as Eleições para os Corpos Gerentes encontravam-se marcadas para o dia 4 do corrente.

Entretanto, a Mesa da Assembleia, no desempenho das funções que lhe competem pelos Estatutos, verificou que, devido a atraso dos Serviços do Sindicato, os Boletins de Voto (das tres listas) não iriam ser distribuídos dentro do prazo estipulado no n.º 4 do Art.º 84.º dos Estatutos, que obriga à sua distribuição pelos sócios até cinco dias antes da data das eleições.

Este atraso dos serviços verificou-se devido à elevada quantidade de Boletins de Voto que são necessários para estas eleições. Com efeito, em nenhuma das eleições anteriores existiu uma quantidade tão elevada de Boletins.

Verificada a total impossibilidade de cumprir o prazo estipulado nos Estatutos, a Mesa da Assembleia deliberou adiar por uma semana a realização das Eleições, tendo marcado a data de 11 de Outubro de 1975.

Este pequeno adiamento, foi a única solução legal encontrada para poder resolver um problema administrativo.

Pela parte que compete a esta Comissão Directiva, como responsável pela gestão do Sindicato, reconhecemos que possam resultar alguns inconvenientes para a classe com o adiamento das Eleições. Todavia, como se trata apenas de uma semana, o acto eleitoral, no fundamental, não é prejudicado.

Este adiamento a que nos vimos referindo, foi tornado público pela Mesa da Assembleia, em convocatória datada de 30 de Setembro e amplamente divulgada.

2 CADERNOS ELEITORAIS

Porque os ficheiros de sócios se encontram em reorganização, dado que os recebemos muito desactualizados, considerou a Comissão Directiva organizar os Cadernos Eleitorais por moradas de empresas.

Para efeitos de consulta e simplificação do processo eleitoral esta é a forma mais prática de elaborar os Cadernos Eleitorais. Nesta base emitimos um comunicado no dia 24 de Setembro onde é referido este facto e são indicadas as quatro Mesas de Voto com os concelhos que abrangem.

Entretanto, diversos sócios começaram a apresentar reclamações e a levantar a hipótese de as Eleições serem impugnadas se a votação não estivesse organizada pela residência dos sócios.

Efectivamente, o n.º 2 do Art.º 87.º diz que «Os sócios residentes, na área de qualquer Delegação, votarão obrigatoriamente na Mesa nessa instalada».

Assim, esta Comissão Directiva não tem qualquer problema em alterar aquela disposição e organizar os Cadernos Eleitorais pelas residências dos sócios que constam no ficheiro do Sindicato.

Divulgamos os aspectos mais importantes para a votação no dia das eleições.

1 Existem quatro Mesas de Voto com a seguinte distribuição:

Sede de Lisboa
Rua Barata Salgueiro, n.º 36
no Salão da Sociedade Nacional de Belas Artes

Delegação de Vila Franca de Xira
Rua Serpa Pinto, n.º 136, 2.º

Delegação de Sacavém
Praça da República, n.º 66-A

Delegação de Torres Vedras
Rua Miguel Bombarda, n.º 23

2 Na Mesa de Voto da Sede existem 12 Mesas de escrutínio numeradas de 1 a 12

Nas Mesas de Voto das Delegações existem quatro Mesas de escrutínio numeradas de 1 a 4.

Existirão portanto, 24 mesas de escrutínio para facilitar a distribuição do elevado número de votantes que se espera.

Em cada mesa de escrutínio os Cadernos Eleitorais estão organizados pelo número de sócio, cuja numeração consta, em letreiro bem visível, por cima de cada mesa de escrutínio.

Independentemente dos boletins de voto distribuídos pelo correio, no dia das Eleições existirão nas 4 Mesas de Voto, boletins de voto das três Listas em quantidade suficiente.

Finalmente, existirão nas Mesas de Voto, Mesas de Reclamações para a solução das reclamações e dúvidas que surjam.

Contamos que estas eleições registem uma afluência sem precedentes, o que certamente ocasionará dificuldades de funcionamento difíceis de prever na sua totalidade, pelo que apelamos para a compreensão de todos os sócios, na certeza de que o Sindicato não poupará esforços para que as Eleições decorram com a simplificação e comodidade que é possível atingir neste momento.

Lisboa, 2 de Outubro de 1975

Trabalho

NINGUÉM CALOU OS ESCRITÓRIOS

Continuação da pág. 1

junto de situações extremamente irregulares existentes no seio da direcção do Sindicato, situações essas que prejudicam toda a classe».

Sentindo-se na «obrigação de informar acerca do que se está passando», os membros do Conselho Fiscalizador revelaram que «certos elementos da direcção têm tido um procedimento em desacordo com o programa, elaborado ou aceite de comum acordo entre todos os membros que compõem aquele órgão. Esses elementos actuam como donos da direcção e do Sindicato».

Ana Maria Vasques citou «alguns dos acontecimentos que consideramos incorrectos e prejudiciais ao conjunto dos interesses dos sócios deste Sindicato»:

. — «Utilização do aparelho técnico, por parte de elementos estranhos ao Sindicato e fora do horário de trabalho, com o consumo de largas quantidades de material e avaria das máquinas, em actividades alheias ao serviço do organismo»;

. — «Difusão de comunicados, em tom provocatório e com carácter divisionista, definindo claramente uma determinada linha política, não perfilhada pela maioria dos associados do Sindicato»;

. — «Presença de pessoas no Sindicato que, embora não sejam, sócias, ocupam livremente as salas de trabalho, assim como as da direcção»;

. — «Tomada de posição desfavorável da direcção relativamente aos 13 empregados, suspensos do Sindicato, cujos inquéritos não se encontram sequer iniciados, embora para o efeito tenha sido admitido um advogado, há cerca de um mês»;

. — «Admissão de 9 empregados, eventualmente de discutível necessidade, sem prévio conhecimento da comissão de trabalhadores e sem o acordo unânime da direcção».

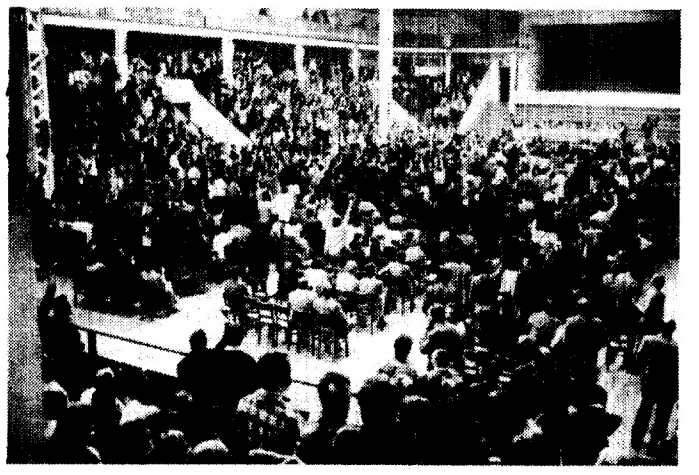
Perante a situação existente, e actuando segundo as normas estatutárias, os elementos do Conselho Fiscalizador convocaram uma assembleia geral extraordinária, para **apreciação da actuação da direcção do Sindicato,** que foi marcada para 22 de Outubro, às 21 horas.

Fernando Garcia, que fez parte do grupo de formação da lista «B», usou da palavra para dirigir críticas à situação de teor idêntico porque aquela «tem fugido às linhas de conduta que se pôs» e aos princípios acordados na altura da sua constituição. Atitudes sectárias e prejudiciais à unidade dos trabalhadores, apoio a uma manifestação de carácter partidário (M.R.P.P.), suspensão de trabalhadores, comunicados que vertem «fel e ódio» — eis alguns dos factos referidos.

Partindo de quem partirem, estas críticas encontraram bom acolhimento por parte da esmagadora maioria da assistência, que emitiu um voto de confiança ao Conselho de Fiscalização. Em contrapartida, já perto do final, a direcção e a mesa da AG seriam objecto de moções de censura, aprovadas sem grandes hesitações.

Os trabalhos, depois daquelas intervenções, começaram a sofrer interrupções de diversa ordem, de certo relacionadas com os «lapsos» e «erros» que a mesa reconheceu, quando instada, e que proporcionou algumas exclamações exaltadas. Tornou-se patente a urgência da mesa em passar ao primeiro ponto da ordem de trabalhos, informações, contrariada por um vasto sector da assembleia, empenhado em esgotar o ponto prévio.

Os dirigentes foram então



acusados de «procurar criar um clima de instabilidade» e de manterem «atitudes de despudor e de gozo» perante as intervenções dos colegas. Actuações pouco flexíveis por parte da direcção ocasionaram sucessivos protestos, que levaram diversos oradores a fazer apelo à serenidade, no intuito de evitar um boicote, que adivinhavam.

Ao entrar na ordem de trabalho (passava da meia-noite), a mesa deu conta de um conjunto de requerimentos, para adiar a continuação da Assembleia, ou estabelecendo normas de trabalho restritivas, que os presentes recusaram, por vezes com indignação.

Dias da Silva, da direcção, teve prioridade, para referir «algumas dificuldades» que os corpos gerentes têm encontrado, «decorrentes de, dia a dia, termos de ser nós próprios a descobrir o Sindicato». Acusou a direcção cessante de não ter, até hoje, comparecido para informar dos assuntos pendentes, facto que um orador justificou, atendendo às circunstâncias irregulares e violentas em que a nova direcção tomou posse.

A suspensão dos 13 trabalhadores do Sindicato, a quem era imputado o facto de serem «sociais-fascistas» — conceito que a direcção, apesar de instada, não chegou a definir — constituiu o núcleo da polémica que se prolongou pela madrugada. A assistência, reduzida a metade, manifestara-se massivamente pela reintegração imediata desses trabalhadores, ao que os corpos gerentes se opuseram, argumentando que não tinha legitimidade para tanto e, mais tarde, que o assunto não cabia na ordem de trabalhos.

Pelas três horas da manhã, era patente a hostilidade da assembleia aos dirigentes, que passaram a mostrar pouco empenho em prosseguir os trabalhos. O presidente da direcção qualificara como falsidades, as afirmações dos oradores, facto que agravou a animosidade existente, pela ausência de respostas às questões fulcrais colocadas pela assistência.

Enquanto a mesa ameaçava com a suspensão dos trabalhos, era cada vez mais patente a semelhança entre o que se estava a passar e o último plenário de delegados sindicais. Neste, segundo foi afirmado, a direcção, ao ver-se contestada, optou pela fuga. A experiência é boa conselheira e os trabalhadores evitaram, a todo o custo, nova deserção.

Quando a mesa rejeitou a proposta de readmissão dos suspensos, os protestos da assistência levaram-na a efectuar uma tentativa de retirada, no que foi impedida pela assistência, que gritou, longamente, «Morte à C. I. A.». A integridade física dos dirigentes ficou impecável, porquanto um cordão de segurança foi imediatamente montado... pelos seus mais firmes opositores.

Após um período de interrupção, acederam em reatar o curso dos trabalhos (eram 3 e 45). O impasse prolongou-se durante duas horas, altura em que a assistência aprovou, de pé e aplaudindo, a reintegração imediata dos 13 trabalhadores, que hoje de manhã compareceram já no Sindicato. Uma patrulha da P. M., passando pelo Pavilhão para se inteirar dos factos, foi calorosamente recebida, abandonando pouco depois as instalações, sem intervir.

Argumentando sempre com a incapacidade física — motivo para alguns momentos de bom humor entre a assistência — mesa, depois de ter assumido atitudes dilatórias, recusou continuar a dirigir os trabalhos, apesar das diligências conciliatórias permanentemente desenvolvidas pelos sectores mais activos.

Desde as quatro horas, a direcção mantinha-se muda — acentuando, apenas, a pouca loquacidade revelada ao longo da sessão. Perante a recusa, e após cinco minutos de silêncio, em sinal de protesto, a assembleia prosseguiu, com nova mesa, eleita. A anterior, solenemente, dera por findos os trabalhos, decisão que não foi aceite.

Até final, serenamente, a assembleia, depois de ter alterado a ordem de trabalhos — o que, até aí, estivera impedida de fazer — discutiu o tema Intersindical. Decidiu-se que o Sindicato continuará integrado na central sindical, em adesão crítica, vinculando-se as posições da direcção à orientação que os sócios definirem.

Pelas 8 e 20, a assembleia foi encerrada. Apesar da violência da maratona, encontravam-se presentes mais de 300 trabalhadores, que foram directamente para o seu emprego. Com uma noite perdida, mas muita coisa ganha.

INTERROMPIDA A ASSEMBLEIA DOS SARGENTOS

. A Assembleia dos Sargentos da Força Aérea, reunida no Centro de Sociologia Militar, foi interrompida ao princípio da madrugada, devendo prosseguir na quarta-feira da próxima semana.

O ponto principal da ordem de trabalhos dizia respeito à análise da actividade da Comissão Coordenadora de Sargentos, há tempos destituída pelo chefe de Estado-Maior da Força Aérea e a recondução, total ou parcial dessa Comissão, ou eleição de outra.

A questão de fundo situa-se à volta da directiva do C. E. M. F. A. que os elementos progressistas e revolucionários deste ramo das Forças Armadas contestam por considerarem arbitrária e representar a destruição dos núcleos revolucionários dentro da Força Aérea.

Trabalho

"INGERÊNCIA DO PS NOS SINDICATOS"

- DENUNCIA UM TRABALHADOR DO COMÉRCIO

. As eleições no Sindicato dos Trabalhadores do Comércio continuam a levantar protestos. Acusam a actual direcção de ter um patrão. Recordamos também que um dos candidatos da lista vencedora renunciou antes mesmo de tomar posse, devido às graves acusações feitas por trabalhadores da Guérin que o denunciaram pelo seu «comprometimento com o patronato». Mas parece haver mais acusações. Um sócio do Sindicato, devidamente identificado, enviou-nos uma extensa exposição sobre as eleições no Sindicato dos Trabalhadores do Comércio:

. «Concorrem às eleições do meu Sindicato duas listas: A e B. A lista, representando somente dois sectores, compunha-se de 10 caixeiros, 8 vendedores, 1 encarregado, 1 inspector, 1 chefe de vendas, 1 gerente e, ainda por cima, um dos candidatos é sócio gerente (patrão) de outra firma.

Quanto à lista B, abrangia todos os sectores de actividade: 11 caixeiros, 6 empregados de escritório, 3 vendedores e 2 empregados de armazém».

Como se sabe, o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio representa cerca de 65 mil trabalhadores, sendo 25 mil empregados de balcão, 20 mil de armazém, 10 mil vendedores e 1110 mil empregados de escritório.

SALÁRIOS SIGNIFICATIVOS?

«Mas para melhor distinguirmos a constituição das duas listas — prossegue — reparemos nos ordenados dos candidatos: na lista A o ordenado máximo é de 19000$00 enquanto que na B é de 8755$00. A média global dos ordenados dos candidatos da liata A é de 10200$00, enquanto que na lista B é quase metade: 5800$00 mensais».

Apesar deste panorama a lista A venceu as eleições. Para este trabalhador, o que se assistiu «foi a mais um golpe eleitoralista. Os trabalhadores desprevenidos, nem sempre se apercebem que nas suas costas existem organizações bem montadas, como é o caso do departamento sindical, ou melhor de destruição sindical, chefiado pelo dr. Marcelo Curto, que, para conservar o seu lugar, em nada se importa de torpedear os mais elementares princípios da democracia, indo ao ponto de se intrometer na vida interna dos sindicatos».

E fala agora dessas ingerências por parte do dirigente sindicalista do P. S.: «Elabora uma lista de oposição constituida fundamentalmente por vendedores (ocupando 60 por cento); faz uma campanha junto daquele sector profissional, aproveitando sobretudo o descontentamento dos vendedores de automóveis face à actual situação, com reflexos na então comissão directiva do sindicato, indo ao ponto de lançar a calúnia de que a lista B queria correr com os vendedores do Sondicato; os vendedores de automóveis abrangidos por este sindicato são cerca de 2 mil. Se conseguissem que tal sector fosse votar em peso, o que era fácil, até devido à sua facilidade de deslocação, teriam assim as eleições no papo; para que a lista A não fosse tão descaradamente do sector minoritário (vendedores) tentaram incluir outras profissões. É aqui que se pode observar que as cúpulas do P.S. não tinham outra alternativa que não fosse a dos vendedores, pois para concluirem o restante elenco de candidatos, tiveram de recorrer a chefes, gerentes, patrões, etc».

«Como tal elenco viria a ser, com certeza, desmascarado — prossegue este trabalhador do comércio — havia uma segunda cartada a jogar: que era a de identificar a Lista A com o Partido Socialista, e aqui das duas uma: ou os trabalhadores votavam na lista do seu partido, ou confundidos com tal actuação, não votavam pura e simplesmente. Ora era precisamente isto que o sr. dr. queria assegurar: quantos menos a votarem melhor, porque lá estavam os dois mil votos dos vendedores de automóveis a assegurar o resultado. O que de facto aconteceu: a Lista A ganhou por diferença de 1 780 votos.

«TELEFONEMAS PARA IR VOTAR»

A ingerência do Partido Socialista nas eleições sindicais do Comércio continua a ser o tema da carta deste trabalhador. «Se tudo o que escrevi ainda não é suficiente, vou concluir com os seguintes factos:

. «No último dia da campanha eleitoral é mobilizada toda a máquinas das cúpulas do P.S. para espalhar pelas ruas de Lisboa o provocatório panfleto onde dizia: Lista B + Comissão directiva = P.C.P.». Aliás, esta foi a manobra utilizada nas eleições sindicais. E nalgumas deu resultados.

«Mas a intromissão das cúpulas do P.S. não fica por aqui — continua — E já no próprio dia das eleições se verifica em bombardeamento de telefonemas das centrais do P.S. para casa dos seus militantes afim de mais uma vez apelar para o voto na Lista A. A confirmar esta actuação, foram várias as pessoas que à porta do Sindicato desabafaram indignados com o P.S. de andar a telefonar para casa a incitar a irem votar». E conclui: «Enfim, já passava da meia-noite quando um Mercedes além de outros mais que por lá passaram durante o dia, também queria votar. Logo uma voz lhe disse: «Eh pá, já vieste tarde». Tendo este respondido sem reparar quem estava à sua volta: «Só recebi o telefonema à bocadinho!».Muito mais haveria a dizer destas eleições. Resta acrescentar que todos aqueles que votaram na Lista B votaram com consciência de classe. Votaram naqueles que, embora tendo todos os dados para impugnarem as eleições, preferiram não o fazer. Que sejam os trabalhadores explorados a julgar com a sua justiça».

UM POSTO CLÍNICO INVULGAR

. «A análise mais simples da situação politica nacional mostra claramente um avanço e um predomínio nos órgãos governativos das forças da direita», lê-se em moção aprovada pelos trabalhadores do posto clínico da Margueira. Reunidos em assembleia geral, na segunda-feira, os trabalhadores decidiram repudiar «a acção repressiva do VI Governo» e denunciar «a acção divisionista intentada contra os trabalhadores, soldados e marinheiros pelos partidos sociais-democratas (P.S., P.P.D.) defensores dos interesses do capitalismo e do imperialismo».

Antevendo uma «luta que será violenta», os trabalhadores daquele posto médico traçaram algumas linhas organizativas indispensáveis: eleição de uma comissão de trabalhadores, que deverá «procurar, cada vez mais, passar de uma fase reivindicativa a uma verdadeira acção política»; ligação a outras organizações unitárias de base; capacidade de mobilização como posto clínico de apoio às organizações de poder popular, em situação de emergência.

FUNÇÃO PÚBLICA: DISCUSSÃO DE ESTATUTOS

Consciente da «importância de que se reveste a discussão dos estatutos» do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública, em constituição, o secretariado da assembleia de delegados do M.E.I.C. convocou, para hoje, uma sessão pública de esclarecimento sobre os anteprojectos existentes, esperando que nela participe o maior número possível de funcionários públicos. A reunião tem lugar no Palácio Foz, pelas 21 horas.

REGULAMENTAÇÃO DE TRABALHO NO RAMO FARMACÊUTICO

Para estudo de assuntos relativos à regulamentação de trabalho de caixeiros e profissionais de armazém, efectua-se hoje à noite, na sede do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos, uma reunião geral de sócios promovida pela respectiva Comissão Instaladora. A assembleia é alargada a todos os trabalhadores da indústria e comércio farmacêuticos, pois «só assim se conseguirá defender os nossos interesses de classe».

TRABALHADORES DA ABECASSIS SUSPENDEM QUOTAS

Os trabalhadores da Sociedade Farmacêutica Abecassis enviaram à comissão instaladora do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Farmacêutica uma moção de censura «pela sua actuação no período posterior às eleições» para os corpos gerenes, e decidiram congelar as quotizações da quase totalidade dos sócios «até que a assembleia dos trabalhadores considere a situação regularizada». Os trabalhadores da Sociedade Abecassis recusam, também, as novas eleições, promovidas pela comissão instaladora na sequência da impugnação das anteriores, «por considerarem válidas as que foram já realizadas».

REFORMA AGRÁRIA ATÉ ÀS ÚLTIMAS CONSEQUÊNCIAS

Por proposta do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Évora, «não serão legalizadas ocupações sem prévia posição do Conselho Regional da Reforma Agrária, não sendo permitidas ocupações de terrenos inferiores a 500 hectares de terra média, e garantindo sempre aos pequenos rendeiros e seareiros terra para explorar» assegura um comunicado do Conselho Regional de Évora, que manifesta a intenção de «levar por diante a Reforma Agrária até às últimas consequências previstas na lei».

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

TOTAL DA CARTEIRA DE DEPÓSITOS:
Em 31/Dez.º/1974 ... 60,3 milhões de contos
Em 31/Julho/1975 ... 65,5 milhões de contos

*

A CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
continua a pagar 9,5% aos depósitos
a prazo superior a um ano.
Com a garantia do Estado.

*

O dinheiro parado não ajuda a ninguém.
Ajude-se a si mesmo e ao novo Portugal
aplicando inteligentemente
as suas economias, com a segurança total.
Ganhe por dois lados:
faça crescer as suas poupanças
e colabore na reconstrução do País,
que é outra forma de cobrar
benefícios para si.

GANHE 9,5% AO ANO

banca AO SERVIÇO DO TRABALHO

Geral

TRIBUNA LIVRE

ALEXANDRE AMORIM

AFINAL O QUE SE PASSA NO MINISTÉRIO DO TRABALHO?

Nestas duas últimas semanas, verificaram-se, no Ministério do Trabalho, factos que merecem uma atenta reflexão por parte das classes trabalhadoras.

Assim, uma das primeiras medidas tomadas pelos responsáveis actuais deste Ministério, foi retirar da Imprensa Nacional, todos os Contratos Colectivos de Trabalho, Portarias de Regulamentação de Trabalho, Portarias de Alargamento de Âmbito etc., que tinham sido enviadas, pelo V Governo, para rápida publicação.

Perante a firmeza e a pressão dos trabalhadores, imediatamente alertados pelos seus companheiros de trabalho da Imprensa Nacional, o secretário de Estado do Trabalho, dr. Marcelo Curto, publica um comunicado onde afirma, nomeadamente que «são falsas e caluniosas as afirmações que ele ou o ministro tenham mandado retirar os Contratos Colectivos de Trabalho que estavam, na Imprensa Nacional, para publicação».

No entanto, um dia depois, e perante a exigência, por parte dos Sindicatos dos Electricistas, de um esclarecimento claro daquela situação, o mesmo dr. Marcelo Curto, «esquecendo» o que na véspera escrevera, vem dizer, em nota do Ministério do Trabalho, que, afinal os Contratos Colectivos de Trabalho tinham sido efectivamente retirados da Imprensa Nacional, mas «por engano».

As perguntas que naturalmente já se colocam a muitos trabalhadores são estas: — Quais são as verdadeiras causas das contradições dos actuais responsáveis do Ministério do Trabalho? Porque razão não se fala com verdade aos trabalhadores? Porque motivo só se admitem «os erros» perante a pressão e a denúncia dos trabalhadores?

. Paralelamente, interessa dizer que, de acordo com o próprio comunicado do Ministério do Trabalho, ficaram retidas as Portarias quer sejam de regulamentação de trabalho quer de alargamento de âmbito.

A questão que imediatamente se põe é esta: — Quem é prejudicado com mais este atraso na publicação de diplomas legais que já estavam na Imprensa Nacional? Com certeza que não é o patronato.

Mas como tudo isto não fosse já suficiente, procura-se atirar as culpas de tal situação para cima de homens que nada têm a ver com ela.

Assim, afirma-se, em qualquer um dos comunicados, que se irá fazer um rigoroso inquérito aos serviços, pretendendo-se, assim fazer crer aos trabalhadores que os verdadeiros culpados de tais factos seriam aqueles que estão à frente de tais serviços, quando, no fundo, limitaram-se a cumprir ordens superiores escritas que receberam.

Para quem conheça um pouco o Ministério do Trabalho, sabe bem que os serviços que se pretendem atingir com tais inquéritos, são dirigidos por homens nomeados já depois do 25 de Abril, designadamente pelo major Costa Martins, então ministro do Trabalho; em suma, o que se pretende é, objectivamente, também desacreditar aos olhos das classes trabalhadoras, homens que, não olhando a horários de trabalho e perante as múltiplas dificuldades que tem atravessado o processo revolucionário português, procuram sempre defender os interesses das classes trabalhadoras mais desfavorecidas.

O dr. Marcelo Curto, com a insensibilidade política e sindical que lhe é habitual, critica violentamente todos aqueles cretário de Estado do Trabalho, se colocaram ao lado dos mais desfavorecidos com estas palavras:

. «Efectivamente, quando não se chegava a acordo...fazia-se uma portaria...e, depois, denunciavam-se os patrões (que são todos efectivamente reaccionários ou eram todos reaccionários para esses responsáveis), de que não queriam cumprir a portaria» (veja-se a entrevista dada pelo actual secretário de Estado de Trabalho no jornal «A Luta» em 7/10/75).

Portanto, para o dr. Marcelo Curto, o Ministério do Trabalho enquanto teve como responsáveis o major Costa Martins e o dr. Carlos Carvalhas, fez «uma política autoritária e sectária» (são ainda palavras suas), naturalmente porque, de acordo com o mesmo dr. Marcelo, o Ministério do Trabalho deve ser menos autoritário para os patrões ' deve estar menos ao lado do trabalhadores (para não ser sectário).

Não resta qualquer dúvida que o patronato ficou contente com estas palavras do dr. Marcelo Curto, e que os trabalhadores ficaram com uma ideia clara do apoio, que, a partir deste momento, poderão esperar por parte do 2.º responsável do Ministério do Trabalho.

A juntar a tudo isto, interessa tambem dizer que uma das primeiras atitudes tomadas pelo actual secretário de Estado do Trabalho foi acusar pessoas, que foram designadas, depois de 25 de Abril, para dirigir serviços fundamentais na defesa dos interesses legítimos das classes trabalhadoras, de sectarismo e de partidarismo (naturalmente por estarem mais ao lado dos trabalhadores do que dos patrões), procurando, por esses motivos transferi-los ou mesmo saneá-los (chegou mesmo ao ponto de os convidar a demitirem-se, só o não conseguindo fazer devido à firme oposição dos directamente visados, e, de muitos sindicatos terem dito claramente que não permitirão saneamentos à esquerda no Ministério do Trabalho).

E procura-se fazer tudo isto, embora esteja em oposição frontal com o Programa do VI Governo, anunciado ao País pelo almirante Pinheiro de Azevedo, que se comprometeu a não permitir saneamentos selvagens ou por motivos partidários (infelizmente, o Programa do VI Governo já foi violado pelo actual ministro da Educação, que demitiu o dr. Hespanha, que tinha sido nomeado director do ensino superior já depois do 25 de Abril).

Enquanto tudo isto sucede, pessoas como o dr. Vitor Ferreira (subdelegado do Ministério das Corporações no Porto até 25 de Abril, portanto um elemento bem conhecido entre a classe trabalhadora daquela cidade e também dos trabalhadores da construção civil de Lisboa); elementos como o dr. Júlio Dias (recentemente saneado da Federação dos Químicos e militante conhecido da A. O. C.); pessoas como o dr. Daniel de Amaral (escritor habitual do jornal «Expresso» e da «A Luta»; recorde-se, a este propósito, um seu artigo que se insurgia contra «os elevados aumentos» concedidos pelo V Governo Provisório aos funcionários civis), são promovidos ou recrutados, pois foram chamados a trabalhar no gabinete do secretário de Estado do Trabalho e do ministro do Trabalho.

É, portanto, evidente o «apartidarismo» dos actuais responsáveis pelo Ministério do Trabalho.

Mas voltemos às contradições (?!) daqueles que dirigem, neste momento, este Ministério.

Num comunicado, que pretende ser, no fundo, um autêntico programa de trabalho, para os responsáveis pelo Ministério do Trabalho, estes afirmam claramente que trabalhadores devem «trabalhar mais, e ganhar menos».

Esta é uma palavra de ordem que a C.I.P. ou qualquer Jorge de Melo, aceitará, ou tomará como sua, com satisfação.

Note-se, mais uma vez, que não é trabalhar mais, para produzir mais, e assim poder repartir mais por cada trabalhador, mas sim trabalhar mais e ganhar menos, o que significa aumentar muito mais os lucros do patronato.

É estranho, muito estranho mesmo, que um Ministério que devia defender os interesses das classes trabalhadoras, tenha neste momento um tal programa de trabalho.

Finalmente, interessa analisar o caso da Portaria dos Metalúrgicos, pois ele é um exemplo esclarecedor da actual actuação do Ministério do Trabalho.

Assim, perante a recusa continuada do patronato metalúrgico em negociar e em chegar a um acordo, o V Governo Provisório, viu-se obrigado, para defender os interesses dos trabalhadores, em elaborar uma portaria, através do Ministério do Trabalho, que fixou, entre várias coisas, os salários mínimos que passariam a vigorar nesste sector.

E tal medida, por um lado, foi tomada porque já tinha terminado o período de vigência do contrato que estava em vigor, e, por outro lado, tendo presente os interesses legítimos dos trabalhadores e a necessidade de não pôr em perigo a estabilidade das próprias empresas.

Efectivamente, os aumentos de salários permitidos não são tão elevados como o patronato e os seus defensores pretendem fazer crer. Por exemplo, a categoria de trabalhadores indiferenciados (uma categoria que tem peso neste sector), terá um aumento de 900$00 nas empresas com menos de 30 000 contos de facturação anual, e 1500$00 nas empresas que tenham receitas anuais superiores àquele número. É evidente, portanto, a intenção de proteger as pequenas e médias empresas.

Por outro lado, interessa dizer que um aumento de 900$00 representa, em termos percentuais, uma subida de 20 por cento nos salários que estavam a ser pagos, portanto, um valor inferior ao próprio aumento verificado no custo de vida durante o tempo em que o Contrato anterior esteve em vigor.

Interessa notar também, relativamente à fixação de um salário de 6000$00 para aquela categoria de trabalhadoras somente por empresas que têm receitas anuais superiores a 30 000 contos, que muitas delas já estão a pagar, neste momento, aquele salário ou um salário mesmo superior. Alguns exemplos: — na Cometna, um servente quando entra para a empresa ganha 6400$00, e, passados 6 meses, sobe, automaticamente, para 6700$00; na Equimetal, inicialmente, 6000$00, e, 12 meses após, 6300$00; etc...

Paralelamente, e com o objectivo de assegurar, em qualquer circunstância que a nova tabela não pusesse em perigo o funcionamento e a estabilidade de qualquer empresa (e não só nas pequenas e médias empresas), introduziu propositadamente uma cláusula na Portaria (a Base IX), que diz textualmente o seguinte:

. «Poderão ser estabelecidas tabelas salariais inferiores às que ficam consagradas nesta portaria desde que, perante razões fundamentais, designadamente a intervenção ou assistência do Estado na empresa por motivos de dificuldades económicas ou financeiras ainda que transitórias, se verifique o acordo prévio dos sindicatos que representam maior número de trabalhadores».

Portanto, é evidente que, de acordo com os próprios trabalhadores, é possível o pagamento de salários inferiores aos da própria portaria. A experiência tem mostrado que, em muitos casos, quando é demonstrado aos trabalhadores que as empresas não podem pagar os salários estipulados, eles aceitam auferir salários inferiores. Ora, a portaria abre essa porta e legaliza essa solução. Portanto, contrariamente ao que afirmam os patrões e o próprio ministro do Trabalho, a portaria não é demagógica, e defende os verdadeiros interesses dos trabalhadores e das empresas. Não permite é, sim, elevados lucros à custa dos interesses legítimos dos trabalhadores.

No entanto, o patronato metalúrgico, aproveitando a crise política e a viragem à direita verificada ao nível das cúpulas militar e civil (VI Governo Provisório), afirma, por sua própria conta, que a portaria é «ilegal», e que não a cumprirá. E os actuais responsáveis pelo Ministério do Trabalho, no lugar de tomarem uma atitude clara e firme desde o início como era habitual nos anteriores Governos Provisórios, mantêm-se em silêncio, dizem que vão ou estão a estudar o problema, alimentando, com as suas atitudes dúbias, a acção reaccionária do patronato. E foi só perante a posição firme dos metalúrgicos que, em 6 de Outubro, fazem sair um comunicado onde, depois de falarem muito da crise das empresas, no fim, e dando a ideia que é a contragosto, dizem numa linha que «a portaria é para se cumprir».

No entanto, a conduta dúbia, por parte dos actuais responsáveis do Ministério do Trabalho continua.

Assim, o próprio ministro do Trabalho, durante o discurso que fez perante uma grandiosa manifestação de mais de 100 000 operários que se concentraram defronte do Ministério do Trabalho, apenas afirmou: «A portaria está em vigor enquanto não for revogada». Mas, no entanto, não se comprometia em não revogar a portaria. A «habilidade» era evidente, mas os trabalhadores metalúrgicos não cairam na esparradela. É assim não abandonaram o Ministério, enquanto o próprio ministro não assinasse um compromisso escrito solene em que afirma nomeadamente que «a portaria já publicada é um diploma legal e, consequentemente, o seu cumprimento rigorosamente obrigatório...». Isto é uma tremenda vitória dos trabalhadores metalúrgicos (e não só destes), e representa também uma estrondosa derrota para o patronato (e não só para este). Mesmo no dia seguinte, o próprio ministro do Trabalho quando falou perante as câmaras da Televisão, não consegue esconder o profundo impacto que lhe causou a gigantesca tomada de posição da classe metalúrgica portuguesa. E apesar de pretender, a todo o custo, minimizar esta acção das classes trabalhadoras na defesa dos seus justos interesses, o que efectivamente conseguiu dar foi uma tremenda ideia de fraqueza, e foi um exemplo de utilização maciça de meias-verdades.

Lamentavelmente, numa altura, em que é necessário mais do que nunca a união das classes trabalhadoras para a defesa da Revolução, o próprio ministro do Trabalho, procurou gerar a desconfiança dos trabalhadores metalúrgicos nos seus dirigentes, e lançar os trabalhadores agrícolas contra os trabalhadores metalúrgicos.

Paralelamente, afirmações esclarecedoras foram feitas. Entre elas, destacam-se: — «a portaria é um acto fascista». Não resta qualquer dúvida que o patronato ficou satisfeito, pois, daqui para o futuro, pode recusar-se em negociar ou em chegar a um acordo, pois já não existe o perigo (assim se pode depreender desta estranha afirmação do ministro do Trabalho) de ser publicada uma portaria.

Numa altura em que se afirma muito, que nada será feito nas costas dos trabalhadores, é de estranhar que se tome uma posição pública desta natureza, sem perguntar aos trabalhadores qual é a sua opinião.

Uma portaria publicada durante o fascismo e outra agora são, dois actos que apesar de terem o mesmo nome, são profundamente diferentes: — antes de 25 de Abril era para defender o patronato; agora, deve ser para dar satisfação aos legítimos interesses dos trabalhadores.

Esta é uma diferença substancial que já devia ter sido compreendida por todos aqueles que se encontram no Ministério do Trabalho.

MAJOR COSTA MARTINS EM CARTA-ABERTA AO CAPITÃO

OS TRABALHADORES NÃO PODI

. **O ex-ministro do Trabalho, major Costa Martins, dirigiu ao actual titular daquela pasta, capitão Tomás Rosa, a carta aberta que a seguir transcrevemos:**

. «Os órgãos de Comunicação Social divulgaram no passado dia 4 uma nota oficiosa do gabinete do ministro do Trabalho, que, começando por referir-se a pressões de que esse Ministério tem vindo agora a ser alvo, a dado passo acrescenta:

. a)... **Ao oportunismo, à demagogia e ao lucro aparente, opõe o Ministério uma política que se pretende de estabilidade, de realismo e de bom-senso»...**

E mais adiante prossegue:

. b)... **Há uma realidade muito concreta: por força de reivindicações em cadeia, algumas delas satisfeitas exactamente sob pressão, atingiu-se um limite de quase loucura, qual é o da massa salarial, segundo estatísticas de algum modo fundamentadas, ser quase equivalente ao produto interno.**

A este tipo de comportamento, o Ministério do Trabalho diz energicamente — não...

Face a tais afirmações e como ex-responsável pelo Ministério do Trabalho não poderei de forma alguma manter-me em silêncio. E pergunto: **Quem, e o que se pretende visar?**

. Começou por causar-me estranheza o facto de o senhor ministro, depois de ter sido funcionário do Ministério durante alguns meses, só agora ter notado que o mesmo se encontra por vezes (e não poucas), sujeito a fortes pressões. Porém, não têm as mesmas sido ultimamente superiores às que muitas vezes se faziam sentir.

É certo que, nos últimos meses se assistiu a uma estabilização no sector laboral, em consequência de uma política que se pretendeu de estabilidade, de realismo e de bom-senso, para a qual contribuiram decididamente as massas trabalhadoras sem que, contudo, o mesma lhes tivesse sido imposta por meios repressivos ou por paternalismo, até porque nunca me intitulei **o pai dos trabalhadores,** pelo contrário, foi com eles que muito aprendi.

Quanto a oportunismo, demagogia, e até golpismo, é com bastante pesar e mágoa que, infelizmente, tenho de reconhecer que existiram e, em certos casos, vindos de quem menos seria de esperar.

Sempre repudiei tais comportamentos mas, sabe senhor ministro, as ambições humanas são por vezes verdadeiramente

"MANIF" NA PRAÇA DO INTERREGNO

Na noite de ontem, algumas centenas de populares, e outros que não reunidos na Praça D. João I, não conseguiram interromper o trânsito durante a «manifestação» que pretendia demonstrar o poder popular na mais habitada freguesia do País. Um pequeno grupo de discordantes (mais ruidoso que geométrico) conseguia confundir as palavras do orador que silabava «slogans» ao micro descido de um terceiro andar.

O percurso, o prometido, o pretendido, o reconhecido, dizia: «vamos passar pelos Comandos».

O repórter esperava o fusível da palavra a iluminar em pleno, a gesta do punho cerrado como grua a alçar o soldado-comando. Nada! Gritava-se na Praça D. João I (e o Borges Coelho interpretando Fernão Lopes e a «manif» chamaria a D. João I — passe o abuso —, o pulânime), com pulmões já cansados de um dia de trabalho: «Avançar, avançar com o poder popular».

As pessoas começaram a juntar-se às 18 e 30, diante da Cometna marchando após para a estação da Amadora. Avolumada a concentração, a «manif» desceu a Rua Elias Garcia, anunciou ao quarteirão as palavras de ordem «Socialismo só há um: o do povo e mais nenhum», «o soldado é do povo», enquanto as carreiras abarrotavam de gente que regressava a Queluz e a Belas, empunhando sacos de plástico as senhoras e pastas coçadas os trabalhadores da merenda e da camisa borrifada de cimento.

Quando os manifestantes chegaram à Praça D. João I (mais um passo e era o Regimento dos Comandos, um grito mais alto e os soldados escutavam) o secretariado da Assembleia Popular da Amadora anunciou: «Soldados progressistas dos Comandos pediram-nos para não passar frente ao quartel. Não podemos dar mais pormenores». «Expliquem-se» — exigiam alguns.

«Não à reacção! Avante com poder popular» — encarreirava a «manif». Repetindo a informação, o secretariado microfalava: «É grave a razão que nos leva a isso. Fazemo-lo a pedido de soldados amigos que nos avisaram da gravidade que significava a passagem diante do quartel».

Alguns assobios. Eram jovens. Mas nem todos. Elementos (uns) tinham-se concentrado já frente à porta do Regimento. Conforme o prometido, o pretendido, o reconhecido. O grosso da «manif» não compareceria.

Estavam representadas a Sorefame, a Cometna, a Cel-Cat, a Bertrand, a Sotenco, as comissões de moradores de Vendas Novas, Buraca.

A DIVISÃO

«Avançar, avançar com o poder popular».

Corre a boca: «Jaime Neves colocou uma «chaimite» no início do aramado».

Insiste-se na passagem pelos Comandos. É o interregno? O fiasco? «O camarada, é necessário prudência» — aconselha um operário da Cometna.

«O verdadeiro revolucionário avança» — respondem-lhe.

A discussão generaliza-se.

Só um minuto de silêncio para recordar o «Che» que une as pessoas. De punho erguido.

O intermezo na memória enquanto o ponteiro atinge o limite do silêncio: «... andam a lamber as botas dos capitalistas europeus». Mais adiante com aplausos de reforço: «A social-democracia não nos serve».

Regressamos à vaca fria na noite ventosa, o bisturi do argumento pica o sexo dos anjos (ou não): «devemos passar pelos Comandos»; «não devemos passar pelos Comandos».

As pessoas desmobilizam-se. Há uma paragem de carreira na Praça. A instalação sonora na penumbra de uma varanda do terceiro andar espalha canções. Canta-se. Parte da «manif.» grita: «Vasco! Vasco! Vasco voltará!»

. Depois, estribilha-se: «Força, força, companheiro Vasco». Será a cizânia enquanto a noite esfria. Mais canções: faz-se roda. Dança-se.

Uma voz (a Indignação): «Tenhamos consciência. Isto é uma vergonha». Música. Assobios. Musiqueta. Assobios. Folclore. Assobios.

«Já me chamaram palhaço, já me chamaram reaccionário. E ainda não ofendi ninguém». É um manifestante que se lamenta. Um manifestante defensor da passagem pelos Comandos. O desabafo (já facilmente se contam os que restam): «O poder popular não se cria com cúpulas». A discussão ainda continua quando abandono a Praça. O terrível, o ancestral sexo dos anjos (ou não).

Passo pelo quartel. Chaimites? Nenhuma. Soldados? Ninguém. Só um rolo de arame farpado entre duas guaritas. E era forte o sopro do vento na noite.

Chego a casa e escolho para leitura de epílogo a «Crónica de D. João I» por Fernão Lopes.

R.R.

Aspecto da «manif» da Assembleia Popular da Amadora, que se caracterizou por um desencontro entre o programado e o realizado, desde a mudança de palavras de ordem à alteração de percurso

F.U.R. CONTRA

Entretanto, na sequência do que dissémos, a F. U. R., que de início tinha apoiado a manifestação, mas nos termos aprovados da reunião que decorrera no mesmo dia após terem sido aprovadas as palavras de ordem e o percurso (a passar junto do quartel dos comandos), insurge-se agora «contra o desvio do conteúdo inicial» da manifestação, «muitas das vezes partindo este desvio dos próprios elementos do Secretariado Provisório da Assembleia Popular».

Modificadas as palavras de ordem, «a questão do VI Governo foi totalmente deturpada parecendo que com a saída do P. P. D. ela passaria a ser revolucionária».

E o comunicado da F. U. R. acrescenta: «Mais grave ainda, e, inexplicavelmente, o percurso foi alterado, não passando, como estava previsto, pelo quartel dos comandos.»

. «Nesse sentido», conclui a F. U. R. «protestamos contra a manipulação de que a manifestação foi alvo e estamos certos de que os órgãos de poder popular da Amadora saberão responder a este tipo de manobra.»

TOMÁS ROSA

EM PAGAR A INEFICÁCIA DO APARELHO DE ESTADO

desmedidas havendo, infelizmente, quem não olhe a meios para atingir os fins...

Mas, passando adiante, ou seja, àquilo que me levou a romper o silêncio, e que são as afirmações contidas em b), que poderão induzir em graves erros os mesmos prevenidos. Torna-se imperioso e urgente a apresentação ao povo português das provas concretas de que foi atingido **um limite de quase loucura.** E, se efectivamente assim fôr, a quem cabem as culpas e as responsabilidades.

Na nota oficiosa atrás referida é ainda afirmado que a massa salarial quase equivale o produto interno, não sendo, contudo, apresentados quaisquer valores.

Não será certamente difícil apurar-se que a massa salarial em Setembro de 1975 não diferirá muito, (provavelmente até um pouco mais baixa), da massa salarial verificada em Abril de 1974 acrescida do valor inflacionário verificado durante o período delimitado pelas referidas datas, e, muito disto, devido à compreensão dos trabalhadores, que acreditaram no futuro que pretendiamos construir.

Sendo o produto interno igualmente afectado pelo valor inflacionário correspondente, seria necessário um substâncial decréscimo daquele para que a massa salarial o equivalesse, partindo do princípio de que o produto interno era, como sabemos, superior à massa salarial em Abril de 1974.

Aliás, as afirmações referentes a este assunto contidas na nota oficiosa divergem das conclusões dos estudos técnicos elaborados por um dos departamentos dependentes desse Gabinete!...

Parece, pois, indispensável a publicação dos valores da massa salarial e do produto interno relativos a Abril de 1974 e a Setembro de 1975, para que o Povo possa proceder a uma conveniente análise comparativa.

Para o aumento do produto interno torna-se necessário elevar a produção. A elevação da produção consegue-se aumentando os investimentos, aumentando o número de postos de trabalho, proporcionando emprego aos desempregados, e aumentando o rendimento no trabalho, quando possível.

Mas o aparelho de Estado, tal como existe (máquina pesada, sujeita a sabotagens, ainda não saneada) já se mostrou impotente e incapaz de dinamizar convenientemente a economia nacional.

É mesmo muito provável que chegue o fim do ano sem que os investimentos públicos atinjam sequer 50 por cento dos valores orçamentados, enquanto o número de desempregados aumenta dia-a-dia. E não se diga que é por falta de dinheiro, pois as verbas foram atribuídas em devido tempo.

Será correcto pretender manter ou aumentar a diferença entre o valor do produto interno e a massa salarial, à custa da redução dos salários dos trabalhadores?

. Será correcto pretender que sejam os trabalhadores a pagar, à custa da redução de salários e aumento de desemprego, a incapacidade de um aparelho de Estado que se tem revelado ultrapassado e inadaptado, às novas realidades nacionais?

Será correcto pretender que sejam os trabalhadores a pagar o preço de certas lutas políticas ainda que feitas normalmente em nome da defesa dos seus direitos?

. Eu entendo que não. Tal não seria de forma alguma justo.

Senhor ministro, convido-o a fazer uma pública demonstração dos valores reais que o levaram a tais afirmações, bem como das causas que aos mesmos conduziram.

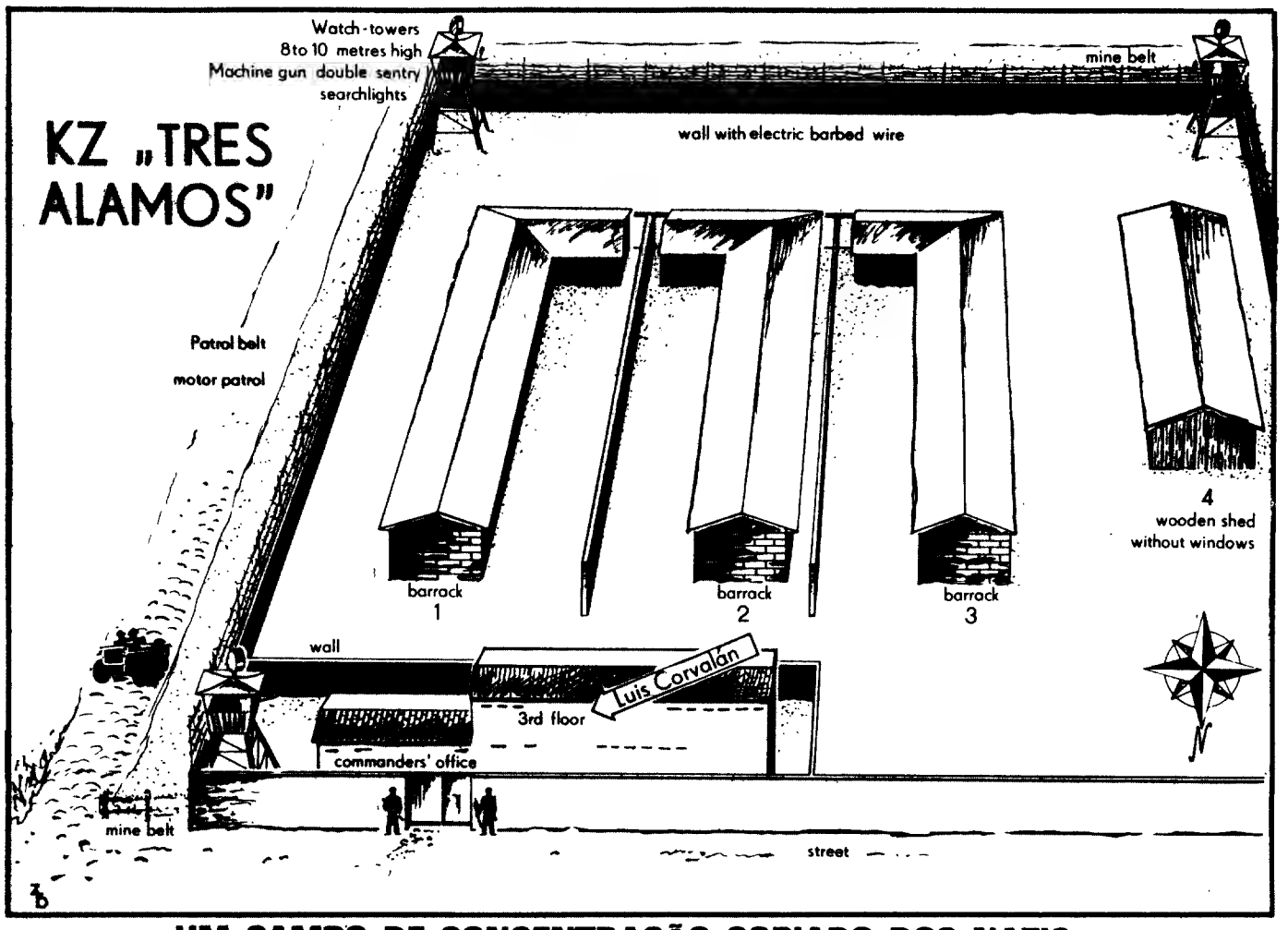
Fico, com curiosidade, a aguardar a forma como o Ministério do Trabalho vai, **agora, energicamente dizer não,** e os esclarecimentos relativos ao «limite de quase loucura», referido na nota oficiosa.»

O Ministério da Agricultura e Pescas ordenou a constituição de uma zona de protecção permanente destinada à defesa e fomento das espécies cinegéticas, localizadas entre a foz do Falcão e o Alto das Azenhas do Mar, com uma largura de 250 metros. Nessa zona fica proibido o desporto da caça, salvo a devida excepção aberta pela Direcção-Geral dos Recursos Florestais, a conceder atendendo aos prejuízos que a proliferação de animais possa causar, na agricultura.

Estrangeiro

MORRER NO CHILE

Quando Pizarro chegou ao Peru, inaugurou, com o julgamento do Inca, uma prática que os fascistas chilenos de hoje seguem com fervor. A farsa judicial de há quatrocentos anos em Cuzco repete-se hoje por todo o território chileno. Recordemos que o Inca, personagem a abater pelo conquistador, para que a conquista pudesse ser consolidada, foi julgado por Crime contra os ensinamentos da Igreja Católica». Era pagão, não conhecia o deus do invasor — razão mais que suficiente para ser condenado, pagar resgate e morrer estrangulado. Também no Chile, ser partidário real ou suposto de Allende é crime contra a Junta e motivo para ser preso, torturado, assassinado. Não têm conto os mortos no Chile, não têm conto os presos do Chile. Assinalando o primeiro aniversário da morte de Miguel Enriques, secretário-geral do MIR, assassinado no dia 5 de Outubro de 1974, entendemos dever também prestar homenagem a Luis Corvalán, secretário-geral do PC chileno, contra o qual os fascistas tentam reeditar um julgamento-farsa semelhante ao de Pizarro. Na pessoa de Miguel Enriques saudamos todos quantos morreram assassinados pela brutalidade fascista; na de Luis Corvalán saudamos todos quantos se encontram nas prisões e campos de concentração do Chile. O sacrifício de uns e outros é prova do indomável espírito revolucionário com que os fascistas terão de se haver, do indomável espírito revolucionário que há-de conduzir o povo chileno à vitória.



UM CAMPO DE CONCENTRAÇÃO COPIADO DOS NAZIS

Plano do campo de concentração «Três Alamos», onde Luís Corvalan está detido. O campo assemelha-se aos de Hitler. Guardas armados e motorizados patrulham, dia e noite, as imediações do campo, cercado por arame farpado electrificado. Nos quatro cantos deste antigo mosteiro católico, que a Junta de Pinochet converteu em campo de concentração imediatamente após o 11 de Setembro, ficam outras tantas torres de vigilância, de 10 metros de altura, equipadas com metralhadoras e holofotes. Cerca de 200 «carabineiros», especialmente treinados, vigiam os 500 prisioneiros. O comandante é o major de polícia, Pacheco Gallardo, conhecido pela sua brutalidade. O gabinete do comandante, constituido por um segundo e terceiro andares, está separado do resto do campo por uma parede intensamente vigiada. Luís Corvalan está no terceiro andar. Debaixo do gabinete do comandante ficam o centro de interrogatórios e as câmaras de tortura. Nem os prisioneiros nem os guardas têm qualquer visão do que se passa lá dentro. Isolados também por paredes, há três barracões para os prisioneiros, e um quarto, de madeira, sem janelas, onde por vezes estão detidas mais de 150 mulheres. Parte desse barracão é ocupada por crianças, que ali vivem, sem as mães, condenadas a não gozarem de ar livre e de luz

O exemplo de Miguel Enriquez na luta do povo chileno

Miguel Enriquez tinha 30 anos, quando, no dia 5 de Outubro de 1974, morreu às balas dos esbirros de Pinochet. Menos de um mês antes, o imperialismo ianque acabara de cometer mais um dos «banhos de sangue» em que assenta o seu poderio: o derrube do Governo de Unidade Popular, o assassinato de Salvador Allende e de centenas de patriotas.

A morte de Miguel Enriquez, secretário-geral do M. I. R. (Movimento de Esquerda Revolucionária), regozijou os «gorilas» de Santiago do Chile, e provocou viva emoção revolucionária em todas as prisões e campos de concentração que enchem o território chileno.

Por cada revolucionário que o fascismo abate, outros se erguem, prontos a prosseguir o caminho do combate. A morte de Miguel, apesar de grave para a organização que ele dirigia e para toda a resistência chilena, não liquidou por isso a força combativa daqueles que, resistindo a todos os sofrimentos, enfrentando corajosamente a morte, estão dispostos a expulsar o fascismo da terra chilena.

O exemplo de Miguel Enriquez e o de tantas outras vítimas do fascismo chileno frutificará. Como o de outros combatentes anti-imperialistas frutificou na próprio Miguel Enriquez, que aos 16 anos iniciou a sua actividade política. Aos 21, participou no congressos fundador do M. I. R., sendo eleito para a direcção nacional do movimento. Em 1967, aos 23 anos, assumiu o cargo de secretário-geral do Movimento, posto que mantinha quando foi assassinado.

O M. I. R. foi um dos partidos que lutou sem tréguas contra a chamada «revolução em liberdade» do democrata-cristão Eduardo Frei, desmascarando o carácter crescentemente repressivo e pró-imperialista da sua política e enfrentando a clandestinidade.

A eleição de Salvador Allende marca nova etapa da vida do M. I. R., que, entretanto, se tinha transformado num partido revolucionário, cuja linha divergia da do P. C., considerada reformista pelos «miristas».

Durante os três anos do regime de Unidade Popular, o M. I. R. tentou levar a revolução ás suas últimas consequências, lutando contra aquilo que considerava as insuficiências e vacilações reformistas do Governo, e organizando revolucionariamente os trabalhadores. «Criar, criar, poder popular», «Trabalhadores ao Poder» foram dois dos seus «slogans que não tardaram a ser repetidos por todos os chilenos empenhados no triunfo da revolução.

Depois do golpe de 11 de Setembro, o M. I. R. tenta oferecer resistência militar aos fascistas, e passa, sob a orientação de Miguel Enriquez, para a clandestinidade, na qual compromete o conjunto das suas forças.

Foi Miguel Enriquez também o arquitecto da Junta de Coordenação Revolucionária do Cone Sul da América Latina (J. C. R.), que agrupa de igual perspectiva estratégia da Argentina (P. R. T.), Bolívia (E. L. N.), Chile (M. I. R.) e Uruguai (Tupamaros).

Um ano passado sobre a morte de Miguel Enriquez, Pinochet e os seus esbirros já se não sentem tão regozijados como então. Rejeitado pela comunidade internacional, o regime de Santiago do Chile enfrenta a resistência crescente das massas trabalhadoras. Resistir, lutar, avançar eis a melhor homenagem que os patriotas chilenos podem prestar a Miguel Enriquez e a todos os outros que pereceram pela revolução.

AUMENTAM OS APELOS PARA A LIBERTAÇÃO DE CORVALAN

Luís Corvalán, secretário-geral do PC chileno, completou no dia 27 de Setembro dois anos de prisão nos cárceres e campos de concentração da Junta Militar fascista, enquanto aumentam os apelos internacionais pela sua libertação. A recusa da Junta de lhe conceder o habeas corpus suscitou o mais vivo repúdio da comunidade internacional.

Corvalan foi preso 16 dias depois do sangrento golpe militar que derrubou o governo constitucional do presidente Salvador Allende, e, durante meses, suportou uma temperatura de 15 graus abaixo de zero na ilha Dawson, sita na extremidade meridional do país. Ameaças, carências alimentares, torturas físicas e morais nada lhe têm poupado os seus carrascos.

Durante este tempo, o secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, o Papa Paulo VI, o secretário-geral do PC da URSS, Leonid Brejnev, o primeiro-ministro cubano, Fidel Castro, e o primeiro-ministro britânico, Harold Wilson, entre outros, têm exigido a sua libertação.

Outras personalidades internacionais que têm exigido, em diversos foros mundiais e pelas mais diversas vias, a libertação de Corvalan incluem nomes como os de Willy Brandt, ex-chanceler da Alemanha Federal, o ex-primeiro-ministro britânico, Edward Heath, os falecidos presidentes francês, Pompidou, e argentino, Perón,

e o ex-presidente do Peru, Velasco Alvarado. O mesmo fizeram já os presidentes de dez parlamentos da Europa Ocidental e vários da América Latina.

A libertação de Luís Corvalan e de todos os presos políticos chilenos foi tema central de resolução na assembleia geral de 28 e 29 da ONU, e bem assim na Conferência da UNESCO, da União Parlamentar Mundial e nas sessões da Comissão de Direitos Humanos da ONU, assim como nas últimas reuniões dos países não-alinhados.

Uma poderosa campanha internacional de organizações operárias, estudantis, intelectuais e dos mais diversos sectores tem exigido a libertação de Luís Corvalan e de todos os presos políticos da Junta Militar.

Transferido, depois de larga permanência em Dawson, ilha da antecâmara da Antártica, para outros cárceres e campos de concentração, Corvalan tem mantido sempre as suas convicções e exercido o papel de irredutível acusador do regime militar, enquanto as autoridades castrenses não têm podido formular acusações concretas contra ele.

O ex-ministro chileno dos Negócios Estrangeiros, Clodomiro Almeyda, denunciou numa conferência de Imprensa que existem notícias de um início possível de julgamento contra Corvalan, e de outros presos políticos da Armada, em Valparaíso.

«É uma notícia profundamente desconcertante» — frisou Almeyda.

Almeyda, companheiro de prisão de Corvalan em Dawson e outras prisões, recordou que «por várias vezes realizaram interrogatórios nesse sentido, mas pensámos que tinham desistido da ideia perante a impossibilidade de dar um carácter legal a um processo dessa natureza».

«O facto constitui um desafio insolente à opinião pública mundial e abre uma nova trincheira de combate para todos os povos do mundo» — afirmou Almeyda, na sua conferência.

Um comunicado do Partido Comunista do Chile, assinado pelo antigo parlamentar Velodia Teitelboim, membro da Comissão Política, diz que «a possível intenção de processo judicial é uma farsa processual para tentar justificar a injusta detenção, reiteradamente condenada pela opinião pública».

Chegou a hora de todo o mundo empenhar os máximos esforços para arrancar Corvalan e os outros perseguidos à criminosa maquinação» acrescenta a declaração do Partido Comunista Chileno.

RAUL ORESTES MARTIN
(Exclusivo «Prensa Latina»
DL)

Estrangeiro

Esta manhã ainda não tinha sido encontrado o industrial holandês, Tiede Herrema, raptado na sexta-feira, na República da Irlanda. Em cima: Maryan Coyle e Eddie Gallagher, considerados autores do rapto. Em baixo: Rose Dugdale e Kevin Mallon, cuja libertação é exigida em troca do industrial holandês. (Foto Keystone)

JÁ FORAM MORTOS ESTE ANO 19 POLÍCIAS ESPANHÓIS

MADRID, 9 — (R.) — É provável que o Governo franquista, deparando com mais mortes de polícias em batalhas a tiro com guerrilheiros urbanos, aprove medidas muito duras para acabar com a onda de violência, embora evite acções que possa provocar novos protestos anti-espanhóis no estrangeiro, segundo afirmaram fontes afectas ao gabinete.

Os ministros conferenciarão no gabinete do chefe do Governo, debatendo a agudização da situação, antes da sessão semanal do gabinete, à sexta-feira, que será presidida pelo chefe de Estado, generalíssimo Franco.

A vaga de violência dos guerrilheiros urbanos arrebatou já, este ano, as vidas de 19 agentes da polícia espanhola. Nove deles foram mortos após a execução em 27 de Setembro de cinco guerrilheiros urbanos, execução essa que originou protestos em muitos países.

Dois guardas e uma família de três pessoas morreram ontem, ao serem apanhados entre fogo cruzado, quando homens armados, que seguiam num automóvel, atacaram um aquartelamento da Polícia em Barcelona.

Em Paris, o adido militar interino espanhol ficou gravemente ferido no estômago, ao ser atingido por três tiros de pistola. Algumas das manifestações mais violentas contra Franco ocorreram em França, após os fuzilamentos em Espanha.

O regresso ontem a Madrid dos embaixadores alemão ocidental e britânico confirmou opiniões em círculos oficiais de que o siolamento diplomático da Espanha, a seguir às execuções, tinha passado já a fase crítica.

Ambos os enviados foram chamados para consultas pelos seus Governos, juntamente com os embaixadores da maior parte dos países da Europa Ocidental.

O Papa Paulo VI, uma figura muito venerada neste país oficialmente católico, exprimiu novamente a sua firme desaprovação pela violência em Espanha num telegrama endereçado ao arcebispo de Madrid, cardeal Vicente Enrique y Taracon.

O Santo Padre, que indignou o Governo franquista ao fazer apelos de clemência a favor dos guerrilheiros urbanos fuzilados, manifestou a sua «firme condenação desta espiral de violência», segundo revela o texto do telegrama publicado ontem, à noite, pelo gabinete do arcebispo de Madrid.

O telegrama coincidiu com um comunicado da Polícia dizendo que dois padres de Madrid, que leram no fim da semana, um sermão pedindo a abolição da pena capital e que acabassem os maus tratos aos presos, foram multados em 250 000 pesetas, enquanto um terceiro foi intimado a pagar 100 000 pesetas.

Fontes bem informadas disseram que os três sacerdotes ficarão presos em Madrid até ao pagamento das multas, enquanto mais dois padres, que leram também o sermão, se encontram ainda detidos no comando da Polícia de segurança.

Mons. Alberto Iniesta, bispo de um bairro da classe operária de Madrid, que escreveu o sermão, partiu para Roma, por ordem dos seus superiores.

A censura continua a ser feita à Imprensa e ontem à noite, foi ordenada pelo Ministério da Informação a suspensão, por quatro meses, do influente semanário de Barcelona «Mundo».

Fontes bem informadas disseram que o «Mundo» publicara um relato detalhado da execução em Barcelona de Juan Paredes Manot, que se afirma ter morrido cantando o hino nacionalista basco, após recusar uma venda para os olhos que lhe foi oferecida pelo oficial que comandava o pelotão de fuzilamento.

Entretanto, um comunicado da Polícia de Valência anunciou a noite passada a prisão de 16 elementos da F.R.A.P. (Frente Revolucionária Antifascista e Patriótica), uma organização maoista. Três membros da F.R.A.P. encontravam-se entre os executados, em Setembro.

Os presos, na maioria estudantes adolescentes, incluem quatro raparigas. São acusados de estarem empenhados em propaganda subversiva.

APOIO AMERICANO

MOSCOVO, 9 — (ANOP) — O novo acordo entre os Estados Unidos e a Espanha sobre bases militares norte-americanas em território espanhol deu apoio essencial ao Governo de Franço — afirma o «Izvestia», órgão governamental soviético, na sua edição de ontem.

«A opinião pública internacional denuncia o novo acordo hispano-norte-americano» diz o jornal, que acrescenta:

«Numa altura em que o isolamento político se aperta em torno de um regime anacrónico, este recebe apoio essencial do outro lado do oceano».

O «Izvestia» nota que a Espanha adoptou a certa altura uma linha dura no que se refere às negociações sobre as bases, tornando depois a sua posição mais aceitável, face à hostilidade internacional generalizada.

REFÉNS RETIDOS NA ARGENTINA POR REFUGIADOS CHILENOS

BUENOS AIRES, 9 — (A. N. O. P. e R.) — Baixou hoje para cinco o número de reféns mantidos por refugiados nas instalações em Buenos Aires do alto-comissário das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) ao ser libertado um funcionário argentino, que teve um ataque epiléptico.

A Polícia disse que esse funcionário, Alejandro Henning, fora levado para um hospital. Antes fora autorizado que seu pai entrasse no edifício, no centro desta capital, a fim de levar medicamentos que o filho carecia.

Os dez refugiados, na maioria chilenos, mas incluindo pelo menos, um brasileiro e um indivíduo da América Central, fizeram os reféns ao ocuparem as instalações do ACNUR, às 11 horas locais (15 de Lisboa) de ontem.

Um deles, uma mulher que se identificou como «Número Dois», afirmou à Reuter, numa entrevista que concedeu pelo telefone, ontem à noite que pretendiam seguir para a Suécia, Dinamarca ou Bélgica.

Sublinhou que não tinham qualquer queixa do Governo argentino e que o seu protesto era contra «funcionários reaccionários das Nações Unidas».

Os refugiados, que vieram para a Argentina, após os militares chilenos derrubarem, em Setembro de 1973, o Governo socialista do falecido presidente Salvador Allende, asseveram que as suas condições de vida neste país se tornaram intoleráveis e alegam que o ACNUR nada tinha feito para os auxiliar.

«Número Dois» afirmou emocionada: «Não somos guerrilheiros ou extremistas. Somos apenas refugiados que desejam uma solução dos nossos problemas e que querem sair deste país».

Agentes da Polícia, armados com metralhadoras ligeiras, carabinas e granadas de gás lacrimogéneo, cercaram a área à volta do edifício do ACNUR, mas abrandaram ligeiramente o dispositivo de segurança, após os refugiados libertarem, ontem à noite, oito mulheres.

Cálculos acerca do número de refugiados do Chile, que estão ainda na Argentina aguardando transferência para terceiros países, vão de 3.000 a 5.000.

RENÚNCIA DESMENTIDA

A presidente Maria Estela Peron reassumirá o exercício executivo nos próximos dias — afirmaram os mais altos chefes do Partido Justicialista e do Governo, desmentindo assim insistentes versões relativas a uma suposta renúncia da presidente.

A declaração foi formulada coincidentemente pelo ministro do Interior e primeiro vice-presidente do Partido Justicialista (peronista) Angel Robledo, e pelo segundo vice-presidente e dirigente sindical, José Baez.

Entretanto, o ataque desencadeado no passado domingo pela Organização Peronista Revolucionária «Montoneros» contra uma unidade militar da cidade de Formosa e as operações repressivas desde então efectuadas pelas forças governamentais provocaram até hoje 53 mortos, mais de 75 feridos e 200 detenções.

O maior número de baixas, segundo indicações oficiais, pertence à organização de guerrilheiros peronistas, que sofreu 34 mortos e mais de 40 feridos.

PESSOAS DESAPARECERAM APÓS UM ENCONTRO COM "SERES ESPACIAIS"

PORTLAND (Oregon), 9 — (ANOP) — As autoridades do estado de Oregon procuram descobrir o paradeiro de 20 pessoas desaparecidas que assistiram a uma reunião presidida por um homem e uma mulher que se dizia serem do espaço.

As pessoas receberam indicações para venderem todos os seus bens, a fim de que um disco voador os pudesse levar para uma vida melhor.

A reunião, efectuada em 14 de Setembro num motel de Waldport, no estado de Oregon, assistiram cerca de 300 pessoas.

A mensagem aí transmitida foi que, dentro dos próximos dez anos, terrestres serão levados para outro mundo e uma vida melhor.

Antes de partirem as pessoas teriam de vender os seus bens terrestres e desligar-se das suas amizades pessoais.

Algumas pessoas presentes no encontro falaram também na existência de um campo no Colorado, no qual seriam preparadas para partir da terra.

A Polícia disse entretanto ter desvendado o mistério de um anúncio aparecido num jornal de domingo na cidade de San José, Califórnia, dizendo que os seres viajantes nos objectos voadores não identificados estão na Terra «para nos ajudar».

O anúncio convocava a população para comparecer na biblioteca da cidade «a fim de saber mais».

Segundo as autoridades, a sala foi alugada por um jovem de 19 anos ligado aos dois «seres espaciais», com o objectivo de que estes pudessem ter uma troca de impressões com possíveis convertidos.

A reunião acabou por ser cancelada, aparentemente devido à grande publicidade feita em torno do culto.

O jovem declarou que a reunião seria conduzida por um homem e uma mulher de meia-idade que estabeleceriam a forma dos discípulos «serem executados por alguém de nível superior e levados depois num «ovni», após terem ressuscitado, três dias depois da morte».

Entretanto, uma mulher que assistiu à primeira reunião declarou que os dois dirigentes do culto se opõem ao amor físico.

Parte da preparação para ascender a um nível superior antes do transporte num «ovni» consiste na abstenção sexual.

Espectáculos

Crítica de Teatro

CARLOS PORTO

PASCOAL, O COELHO

«PASCOAL», de Mary Chase. *Tradução:* Correia Ribeira. *Encenação: Varela Silva. Cenografia:* António Casimiro. *Intérpretes:* Maria Alexandra, Irene Isidro, Camilo Oliveira, Manuela Cassola, Maria Adelina, Carlos Gaspar, Rodolfo Neves, Luís Filipe, Fernanda Coimbra, Luís Matta, Fernando Soares. *Produção:* Tequipa. Teatro Villaret. 3/10/75.

Esta peça ultrapassa o nível abaixo de cão com que o teatro de Camilo Oliveira/Vasco Morgado explora, habitualmente, a passividade do público. Trata-se, supomos, de um texto norte-americano que foi há anos adaptado ao cinema e deu um filme intitulado Harvey , com James Stewart no protagonista. Este mesmo James Stewart está agora a representar a peça em Londres, o que não deixa de ser curioso por verificarmos que, mesmo neste caso, a peça foi escolhida em função das possibilidades de rendimento (menos artístico do que económico de uma cabeça de cartaz. O mesmo acontece com Laura Alves e Henrique Santana, por exemplo.

A peça conta uma história e arrasta, embora pouco, alguma carga crítica que na época, e nos Estados Unidos, tinha alguma razão de ser (agora talvez tenha alguma razão de ser em Portugal). A história é a de Ernest Don que, para se defender da vida, inventa uma personagem inesperada: o Pascoal, um enorme coelho (invisível, claro). A irmã, com quem Don vive, resolve internã-lo (que assim sempre poderá vender a casa . Tudo acaba bem porque, ao fim e ao cabo, são todos uns anjos, graças à presença de Pascoal. Esta é a história resumida porque pelo percurso há vários incidentes que dão o toque de boulevard que a peça denuncia. As críticas, muito superficiais e óbvias, dizem respeito à prática psiquiátrica (os psiquiatras são apresentados como brutos e ignorantes exploradores ; às estruturas de uma sociedade que obrigam a mulher a recalcar os seus sentidos (as personagens femininas parecem taradas sexuais ; à cobiça pelo dinheiro.

Don é a personagem mágica da peça — Pascoal, o coelho, é o seu alterego , o espelho invisível das suas qualidades humanas, a sua forma de ser poeta e usar imaginação, o escudo contra a solidão e contra a chatice (embora Don beba que se farta) — numa terra em que é tudo tão sensaborão, como se diz na peça. Pascoal é, pois, o signo (imaginário) de tudo isso, da poesia que a personagem deve exprimir nos seus gestos e nas suas palavras; da ternura que o liga aos outros; e da ironia suave com que olha a vida. É claro que se nós fossemos cínicos diríamos que Don não inventaria a sua personagem — que afinal os outros acabam por aceitar como se existisse — se fossem outras as suas preocupações, se trabalhasse, por exemplo. Mas não entremos neste campo...

Pela descrição, mesmo sumária, da personagem e da peça, imagina-se facilmente como uma e outra exigem uma interpretação (tanto a nível de encenação como de representação) subtil, nuançada, em bicos de pés.

Mais ou menos o contrário da linha que Varela Silva e os actores seguiram. Mesmo esquecendo alguns desvios de tradução — pela forma grosseira como fogem ao contexto — dificilmente poderemos aceitar o tom de farsa (embora sem exageros) que se quis imprimir ao espectáculo. Com tudo isto, não havemos de deixar de sublinhar o esforço feito por Camilo Oliveira, procurando depurar o seu jogo, interiorizá-lo, esquecer os clichés (embora conserve alguns, como levar desnecessariamente a mão à boca , compor com cuidado a personagem. Se não o consegue totalmente, se a personagem tem mais piada (?) e menos ironia, mais traço grosso do que carga poética, mais primarismo do que riqueza humana, mais piscadelas ao público do que rigor — nem por isso devemos deixar de reconhecer que Camilo procurou aproximar-se da sua personagem com alguma finura. Esperemos que a conserve e que não se deixe arrastar pelos riscos alvares de um público que é capaz de achar graça a um palhaço mesmo quando este chora de dor.

Risos de um público pequeno-burguês que está para o verdadeiro riso e para o verdadeiro teatro como está para a revolução — sem nada entender transformando essa falta de entendimento numa resistência contra-revolucionária.

Lamentamos ainda que o jogo mímico de Camilo Oliveira seja demasiado pobre para tornar convincente o signo Pascoal (mesmo numa peça de segunda ordem é estimulante o aparecimento de um signo tão forte e curioso). E lamentamos sobretudo que de uma maneira geral os intérpretes tenham ficado aquém da compreensão das suas personagens o que impediu que o espectáculo atingisse outro nível.

cinema

A ROMÉNIA NO FESTIVAL DE SANTARÉM

. O Festival Internacional de Cinema de Santarém — V Festival do Filme Agrícola e de Temática Rural, que se realiza de 17 a 23 de Novembro de 1975, conta já com a participação de vários países. Entre estes destaca-se, desde já, a Roménia, que concorre, assim, pela primeira vez a este certame, onde em anos anteriores, se revelaram películas doutros países socialistas como, por exemplo, de Cuba, da Bulgária, da U.R.S.S. da Hungria, da Alemanha Democrática e da Checoslováquia.

. Graças à cooperação da Embaixada da Roménia em Lisboa e à colaboração do conselheiro dr. Ioan Radu, que se reuniu com o director do Festival de Cinema de Santarém, é possível ter no certame deste ano uma importante representação romena.

Além de uma longa metragem de enredo «O Pai Perdulário», e de uma média metragem, de carácter técnico e informativo, intitulada «Irrigação na zona de Carasu», a Roménia participa no Festival com mais quatro documentários de temática agrícola, todos em 35 mm e que serão apresentados no Teatro Rosa Damasceno. Podemos avaliar, desde já, do seu interesse, pelos títulos respectivos: «Colheita de Feno», «Ruginoasa, de aldeia a cidade» e «Sistema moderno de agricultura».

A Roménia vai, pois, ser acontecimento, no Festival de Cinema de Santarém.

Manuel Guimarães

Lauro António

LAURO ANTÓNIO E MANUEL GUIMARÃES

O crítico de cinema Lauro António, bem conhecido dos leitores de «Diário de Lisboa», e também dos telespectadores, pois é apresentador dos filmes da rubrica «Clássicos do Cinema» na Televisão, virou realizador. Isto é: aliou a teoria e os seus conhecimentos da cinematografia à prática do documentarismo. No Festival de Cinema de Santarém vão ser apresentados os seus dois primeiros trabalhos na realização, os documentários «Vamos ao Nimas», já assinalado pela crítica, e «Prefácio a Vergílio Ferreira». Este terá antestreia, conjuntamente, com o filme de Manuel Guimarães «Cântico Final», inspirado no romance homónimo de Vergílio Ferreira.

Documentários portugueses sobre a Reforma Agrária, produzidos pelo Instituto Português de Cinema, e outros filmes (de Jorge Cabral, por exemplo) serão possivelmente apresentados no certame.

O TERCEIRO MUNDO NO CINEMA

. CIDADE DO MÉXICO — O cineasta francês Henri Gebrier vai produzir no México uma longa metragem sobre a problemática do Terceiro Mundo segundo foi anunciado nesta cidade.

Gebrier, conhecido mundialmente pelo seu filme «O Salário do Medo», foi convidado pelo próprio presidente Luís Echeverria, a rodar a nova película no México.

A semana passada, Gebrier avistou-se com Rodolfo Echeverria, director do Banco Cinematográfico Mexicano, para coordenar o filme sobre o Terceiro Mundo, que espera iniciar em 1976.

I.P.C. JÁ TEM C.A.

O Ministério da Comunicação Social nomeou já os elementos para a Comissão de Inquérito às actividades cinematográficas, bem como os elementos para a Comissão Administrativa do Instituto Português de Cinema, cuja existência fica a dever-se a um despacho datado de 26 de Setembro.

ITÁLIA: FIM DA CENSURA

. ROMA — A Censura prévia, para o Teatro e o Cinema vai ser abolida na Itália — segundo anunciou o ministro do Turismo e Espectáculos, Adolfo Sarti.

O novo projecto de lei será analisado brevemente em Conselho de Ministros. Com esta nova lei «terminará um extenso período de incertezas, ambiguidades e hipocrisias em matéria de projecções cinematográficas e representações teatrais, já desautorizadas pelo público, que atingiu plena maturidade crítica».

"FOLK" E BARROCO AMANHÃ EM LISBOA

. O duo Bill Crofut-Menneth Cooper dará um concerto no Centro Cultural Americano, Avenida Duque de Loulé, 22-B, Lisboa, às 18.30.

Estes dois artistas norte-americanos, têm sido aclamados pelos críticos pela versatilidade, exuberância e alta qualidade das suas interpretações, de «folk» e música barroca.

Canções & Música

FESTIVAL EM ÍLHAVO

. Confirmado: Fernando Tordo e Paulo de Carvalho estarão presentes no espectáculo do II Festival da Canção de Ílhavo, promovido pelo Illiabum Clube.

O espectáculo terá lugar no Atlantic Cine-Teatro.

Foi ainda conseguida a adesão da Banda dos Bombeiros Voluntários de Ílhavo, que dará um concerto público amanhã, dia do Festival, no Largo D. Manuel Trindade Salgueiro, às 18 horas.

BAIXA (TEMPORÁRIA) N' "OS CÓMICOS"

. Um dos «Cómicos», grupo de teatro que estava a apresentar a peça «A Noite dos Assassinos», numa das salas do Teatro do Bairro Alto», foi submetido de urgência, a uma operação cirúrgica. Daí que, logicamente, as representações tenham sido suspensas.

«Os Cómicos» comprometem-se, no entanto, a anunciar, com antecedência, o reinício dos espectáculos.

FACULDADE DE FARMÁCIA

A Faculdade de Farmácia comunica que, por iniciativa dos trabalhadores estudantes do Curso Livre (este ano com 1.º e 2.º ano) se realizará no próximo sábado, dia 12, às 15 horas uma sessão com o seguinte programa:

1. Tema a debater: «Prioridade à Educação». Reforma ou Revolução?
2. Projecção do filme intitulado: «Escola da Comunidade».
3. Debate.

Para esta sessão estão convidados todos os interessados.

Lisboa, 6 de Outubro de 1975.

ADÓQUE grupo de teatro

(Ao Martim Moniz)
Telefone 87 42 80
HOJE
às 20.30 e 22.30 h
A.C.A. DOS CARBERAIS
UMA REVISTA POPULAR!
UM ÊXITO!
(Não acons. men. 18 anos)

CENTRO DE PRODUÇÃO Teatro
A RTP apresenta todas as noites, às 21.30 h., e aos domingos também, às 16 h., a peça de Miguel Franco
«LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO»
Desc. às 2.as Feiras
«ÚLTIMAS SEMANAS»
Não acons. a menores de 13 anos
Bilheteira - Tel. 89 70 17
ABEP — Telef. 32 88 23

LÍNGUA ITALIANA

Novos cursos para principiantes a cargo de professores italianos com início em 13 de Outubro, curso quadrienal de língua, curso de conversação, de tradutores e de cultura (literatura, arte, música), manifestações cinematográficas — Exposições de arte

INSTITUTO ITALIANO DE CULTURA
RUA DO SALITRE, 146 — TEL. 684172
INSCRIÇÕES: DAS 10 ÀS 13 E DAS 16 ÀS 20 HORAS

Aos melhores alunos do Instituto serão concedidas bolsas de estudo para frequentar cursos de Verão em Itália.

A taxa de frequência são 800$00 para todo o ano.

Em ALHOS VEDROS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA MODERNA

Televisão

CANAL DA CRÍTICA

MÁRIO CASTRIM

OS ESPINHOS DE ROSA

O senhor ministro.

O senhor ministro estava zangado com os metalúrgicos. Ora qualquer pessoa zangada, na televisão, dá sempre muito mau aspecto. A coisa agrava-se quando essa pessoa é um ministro.

O senhor ministro deu um triste espectáculo. Chegou a ser ridículo, quando usou a ameaça: ah, se «aquele indivíduo» que falava à multidão tivesse dito aquilo ao pé dele, na varanda...Não se sabe o que aconteceria, mas eu estou a ver o senhor ministro a dar uma surra no metalúrgico. Talvez. Não é descrer da valentia de sua excelência, mas se por acaso o operário em questão era algum daqueles que eu vi passar na rua, suponho que o sua excelência teria uma tarefa muito difícil.

O senhor ministro, que, como a pescada, já o era antes de ser (o seu nome aparece no célebre governo dos Nove» que seria chefiado pelo general Fabião...) estava muito zangado com os metalúrgicos. Os metalúrgicos fizeram uma colossal manifestação da sua força tão grande e a dizer coisas tais que o senhor ministro pergunta se na manifestação não haveria infiltrados elementos não metalúrgicos...Mas como diabo é que um ministro com tão pouco tempo de ministro (apesar de já o ser antes de o ser) como é que ele já conhece estas habilidadezinhas?

. O senhor ministro está muito zangado — ou muito triste? — porque os metalúrgicos não gostam dele. Apuparam-no muito, oh, muito, santo Deus! Estes metalúrgicos não têm coração: têm um rebite de ferro cravado no peito. Os metalúrgicos, a acreditar nas palavras do senhor ministro, também não gostam do VI Governo. Sim, como se fosse possível não gostar de um Governo das direitas, não é verdade, senhor ministro?

. Mas é assim crime tão grande não gostar do VI? E será assim tão perigoso? Os operários, os trabalhadores da cidade e dos campos parece que na realidade não morrem de amores pelo VI. Mas não faz mal, que o VI paga na mesma moeda. E além disso, o que é que tem? Onde está o motivo para alarme? O VI não conta com as maiorias? Não diz outro ministro o dos Negócios Estrangeiros, que este Governo é que é bom porque tem uma larga base social? Que mal lhe pode fazer o desamor das *minorias* ou seja, as classes trabalhadoras?

. Esteja, portanto o senhor ministro sossegado. Continue, lá no seu Ministério, a trabalhar pelo bem da Pátria, pela Revolução, pelo socialismo, pelo interesse dos trabalhadores e não ligue aos metalúrgicos. São uns ingratos, senhor ministro, não reconhecem nada.

Disse o senhor ministro muito bem: até são contra-revolucionários!, sabe-se lá onde estaria o senhor ministro quando os metalúrgicos lutavam contra a repressão fascista, desculpem, não era nada disto o que eu queria dizer, sabe-se lá onde estariam os metalúrgicos quando o senhor ministro lutava contra a repressão fascista...

Tem razão o ministro. Porque estes metalúrgicos até estão contra o M. F. A., imaginem! Pode lá compreender-se o descontentamento dos trabalhadores quando se tomam medidas tão importantes no domínio das Forças Armadas? Se oficiais progressistas são afastados da Força Aérea e do Exército; se são demitidos Corvacho, Pinto Ferreira e outros; se lincham Vasco Gonçalves; se nomeiam Soveloso para o Porto e Figueiredo para a Emissora Nacional e Ferreira da Cunha para a (in) Comunicação Social; se o Conselho da Revolução é o atraso de vida que é — sendo assim, na verdade, não se compreende o descontentamento das classes trabalhadoras. As classes trabalhadoras até deviam propor ao Prémio Nobel os descobridores da nova fórmula da evolução histórica pra melhor fazer avançar a Revolução, é preciso sanear os revolucionários, e quem não concordar com isto é contra-revolucionário.

Pois é, senhor ministro, os trabalhadores não percebem nada. Estão a oferecer-lhes revolução numa bandeja e eles ainda refilam, os malandros

REVOLUÇÃO, SIM; EXPLORAÇÃO, NÃO.

O ministro estava zangado. Tinha os metalúrgicos atravessados na garganta. Estava zangado — e nem sequer se dava conta do lamentável espectáculo em que incorria.

Primeiro, foi demasiado notória aquela habilidade de procurar voltar os camponeses contra os operários segundo o senhor ministro, os metalúrgicos não se lembravam, nas suas reivindicações, dos camponeses que trabalham de sol-a-sol, com salários tão baixos, etc, etc., um fado tão choradinho de fazer cortar o coração.

Mas que tem a ver uma coisa com a outra, na fase histórica que vivemos? Ao contrário do que pensa o senhor ministro, a luta dos metalúrgicos ajuda a luta dos camponeses pobres em vez de a prejudicar. E depois por que razão se há-de colocar a questão só em relação aos metalúrgicos? Acaso o senhor ministro se lembra dos camponeses quando recebe os seus quase trinta contos por mês?

. O senhor ministro não percebe que conciliação de classes é uma coisa, unidade popular é outra. A primeira, impossível; a segunda absolutamente desejável.

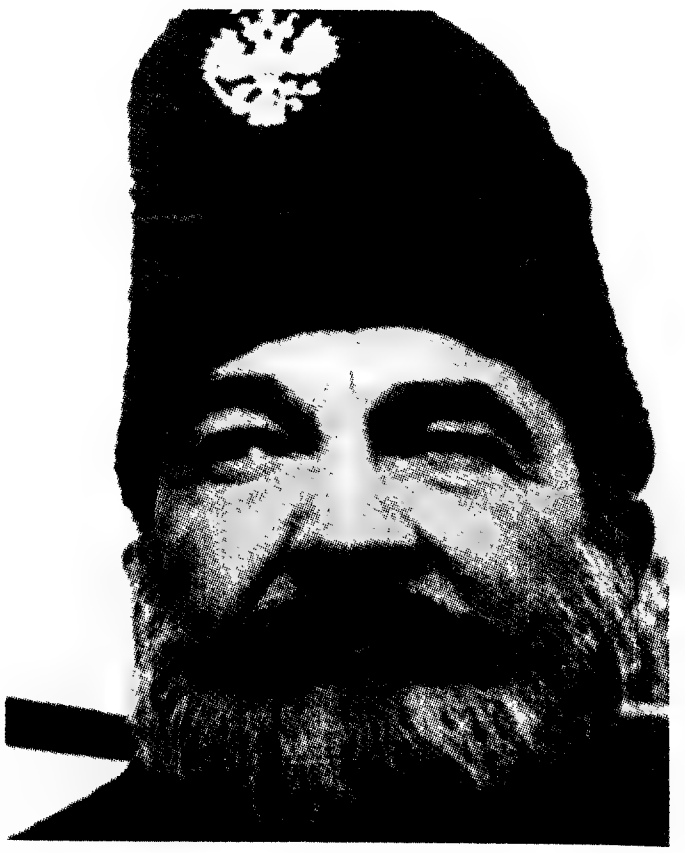
Se vamos perpetuar o domínio de uma classe sobre outra, só pode haver luta; se vamos privilegiar a actividade das forças empenhadas no processo revolucionário, haverá unidade popular com tudo quanto de sacrifícios para a vitória esta expressão comporta. Para caminhar a favor da revolução, os trabalhadores farão todos os sacrifícios; claro que nem pensar nisso se se caminhar a favor da exploração. Pedir aos trabalhadores apoio para um governo com tão forte representação reaccionária — só não é uma anedota porque é uma batota. Pedir aos trabalhadores compreensão para os patrões reaccionários é mais do que uma batota é uma anedota: é uma derrota. Os trabalhadores farão sacrifícios se a revolução for ao leme (e não é por acaso que eles gritam *o Vasco voltará!...* ; não levantarão uma palha se ao leme for a reacção.

Foi igualmente notória e lamentável a tentativa do senhor ministro de voltar os metalúrgicos contra a sua direcção, e esta nítida ingerência na vida interna da organização dos metalúrgicos tornou ainda mais desagradável a imagem televisual do senhor ministro.

Uma tristeza, senhor ministro.

O senhor ministro estava zangado. Duzentos mil metalúrgicos não gostavam dele. Mas depois da emissão, de ontem, alguns milhões de portugueses passaram tambem a não gostar. O senhor ministro não sabe que estas «habilidades» na Televisão se pagam caro. Estamos fartos de manobras, senhor ministro.

Hoje



«A Queda das Águias»

I PROGRAMA

18.00 Abertura e **«Aventuras do Rucas»** e **«Nodi»**
19.30 **Momento Desportivo**
20.00 **TV Palco** — panorama teatral português pelo actor Igrejas Caeiro.
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
21.00 **Programa Musical**
22.00 **«A Queda das Águias»** — um telefilme produzido por Stuart Burge para a B.B.C. e «Time-Life Films» — 2.º apisódio — «A Princesa Inglesa». Realização de David Conlife. Intérpretes: Curt Jurgens, Gemma Jones, Maurice Denham e Denis Lill.
23.00 **Telejornal** — 3.ª edição

II PROGRAMA

21.00 Abertura e a série filmada **«Os Malucos do Circo»**
21.30 **Telejornal** — em diferido a edição transmitida no I Programa às 20 e 30.
22.00 **«Serviço Especial»** — série policial com George Sewell, Roger Rowland e Patrick Mower.
22.45 **Sabe Quem Foi Roque Gameiro?** — um programa realizado e apresentado por Ruy Ferrão.

DESTAQUES

I PROGRAMA

«A Queda das Águias» (22.00)

II PROGRAMA

Série Policial — «Serviço Especial» (22.00)

....

Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **1.º Período** — **12.45**: Abertura e Saber Não Faz Mal; **13.00**: Stop — programa de Prevenção Rodoviária Portuguesa por Joaquim Filipe Nogueira; **13.15**: Telejornal — 1.ª edição; **13.30**: Série Filmada — «O Perigo é a Minha Profissão»; **14.00**: Fecho. **2.º Período** — **19.00**: Abertura e um programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis; **19.30**: Largo do Pelourinho — um programa de Isabel da Nóbrega; **20.00**. Panorama; **20.30**: Telejornal — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro; **21.00**: Mundet; **21.30**: Eurovisão — Jogos Sem Fronteiras; **23.15**: Telejornal — 3.ª edição; **23.30**: Fecho.

II PROGRAMA

. . . . **21.00**: Abertura e a serie filmada «O Perigo é a Minha Profissão»; **21.30**: Telejornal — em diferido a edição transmitida no I Programa às 20 e 30; **22.00**: Noite de Cinema «O Expresso de Xangai» um filme produzido em 1932 Realização de Joseph von Sternberg com Marlene Dietrich e Clive Brooks; **23.40**: Fecho

Desporto

SELECÇÕES AO TRABALHO

SOL DE OUTONO COM CHEIRO A PRIMAVERA

Reportagem de ORLANDO DIAS AGUDO

...e um sol de Outono, com cheiro a Primavera invadiu o Jamor. Era manhã cedo: na praça da maratona as folhas caídas deixavam adivinhar o despir das árvores da «floresta» que circunda o parque desportivo; lá no alto, com promessa de subir mais ainda, o sol espreitava e aquecia, fazendo esquecer Outubro, obrigando a recordar Julho.

Cá em baixo, no tapete verde, jóvens moços deitavam-se ao trabalho: era a sua profissão; para alguns (todos?) era também a honra: o trabalharem-se para servir o nome do seu País, agora nas bocas do Mundo por motivos de política, aos quais o futebol (também ele) tem de acompanhar. Apenas um não aceitou o convite: e ficou-se ninguém sabe por onde. Fraguito o seu nome; inqualificável a sua atitude.

Dos convocados não compareceram Damas — lesionado — ou para sermos mais exactos, a contas com uma sinusite; Pietra a cumprir serviço militar fora de Lisboa; Costa a contas com exame escolar na cidade dos doutores. Porque Artur, com uma lesão na coxa direita, não se furtou ao convívio dos camaradas. E Fraguito? «Nem sequer deu notícia. Não sabemos nada dele», queixava-se o federativo.

José Maria Pedroto deu as boas vindas; e ensaiou os preparativos. Depois, a já célebre «pelada» que aliás levara muitos «mirones» às bancadas do Estádio Nacional.

De um lado, de amarelos vestidos, os «AA»: Botelho; Sambinha, José Mendes, Freitas e Barros; Toni, Alves e Octávio; Nené, Jordão e Moinhos. Do outro lado, de camisola verde (que é assim que a «esperança» se veste), formaram: Tibi; Ramalho, Carolino, Eurico e Gabriel; Rodolfo, Teixeira e Frasco; Abreu, Manuel Fernandes e Gomes.

Logo de início se notou o entusiasmo posto na luta pelos «verdes»; estavam ali dispostos a lutar e a não aceitarem, de antemão, uma superioridade dos «amarelos»; daí, que as balizas de Botelho fossem as mais visitadas, sentindo a extrema defesa dos «AA» sérias dificuldades. Desta forma não surpreendeu ninguém que o primeiro golo surgisse a favor das «esperanças» e logo nos primeiros minutos: Gomes foi o seu autor e rubricou uma excelente jogada dos «verdes».

Não se preocuparam os «amarelos»: haveria ainda muito tempo para a bola rolar e a melhor condição técnica dos seus haveria de repor a verdade no marcador. Mas a técnica, às vezes, vence-se com entusiasmo e luta: e foi isso que aconteceu. Aos poucos os «verdes» iam ganhando lances, iam-se aproximando de Botelho, iam criando condições de marcar. Daí o decorrer dos minutos ser seguido com entusiasmo, com vibração até.

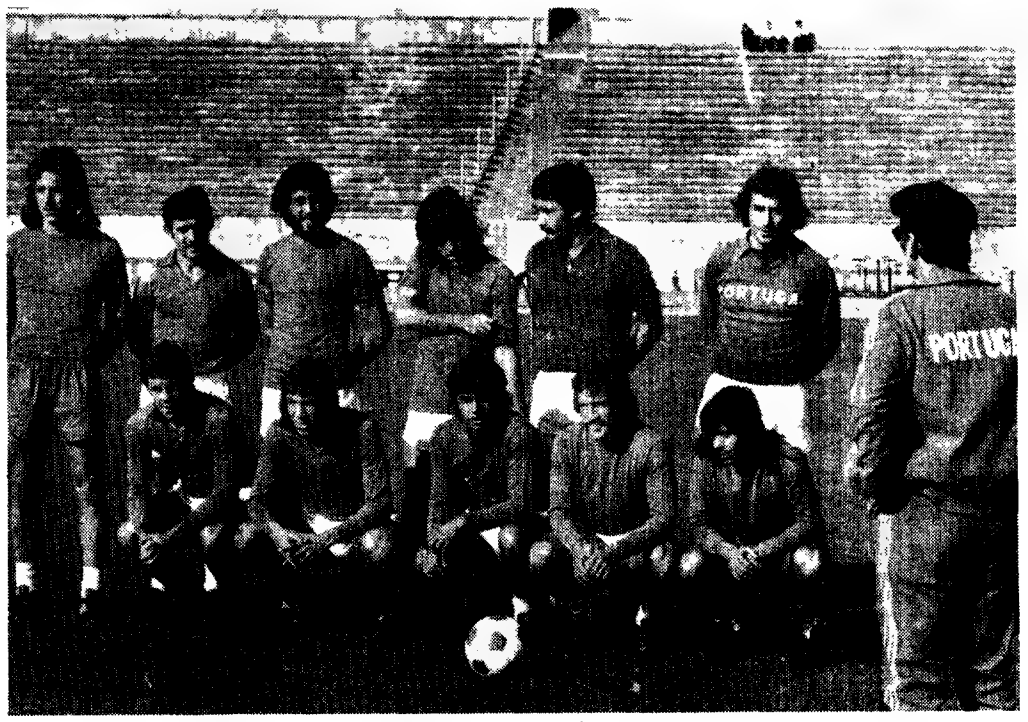
Aos 43 minutos de jogo Pedroto fez inverter as posições das turmas no relvado; e, aproveitando a paragem, fez sair alguns elementos, para incluir os restantes convocados: nos «AA», saíram Botelho, Alves, Nené, Jordão e Moinhos, para entrarem Bento, Vítor Martins, Marinho (Sporting), Oliveira e Albertino. Nos «verdes», saíram Gabriel, Frasco, Abreu e Manuel Fernandes, para entrarem Inácio, Marinho (Sporting de Braga), Vital e Jorge.

E que nos deram os trinta e poucos minutos desta segunda parte do treino? Apenas a certeza de que Vital é um jogador com futuro, que Inácio e Marinho prometem e que o outro Marinho (o do Sporting) continua a saber aproveitar as desatenções dos seus adversários. O tento do empate foi lavra sua (a aproveitar com rara oportunidade um desentendimento na extrema defesa «verde», já depois de resolvida situação confusa. E disse-nos mais: que Tibi não pode ser acusado de responsável pelos desaires do seu clube, que Sambinha está no caminho de um Artur, que Freitas continua firme como rocha que Toni sua qualquer carrisola, que Octávio é mouro de trabalho, que Vital é «mal empregado» na Segunda Divisão.

Indiferente a uma presença de Wilson (diz-se que para «fiscalizar» os trabalhos da Comissão Técnica da F.P.F.) misturado na multidão, José Maria Pedroto fazer-nos-ia, no final o balanço daquela primeira jornada de trabalho que tem como mira o jogo de 12 de Novembro com a Checoslováquia: «Foi agradável verificar que os jogadores mantêm a forma que os observadores verificaram nestes domingos de futebol a sério. Também foi agradável verificar o entusiasmo com que todos se aplicaram. Temos uma grande tarefa à nossa frente; para já contamos com o jogo com a Checoslováquia; que é fundamental para as nossas esperanças. Julgo que poderemos alimentar fundadas certezas de que o jogo das Antas não é, de antemão, uma batalha perdida».

Numa manhã de Outono o sol de Primavera brilhou no Estádio Nacional...

Uma constante do treino: «esperanças» ao ataque. Aqui é Freitas que corta um passe para Gomes



As «esperanças» que foram certezas frente aos «craques»

UM ANO DEPOIS

. Foi o ano passado: na jornada número 4 do nacional maior de futebol. No Estádio da Luz, o Benfica defrontava o Oriental. Os golos não sorriam na torrente desejada: e, do lado do «terceiro anel», uma garrafa voou na direcção do «bandeirinha» António Cortez. Jogo interrompido; bandeirinha assistido junto ao banco dos responsáveis pelo «onze» da casa. O agressor é identificado: e ontem, foi julgado (à revelia) por não morar (actualmente) no endereço que consta do processo. Trinta dias de prisão (remíveis a multa), mais 30 dias de multa e pagamento das despesas, foi a sentença. E o pedido do juiz para que conste na opinião pública para que o exemplo possa evitar outras atitudes congéneres.

ESTRITAMENTE CONFIDENCIAL

. No sábado, vida nova para dois «azuis»: casamento de Sambinha e Pietra, com duas moças ali da área. Todavia, os jogadores vai sair da festa do casório para o estágio, só encontrando as esposas lá para o fim da tarde de domingo...

EVENTUALMENTE CHOCANTE

. Infelizmente a onda de indisciplina que avassala o futebol, de há um tempo a esta parte, prossegue: impante, espantosamente viva apesar das severas palavras de advertência que chega de muitos lados.

Continua na pág. 17

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 6, DE 12 DE OUTUBRO DE 1975

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS 1	BOLAS X	BOLAS 2	(a)
1. BELENENSES-BENFICA	9	38	31	1	6	5	
2. FARENSE-ACADÉMICO	75	2	1	10	1	1	
3. BRAGA-UNIÃO TOMAR	75	3	0	11	1	1	
4. CUF-PORTO	8	20	50	1	3	8	
5. SPORTING-SETÚBAL	59	15	4	9	2	1	
6. LEIXÕES-ESTORIL	64	13	1	9	2	1	
7. BEIRA MAR-ATLÉTICO	66	12	0	10	2	1	
8. UNIÃO LAMAS-SALGUEIROS	25	37	16	4	6	2	
9. VARZIM-LOUROSA	71	6	1	10	1	1	
10. GIL VICENTE-FAMALICÃO	47	21	10	7	3	2	
11. TORRIENSE-MARITIMO	17	38	23	3	6	3	
12. CALDAS-BARREIRENSE	39	26	13	6	4	2	
13. TORRES NOVAS-OLHANENSE	22	28	28	4	4	4	

a) Nos termos do Artº. 109. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do preenchimento.

A chave lógica será:

X11 211 1X1 1X1Xou2

. O Algarve — x11 211 1x1 2x11; Auto-Rádio — 111 x11 1x1 112x; Boa Nova — 211 211 x11 122x; Cardeal Saraiva x11 2xx 111 11x1; Cavalgada do Ritmo — 211 211 111 11x1; Clube do Ar 211 211 1x1 1x22; Estação Rádio da Madeira x11 2x1 1x1 xx1x; Música e Desporto 2xx 2xx 1x1 1x1x; Barlavento x21 111 x11 x211; O Comércio de Leixões — 211 211 1x1 x21x; O Concelho de Estarreja — 211 211 111 x212; Correio de Coimbra — 211 211 1x1 1212; Ecos do Desporto — x11 111 xx1 1xx2; Correio do Vouga — 211 211 111 111x; A Defesa x11 21x 121 x212; ÀS 10 espere por nós x11 2x1 xx1 x22x; Diário de Coimbra 211 x11 111 xx11; Diário de Lisboa — x11 21x 1x1 x2x2; Diário do Porto — x11 2x1 121 x22x; Ecos de Cacia — x11 211 111 1x12; Estrela da Manhã 211 x11 111 1212; Estúdio 64 — 211 221 121 xxx1; Eu Sei Tudo 211 211 1xx 1x22; Folha do Domingo — x11 21x 111 1x1x; Dos fracos não reza a história 1x1 x11 121 2x1x; Gazeta das Caldas 211 2xx x21 11xx; Madrugada — 211 x11 111 2x22; Movimento — x11 111 1x1 1212; Jornal Desportivo — 211 xx1 111 x2x2; Jornal da Beira — x11 211 1x1 2xx1; O Jornal de Felgueiras x11 2x1 1x1 1x1x; Jornal da Graça 111 111 111 1112; O Jornal da Lixa — x11 111 x21 1xx1; Jornal de Sintra 211 211 xxx x2x2; Jornal de Lafões — x11 211 111 1xx1; Notícias de Viseu — x11 211 111 1xx1; O Mensageiro — x11 21x 11x 21xx; Linhas de Elvas — x11 212 121 1x12; Litoral — 211 2x1 1x1 x12x; Manchete Desportiva — x11 111 121 111x; Maria da Fonte x11 x11 1x1 12xx; Mundo Desportivo — 211 x11 111 1x12; O Norte Desportivo x11 2x1 xx1 x2x2; Notícias de Chaves — x11 x11 xx1 xx1; Notícias de Évora — x11 x11 1x1 2xx2; Notícias de Felgueiras — x1x 211 1x1 xxxx; Notícias de Guimaraes — x11 211 1x1 2x11; A Ordem — x11 x11 121 112x; Penalti — 111 x1x 1x1 1x12; Placard Desportivo x11 2x1 111 xxx1; Presença Coimbrã 211 xx1 111 xx1x; Programa Sem Nome — 11x 21x xx1 2x1x; Quadrante Desportivo 211 211 111 x21x; Quadrante Norte 211 21x 121 1212; Rádio Altitude x11 211 111 xxx2; Panorama x11 xx1 1x1 111x; Rádio Placard — 111 111 111 1111; Reconquista — 211 211 1x1 12xx; Renovação 211 2x1 x21 2222; Resenha Desportiva x11 x11 1x1 1x21; Alvo Desportivo — x11 211 1x1 1111; O Comércio do Porto — 111 211 1x1 11xx; Jornal de Gaia; — 211 221 121 11x1; O Primeiro de Janeiro x11 x11 1x1 1x12; Rádio Alvo — 111 211 12x 1x11; Rádio Sports — x11 111 111 1121; Repórter do Dia (Angola) — 211 211 1x1 121x; Encontro Musical — 211 x11 111 1x22; Ritmo e Amizade 211 221 1x1 1xx2; A Voz das Beiras x11 221 1x1 xxx1; A Voz do Domingo — 211 xx1 1x1 1x12; Voz de Lamego — 211 x11 1x1 221x; A Voz dos Ridículos 211 x11 111 11x2; Tudo Pode Acontecer-1 111 211 121 1x1x; Tudo Pode Acontecer-2 x11 21x 12x 1211; Tudo Pode Acontecer-3 — 211 21x 122 1x12; Tudo Pode Acontecer-4 — x11 211 xx1 121x; Tudo Pode Acontecer-5 — x11 21x 1xx 1xx1.

Geral

Continuação da pág. 16

Ontem, o Conselho de Disciplina da Federação esteve a braços «apenas» com 98 participações, daí resultando castigos a esmo, semeados por tudo o que é pontapé na bola: desde juniores a profissionais da 1.ª Divisão, com passagem por clubes de várias áreas. Os castigos aplicados a gente mais conhecida foram directamente para o brasileiro Mané (Boavista) suspenso por 3 jogos; enquanto que o tomarense Manuel José é repreendido por escrito e sofreu advertências o timorense Pincho (Belenenses), Daniel (Académico de Coimbra), Inácio (Sporting), Artur (Braga) e Juvenal (C.U.F). Há multas para o Mirandela, Tabuense, Elvas e F.C. do Marco, simultaneamente com repreensões por escrito ao Benavente, Sport Lisboa e Cartaxo e Odemirense. Por seu turno, a U.E.F.A. (em função do jogo Sliema-Sporting) advertiu o dianteiro Chico, do «team» de Alvalade.

AGENDA

. No jogo de futebol da próxima 2.ª feira entre o Sporting e o First Portuguese (em Alvalade, pelas 21 horas), está prevista a reaparição de Laranjeira, após a longa lesão que o impediu de estar na actividade. outras possiveis presenças no «team» leonino: Paulo Rocha e Palhares (um e outro dos melhores valores do «plantel» dirigido por Juca), além do médio Camilo (de quem não existem referências especiais quanto às possibilidades e do ex-cufista Vítor Gomes que (finalmente) tem oportunidade de estreia perante os novos patrões.

Com um jantar no Restaurante «O Peixe», o Belenenses festeja, amanhã o seu 56.º aniversário.

A 11 e 12 do corrente o Clube Atlético de Queluz organiza um torneio quadrangular de basquetebol que, além da presença de uma turma representativa da colectividade realizadora, deve contar com a intervenção de blocos do Sporting, Atlético e Nacional de Natação.

Assembleia geral de clubes e delegados de atletas, na Associação de Voleibol de Lisboa marcada para a noite do próximo dia 13.

PORTUGAL

. Problema para o Estoril Praia: segundo palavras do treinador António Medeiros (hoje, em «A Bola) o clube da Amoreira está com um caso agudo às costas. Falta-lhe dinheiro para indemnizar os clubes de onde se transferiram Clésio, Amilcar e Rui Paulino, daí que esteja periclitante a utilização, depois de 15 do corrente, dos três futebolistas, a menos que os escudos dêm entrada nas colectividades cedentes e a Federação tome boa nota disso.

O Sporting não consegue golos anda para trás e para diante com a bola, mas a «menina» não aparece aninhada no fundo das malhas contrárias. Daí que os dirigentes dos leões» procurem aflitivamente, no mercado internacional ainda disponível depois de toda a gente se ter servido lautamente, um pontapeador que possa ser sucessor de Yazalde: as vistas tocaram em Castronuovo, «internacional» paraguaio, que se encontra em Málaga e pertence ao grupo de futebolistas que o empresário Luís Guijarro quer ainda negociar. Teremos o compatriota de Gonzalez a mostrar habilidades em Alvalade?

SUCEDEM-SE REUNIÕES MILITARES

. A situação militar que o País atravessa foi a razão para que, na tarde de ontem, no Ralis, fosse realizada uma «reunião informal de militares das unidades de Lisboa e outros». No encontro, além de representantes das unidades, estiveram presentes o general Carlos Fabião, chefe do Estado-Maior do Exército e o general Otelo Saraiva de Carvalho, comandante do Copcon. Estes dois oficiais estiveram na reunião na qualidade de «observadores convidados».

A reunião do Ralis contou com a presença de elementos do próprio quartel, R. I. O. Q., R. P. M., E. P. S., M., E. P. T., D. G. M. G., G. D. A. C. I., R. I. de Setúbal, R. I. 5, R. I. 16 e pára-quedistas. Apesar do convite efectuado, não compareceram representações do C. I. A. A. C., E. P. I., E. P. C. e Comandos da Amadora.

Outra reunião militar foi realizada na Presidência da República, onde se encontraram a Comissão Militar do Conselho da Revolução, os chefes dos Estados-Maiores das três Armas, o comandante do Copcon e os comandantes das regiões militares.

Ao que tudo indica, o controvertido Agrupamento Militar de Intervenção — A. M. I. — parece estar formado, basicamente com 400 comandos que se encontravam na disponibilidade e que foram especialmente contratados para este fim. Espera-se que seja divulgado um comunicado com a relação das forças que integrarão o A. M. I., que deverá ter o seu comando instalado no Palácio de Belém.

E.P.A.M. CONTRA O A.M.I.

. Reunidos em plenário, os militares da Escola Prática de Administração Militar (E.P.A.M.) aprovaram uma moção repudiando a ccriação do A.M.I., Agrupamento Militar de Intervenção, exigindo ao mesmo tempo a sua dissolução imediata. A tomada de posição dos militares da E.P.A.M. baseia-se na conta do «carácter eminentemente repressivo que, contra os trabalhadores e os seus direitos e as suas conquistas», representa a criação de tal órgão.

No decurso da reunião foram aprovadas ainda duas moções: uma respeitante ao Centro de Instrução e Condução Auto do Porto (C.I.C.A.P.), outra alusiva à Base Aérea n.º 11, de Beja.

Na moção respeitante ao C.I.C.A.P., os militares da E.P.A.M. decidiram «manifestar a sua inteira solidariedade com a luta dos camaradas» daquela unidade, «condenar energicamente a actuação repressiva do Comandante da Região Militar do Norte» e «apoiar todas as acções de solidariedade com a luta dos camaradas do C.I.C.A.P.

Na moção alusiva à B. A. 11 contra a decisão do Comando de transferir para a Direcção de Serviço de Pessoal 49 soldados, cujo único crime — dizem — fora o de terem convocado e participado numa manifestação com as massas trabalhadoras de Beja, e afirmam que só a aliança dos operários camponeses e demais trabalhadores com os soldados e marinheiros travará o fascismo, o imperialismo e o reaccionarismo dentro e fora dos quartéis.»

Partidos comunistas europeus discutem a unidade na divergência

. PARIS, (A. N. O. P./ F. P./ A. P./ D. I.), 9 — Começou hoje em Berlim a Conferência Preparatória dos Partidos Comunistas da Europa. Boris Ponomarev, membro suplente do Politburo do Comité Central do Partido Comunista da URSS, igualmente secretário do Comité Central do P. C. Soviético encarregado das relações com os partidos-irmãos chefia a delegação da URSS que hoje chegou a Berlim para participar «na Conferência Preparatória dos Partidos Comunistas e Operários da Europa» — anuncia a agência TASS.

A Liga Comunista Jugoslava (LCY) está representada na Conferência por Alek Sander Grlikov. Segundo observadores a presença da LCY na Conferência de Berlim parece confirmar que as posições dos diferentes partidos face ao documento a apresentar na «cimeira» se aproximam.

Oito partidos constituem a «comissão de redacção» do documento preparatório cujos objectivos maiores se observam difíceis: reduzir as divergências que, em diversos pontos, separam os partidos ditos pró-soviéticos dos partidos preocupados de modo especial com a sua independência. Neste campo se encontram os P. C. romeno e jugoslavo, o P. C. I. poderoso partido da Oposição, o P. C. espanhol com Santiago Carrillo a apoiar Berlinguer no caso português, não sendo de esquecer tambem o P. C. francês.

A Conferência dever-se-ia realizar em Maio passado. Feita a Cimeira de Helsínquia que os chineses classificaram como a divisão do Mundo em dois blocos e onde Costa Gomes teve um medíocre êxito, aventou-se a hipótese da efectivação da conferência que se inicia hoje. Dificuldades somadas, a que não é estranha a evolução portuguesa durante o Verão, as posições reticentes e mesmo negativas do P. C. I. e do P. C. E. em relação à política seguida por Álvaro Cunhal a contar no entanto com o apoio do P. C. soviético e francês, fizeram crer à maioria dos observadores que a Conferência iria tardar.

LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

38.758 — 4.000.000$00
10.054 — 1.000.000$00
32.835 — 600.000$00

APROXIMAÇÕES

38.757 — 100.000$00
38.759 — 100.000$00
10.053 — 90.000$00
10.055 — 90.000$00
32.834 — 78.300$00
32.836 — 78.300$00

PRÉMIOS DE 50 CONTOS

1.570; 1.905; 6.887; 21.452; 22.918; 23.624; 35.138; 37.571; 39.135; 40.630; 44.121; 46.783; 47.266; 48.931; 49.218; 50.229; 51.082; 52.819; 54.344; 60.853.

PRÉMIOS DE 20 CONTOS

5.859; 6.665; 9.658; 12.102; 12.439; 19.212; 19.499; 20.545; 22.018; 23.378; 26.174; 28.510; 35.956; 36.635; 36.716; 37.477; 40.189; 40.913; 45.736; 46.077; 46.626; 47.105; 49.293; 52.181; 52.208; 55.540; 56.976; 59.245; 59.901; 64.163.

PRÉMIOS DE 1.200$00 (CENTENAS)

10.001 a 10.100; 32.801 a 32.900 e 38.701 a 38.800

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 125, 340, 463, 587, 605, 609, 750 ou 916 são contemplados com 10.000$00, em cada bilhete. Por sua vez os números cujos dois algarismos finais sejam 3 têm direito a 1.500$00 e os terminados em 99 a 1.000$00. Os restantes números cujo último algarismo — terminação seja 8 são contemplados com 500$00, tambem em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

. Os 1000 contos do 2. Prémio foram distribuído aos balcões da CASA DA SORTE.

Os incidentes no Terreiro do Paço

"A CULPA CABE AO M.R.P.P." — afirma a O.R.P.C. (m-l)

. Ao fim da manhã, um comunicado da O.R.C. [illegible] rindo-se aos acontecimentos desta madrugada, e em consequência dos quais morreu um militante do M.R.P.P., afirma que os militantes daquela organização «não são absolutamente nada responsáveis pela morte ocorrida».

Consideram «ainda que o M.R.P.P. tenta aproveitar-se demagogicamente do incidente, procurando uma publicidade fácil».

Através do comunicado relata-se que o choque começou quando os militantes do M.R.P.P. destruíram todo o material de propaganda do comício da O.R.C.P. (m-l) existente na Estefânia, Rovisco Pais, Alto de S. João e colaram cartazes (cerca das 4 horas da manhã) sobre os cartazes deste último agrupamento político no Terreiro do Paço.

«Histericamente e com o espírito de seita que as caracteriza — asentua o comunicado — os elementos do M.R.P.P. continuaram a lançar provocações, e apesar de apanhados em flagrante delito, recusaram-se a explicar politicamente a sua actuação.»

Os militantes da O.R.C.P (m-l) atiraram com os militantes do M.R.P.P. para o rio. Como alguns não soubessem nadar, socorreram-nos. Segundo o comunicado «é então que se dá um acontecimento que seria inacreditável se não viesse do M.R.P.P.»: em cima da escadaria um militante do M.R.P.P. começa a dizer para todos irem para o largo. Dois M.R.P.P. gritavam que não sabiam nadar. Mas aquele que dera a ordem para irem todos para o largo, ignorou o facto de eles não saberem nadar.

Daí a morte por afogamento de Alexandrino de Sousa.

PRESOS TRÊS OFICIAIS EM BARCELONA

. BARCELONA, 9 — (F. P.) — Três oficiais do Exército espanhol na Catalunha e que já haviam sido interrogados em 2 de Agosto quando das detenções de nove oficiais em Madrid, encontram-se presos há vinte e quatro horas no Quartel do Regimento de Cavalaria Motorizada de Numancia, em Barcelona. Estes três oficiais são: o major de artilharia Enrique Lopez Amor, o capitão de infantaria Juan Diego Garcia e o capitão de cavalaria Arturo Guerrearan Granado.

Todos eles tinham na Catalunha enttre os oficiais a fama de serem liberais. Lopez Amor é o filho do capitão do mesmo nome que se revoltou em 18 de Junho de 1936 com a sua unidade e foi executado depois de julgado num tribunal marcial das tropas republicanas.

Aguarda-se uma nota oficial do Governo militar de Barcelona confirmando estas informações obtidas de fonte fidedigna.

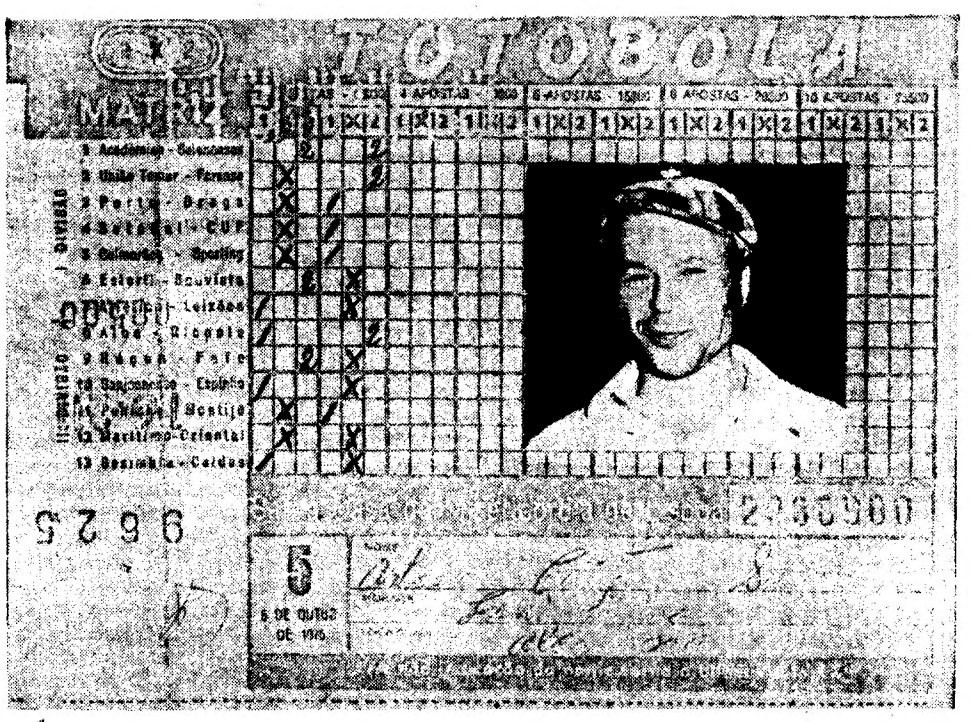
Os nove oficiais detidos nos fins de Julho, princípios de Agosto, estão encarcerados em Madrid e devem ser julgados por «tentativa sedição». São acusados de terem efectuado reuniões ilegais de mais de quatro pessoas em estabelecimentos militares.

Segundo certas informações, ainda não confirmadas, pertenceriam à União Militar Democrática» (U. M. D.), organização no seio das Forças Armadas, que reuniria uns 300 a 350 oficiais num conjunto duns 30.000 oficiais.

De fonte oficiosa soube-se que a instrução judicial dos nove oficiais encarcerados permitiu detectar estes três oficiais em Barcelona, implicados no mesmo caso.

Em FARO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ BRASILEIRA

O SR. SACA "SACOU" MESMO!



Há oito anos com a casa em construção e ainda não está acabada... "Agora, antes do Natal, ficará pronta"! — disse-nos o sr. Arlindo Caetano Saca, de 41 anos de idade, casado, três filhos, pedreiro de profissão e residente em Espinheiro — Alcanena. É ele o feliz contemplado com o prémio de 3989 contos, ao ter feito o único "treze" do concurso do Totobola de domingo passado.

Normalmente, preenche um boletim de duas apostas com sua filha (estudante) de 13 anos; desta vez, o sr. Saca preencheu-o sozinho e acertou os resultados todos na primeira coluna e apenas dois na segunda. Ao meio-dia de segunda-feira ainda não sabia da proeza. Foi o agente do Totobola em Espinheiro, que se deslocou à obra onde o sr. Arlindo Saca no momento trabalhava, que lhe disse ser o único totalista do 5.º concurso desta temporada. Naturalmente, a casa de habitação do sr. Saca, desta vez é que será concluída. 3989 contos é "obra"!

Geral

BARREIRO

JOAQUIM MIGUEL CHORA

FALECEU

Jaquelina Augusta dos Santos Chora, suas filhas, genros, netos e demais família cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar à sua Divina presença o seu querido marido, pai, sogro, avô e parente, e que o funeral se realiza amanhã, às 16 horas, saindo da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, para jazigo de família no cemitério de Vila Chã, Barreiro.

AGÊNCIA MAGNO
Telef. 534167

Comentário a propósito do VI Governo

Continuação da pág. 3

ra que o caminho se percorra. Até já se chamou «batalha da produção» o que alguns não esqueceram e uns tantos concretizaram. Atrevemo-nos até a a citarmo-nos quando, escrevendo ou falando, insistíamos sobre o *sacrifício útil* que é urgente exigirmo-nos.

Agora o «limite da quase loucura, qual é o da massa salarial, segundo estatísticas de algum modo fundamentadas, ser quase equivalente ao produto interno tem que se lhe diga, até porque pode começar-se por perguntar o que quer dizer. O que são estatísticas *de algum modo fundamentadas?* Qual o fundamento que lhes deveremos dar? E o que é ser *quase equivalente?* ual o tamanho do quase?

. Numa óptica capitalista-tecnocrática a política económica e social preocupa-se — e para efeitos de manutenção do sistema — com a chamada «distribuição de rendimentos», em termos de parcelas de rendimentos do capital — lucros, juros e rendas — e de rendimento do trabalho — massa salarial e outros —, sobre ela fazendo cálculos e definindo políticas. É inevitável que numa transiçao para o socialismo, e ainda adoptando a mesma terminologia agarrada à conceptualização, a massa salarial cresça, ao princípio enormemente até se estabilizar a um nível equilibrado que terá a ver com a compatibilização de outros «rendimentos» .que não monopolistas, com a «formação de capital fixo» que quererá dizer reprodução alargada, representando a renovação e o aumento do equipamento e máquina produtiva visando necessidades futuras.

Assim, a «massa salarial» seria a quantidade de retribuição nascida na criação do produto interno e que teria o destino de procurar o consumo, enquanto o restante lhe seria retido para efeito de renovar e aumentar a capacidade produtiva.

Talvez demasiado simplista, pensamos poder facilitar a compreensão de uma frase que «tem que se lhe diga». «Loucura» sim; era a situação anterior em que a «massa salarial» não chegava a metade do rendimento total e a parcela era maior que metade — lucros, juros, rendas — ser aplicada de forma que não promoveu o crescimento, económico acumulado ou consumido sumptuariamente, e abandonando o país quando ele deixou de dar a oportunidade de continuar a ser a sangria dos trabalhadores!

. O nosso problema número um, na política económica a impor para tornar possível a transição, será a aplicação, para desenvolvimento económico, do que resultar desse «quase» do produto interno que não é «massa salarial»: É verdade que há quem pense que isso nem será muito importante, de tal modo espera a «ajuda» do exterior que venha desempenhar esse papel, o que nos parece perigosa esperança senão utopia, para nem falar do que representa como hipoteca política, hipoteca que temos larguíssima e de que é necessário, vital, libertarmo-nos.

Esse «quase» deverá ser o maior possível, e será a medida do sacrifício de uma população trabalhadora relativamente ao futuro seu e dos seus filhos, por isso sendo o sacrifício útil. A não ser isso é a continuação da exploração, aceite como tal e como tal adoptada, e continuaremos a encarar os problemas em termos de distribuição de rendimentos. Não é de hoje nem de ontem que temos lutado para identificar essa terminologia com a realidade de haver uma retribuição aos trabalhadores por efeito do seu esforço para o produto realizado, sendo o restante *apropriação* feita pelos detentores dos meios de produção. A questão básica, diríamos prévia, é a atitude perante o trabalho, considerando-o como o direito número um e libertador ou considerando-o a força de trabalho, factor de produção com retribuição a considerar paralelamente com as retribuições dos outros «factores de produção», colocados ao mesmo nível na óptica de uma teoria do valor. Pelo nosso lado, aproveitamos a oportunidade para repetir que, para nós, a concepção de socialismo escora-se numa teoria do valor-trabalho, segundo a qual só o trabalho do homem cria valor. Pois se até as máquinas mais complicadas e complexas resultam do trabalho cristalizado dos homens! Ou não é assim?!

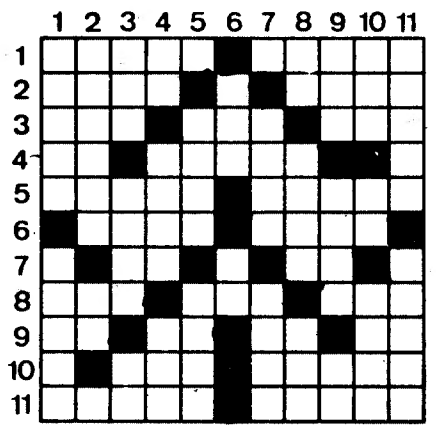
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11205

HORIZONTAIS

1 Animal da classe dos acarídeos. Versejam.
2 Em mais alto grau. Significá.
3 Mau cheiro. Progenitor. Pátria.
4 Oferece. Perto da noite.
5 Transferir para outro dia. Nesse caso.
6 Baú. Dividir ao meio.
7 Seguia. Senhor.
8 Ligue. Pronome relativo. Patrão.
9 Níquel (s. q.). Pronome pessoal. Batráquio. Preposição.
10 Esteiro. Socorra.
11 Praia. Cures.



VERTICAIS

1 Querida. Jamais.
2 Apreensão. Níquel (s. q.).
3 Camareira. Tempo do verbo ir. Nota musical.
4 Reis. Copo. Irmã da mãe.
5 Um dos Estados do Brasil. Pronome relativo.
6 Oceano. Mudo.
7 Palavra latina que significa o mesmo. Estavas.
8 Quarto Nome de letra. Língua do grupo tibetano falada ao N. do Tibete.
9 Desgraça. Falha. Cidade da antiga Caldeia.
10 Fileira. Viração. Calcula.
11 Compro. Nome de frutos.

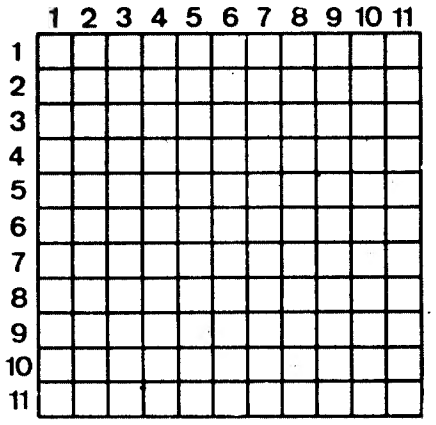
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7365

HORIZONTAIS

1 Vila e concelho do distrito de Viseu. Corta com serra.
2 Termina. Causas amuo a.
3 Armadilhas para pássaros. Redimis.
4 Antiga unidade monetária da Alemanha. Pronome pessoal. Prefixo de privação. Em partes iguais.
5 Lês. Sufixo que designa pequenez.
6 Ribeira de Portugal. Mulher de baixa estatura.
7 Sadia. Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de ah! oh! Vão.
8 O mais. Tostas. O lado do vento (inv.).
9 Fatia. Dê marradas.
10 Acrescentar. Receio.
11 Curei. Navios.



VERTICAIS

1 Tarro. Divisões de uma casa.
2 Bolor. Salgalhada.
3 Bigorna de ourives. Pronome pessoal. Senhor em inglês.
4 Derribar. Azedo.
5 Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto. Pegadeira.
6 Fúteis.
7 Curai. Medida de líquidos da Holanda.
8 Lista de iguarias de uma refeição. Caruma.
9 Álcool de melaço. Espaço de doze meses. Rente.
10 Fronteira. Desperto.
11 Queimas. Líquidos gordurosos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11205

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 És. Cravo. Ás.	1 ESCOLHA. Mar.
2 Som. Ama. Ato.	2 Soarão. Pero.
3 Caos. ÁGUA.	3 Moçara.
4 Orcam. Sair.	4 Sa. Arm. Rh.
5 Caá. Ano. Tas.	5 Ra. Marcaria.
6 Horar. Frase.	6 Amo. Mor.
7 Arc. Ras.	7 VA. Sofreras.
8 Mames.	8 Aa. Ras. Má.
9 Mel. Ror. Bar.	9 Agitas.
10 Ar. Riram. Oó.	10 Aturas. Faon.
11 ROCHA. SARNA.	11 Soa. Sem. Roa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7364

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Casta. Grata.	1 Carpa. Cosam.
2 Afro. Áton.	2 Afiam. Asara.
3 Ris. Nem. Asi.	3 Srs. Aar. Sir.
4 Pá. Gamão. Ca.	4 To. Gripe. Aa.
5 Amaro. Saras.	5 Não Ile.
6 Ai. Se.	6 Tem. Adamo.
7 Carpideiras.	7 Mas. Eis.
8 Os. Elais. Dá.	8 Rã. Oásis. Ma.
9 Sãs. Ems. Til.	9 Ata. Rer. Ter.
10 Ária. Meãs.	10 Tosca. Adiar.
11 Marau. Varra.	11 Anias. Salsa.

Provérbio: ÁGUA ROCHA, SARNA ESCOCHA

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado o vento soprava geralmente fraco e havia neblina em vários locais da faixa costeira a norte do Cabo Carvoeiro.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	12º
P. DOURADAS	
COIMBRA	13º
PORTALEGRE	15º
LISBOA	17º
FARO	24º
FUNCHAL	21º

TEMPERATURAS EXTREMAS

BEJA
Máxima **32º**

FIGUEIRA DE CAST. RODRIGO
Mínima **4,6º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	16,3º
Atmosfera	13,9º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
6.43	4,1 m		
19.12	3,8 m	12.22	0,9 m
Dia 10			
7.31	3,8 m	0.41	1,2 m
20.06	3,5 m	13.13	1,3 m
Dia 11			
8.27	3,5 m	1.32	1,6 m
21.10	3,2 m	14.16	1,6 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado, vento moderado de Noroeste; neblina ou nevoeiro matinal na faixa costeira a norte do Cabo Carvoeiro.

BARS BOITES restaurantes típicos

DANCINGS

NINA — Danging com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 T.364859/368197.** YUKY STREAPTEASE JAPPONESA

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

Var edades internacionais. **T.261461/164526/264596*264621/264946.**

HIPOPÓTAMO — Conjunto Hipopótamo. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T.48384.**

Em ALTER DO CHAO o DIARIO DE LISBOA vende-se na TIPOGRAFIA TRIUNFO, Rua do Álamo, 12

AMANHÃ

NASCER ÁS 7.40
OCASO ÁS 18.07

DIA 12 | DIA 20 | DIA 27 | DIA 3

TV — rádio — TV

EMISSORA 1.º Programa

17.00 Rádio estudantil
18.00 Música variada
19.00 Informação de trânsito
19.05 Falar educação, um programa do I.T.E.
19.25 Melodias
20.00 Jornal da noite
21.00 Painel da noite
22.00 Temas de economia, por Filipe Felgas
00.00 Último jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Saída e encerramento dos Regionais e dos MF 1 — música na noite
02.00 Música na noite
03.05 Mini-teatro

2.º Programa

16.00 Que quer ouvir?
18.00 Música de órgão
18.20 Música sinfónica
19.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de FFreitas
20.00 Jornal da noite
21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo — música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical
22.37 Quarteto n.º 45, em dó maior, op. 50, n.º 2, de Haydn
23.00 Música sinfónica
23.35 Serenata op. 31, de Britten
00.00 Entra 2.º Programa — a grande música negra, por José Duarte
01.00 Fecho

Programa em Onda Média 2 — 397 m — 755 KHz

20.30 Música de câmara
21.15 3.º programa comemorativo dos aniversários do nascimento de Ravel e da morte de Luís de Freitas Branco
00.00 Junção com o Programa Estereofónico

RÁDIO CLUBE

Onda Média

Onda Média, 299.13 m 10034 KHz — emissão contínua; Emissor de Miramar (Porto) — Onda Média, 283,6 — 782 KHz — emissão contínua

Modulação de Frequência

16.04 Programa C.D.C.
18.05 O nosso programa
19.05 Em órbita-1
20.30 Boa noite em FM
22.02 Auditório
00.05 Em órbita-2
01.05 Banda sonora Sonipol
02.05 Perspectiva
03.05 Madrugada
06.00 Diário rural
07.03 Hora sete

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal

Das **06.00** às **10.00** e das **22.00** às **02.00**

Rádio Voz de Lisboa

Das **10.00** às **12.00** e das **19.30** às **22.00**

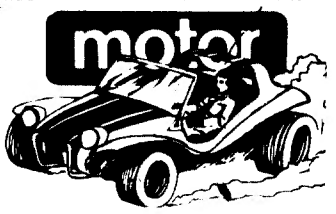
Rádio Peninsular

Das **12.00** às **14.30**

Rádio Graça

Das **14.30** às **19.30**

motor



farmácias de serviço

TURNO M-1
TODA A NOITE

ALCANTARA
Correia de Azevedo, Rua Ouis de Camões, 42-B (tel. 638625).
ALVALADE
Avis, Avenida de Roma, 56-B (tel. 715370).
AREEIRO
S. Jorge, Largo do Leão, 3-B (tel. 534027).
BAIRRO ALTO
Azevedo, Irmão e Veiga, Rua da Misericórdia, 24 (tel. 323540).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (tel. 311216).
BENFICA
Vitex, Estrada de Benfica, 373-B (tel. 780548).
CAMPO DE OURIQUE
Lobel Rua de Infantaria 16, 98-B (tel. 688807).
CAMPO PEQUENO
Campo Pequeno, Avenida Júlio Dinis, 10 (tel 771661).
CONDE REDONDO
Davi, Rua Conde Redondo, 68 (tel. 54342).
GRAÇA
Renascença, Rua Damasceno Monteiro, 104-A (tel. 831504).
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (tel. 720703-728395).
LAPA
Paiva da Costa, Rua da Lapa, 105 (tel. 664414).
LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 77 (tel. 790480).
S. VICENTE
Rosa e Viegas, Rua de S. Vicente, 31 (tel. 864351).
XABREGAS
Grijó, Rua do Grilo 25 (tel. 385264).

TURNO M-2
ATÉ ÀS 22 HORAS

ALVALADE
Alentejo, Avenida da Igreja, 28-B (tel. 712682).
AMOREIRAS
D. João V. Rua D. João V, 16 (tel. 682772).
ANJOS
Confiança, Avenida Almirante Reis, 46-B (tel. 8216653).
AREEIRO
Algarve, Avenida de Roma, 7-B (tel. 801478); **Nova Lisboa**, Rua Guilhermina Suggia, 12 (tel. 727721).
AVENIDAS NOVAS
Cruz Nunes, Praça Duque Saldanha 14 (tel. 41845).
BELÉM
Remísio, Rua dos Jerónemos, 14-C (tel. 631699).
BENFICA
Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (tel. 702532).
CAMPOLIDE
Central de Campolide, Rua General Taborda 17, (tel. 680304).
OLIVAIS SUL
Fernandes Borges, Rua Cidade de Benguela, lote 300 (tel. 31109).
PENA
Americana Calçada de Santana 3 (tel. 863984).
S. BENTO
Confiança, Praça das Flores, 59 (tel. 690401).
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
SÍRIUS, Rua Fialho de Almeida, 38-A (junto da Escola Técnica do Bairro Azul) (tel. 44000).
SETE RIOS
Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160 (tel. 761035).

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P.28 de Maio, 3-A (T.935518); **Carmele**, R.Elias Garcia, lote 28 (T.933303); **Helénica**, R.Elias Garcia, 2 (T.933613); **S.Jorge**, R.Pedro dell Negro, 5, Reboleira (T.938703)
DAMAIA
Lemos, R.de Goa, 21-A (T.971121)
QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (T.950043); **Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T.951841)
CACÉM
Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D
MEM MARTINS
Miranda Garcia, E.de Mem Martins 173-B (T.2914103)
S.PEDRO DE SINTRA
? **Valentim** (T.980456)
SINTRA
Simões, Estefânia (T.2930832)
COLARES
Abreja (T.299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo, Av. C.G.Guerra, 64 (T.212070)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (T.2432039). Toda a noite
OEIRAS
Central, R.Conde Ferreira, 29 (T.2430058). Até às 22 horas
CARCAVELOS
Central. Até às 24 horas
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (T.2471204). Toda a noite
ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque, 3 (T.260191). Até às 22 horas
ESTORIL
Amoreira. Toda a noite
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (T.280078). Até às 22 horas; **Cascais**, R.Conde de Monte Real, B.das Caixas (T.282407). Toda a noite

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L.Coronel Ramos da Costa, 10 (T.234137)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R.Cândido dos Reis, 30 (T.204020)
ALMADA
Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T.2750076)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E.Nacional, 178-B (T.2040302)
BARREIRO
Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (T.2073212)
COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso, P.5 de Outubro, 18 (T.2750254)
MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T.239029)
MONTIJO
Montepio, R.Almirante Reis, 93 (T.2310035)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (T.2233471)
SETÚBAL
Oliveira, L.da Misericórdia (T.22488); **Louro**, R.Frei António Chagas, 24-A (T.24491)
SEIXAL
Soromenho, R.Paiva Coelho, 38 (T.2218560)

PORTO

TURNO 15

ATÉ ÀS 22 HORAS

Foz, Rua Senhora da Luz, 380, Foz; **Alírio de Barros**, Rua de Costa Cabral, 240; **Gomes Carneiro**, Rua de Cedofeita, 348; **Magalhães**, Rua de Serralves, 566; **Nova de Monsanto**, Rua de Monsanto, 148; **Correia**, Praça Mousinho de Albuquerque, 50; **Corujeira**, Rua de S. Roque da Lameira, 1473; **Couto**, Largo de S. Domingos, 106; **Lapa**, Rua Antero de Quental, 211; **Luso-Francesa**, Rua Sá da Bandeira, 140.

A PARTIR DAS 22 HORAS

Correia, Praça Mousinho de Albuquerque, 50; **Corujeira**, Rua de S. Roque da Lameira, 1473; **Luso-Francesa**, Rua Sá da Bandeira, 140 e **Magalhães**, Rua de Serralves, 566

COIMBRA

Paiva, P.do Comércio, 58 (T.23231); **S.Sebastião**, R. António Jardim (T.28802); **Silcar**, R.Ferreira Borges, 94 (T.22923)

cinemas

BERNA
T. 776098 14 16.30 19 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

O EMIGRANTE

Um filme de Pasquale Festa Campanile

APOLO 70
T. 763319 14, 16.30, 19, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

BALBÚRDIA NO OESTE

8.ª semana

Hoje às 24 h.
Grupo D M/18 anos

O GRANDE GATSBY

ROXY
T. 48560 14, 16.30, 18.45, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

Colorido

PECADOS EM FAMÍLIA

12.ª Semana

PATHÉ
T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A LINGUAGEM DO AMOR

Aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes

O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

ALVALADE
T. 897480 14.15, 16.30, 18.45, 21.45

Para todos

MELODY

3.ª semana

NIMAS
T. 574313/574362

Não acons. a menores de 13 anos

QUE VIVA A REVOLUÇÃO

c/Marcelo Mastroiani

Inaugura 6.ª feira 10 do corrente
Bilhetes a partir de 8 do corrente

CARLOS MANUEL
21.15

Não acons. a menores de 13 anos

2 SAMURAIS PARA 100 GUEIXAS

UNIVERSAL
T. 774402

15.00 e 21.00 OUTUBRO — 13 anos

17.00 e 23.00 GREVE — 13 anos

Às 19.00 **LINHA GERAL Para todos**

IMPÉRIO
T. 555134 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

A BOFETADA

Sessão clássica

Hoje às 18.15 h.

O CARDEAL (17 anos)

EDEN
T. 320769 14, 16.30, 19, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

SOL VERMELHO

Alain Delon, Ursula Andress, Charles Bronson

Um filme espectacular de Terence Young

TIVOLI
T. 570595 15.15 18.30 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

TARAS BULBA

c/Tony Curtis e Yul Brynner

CASINO ESTORIL
T. 264621 17.00, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

ZORRO, O VINGADOR

ROYAL
T. 665037 15.30, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

A BÍBLIA

POLITEAMA
T. 326305 14.15, 16.30, 17, 21.30

Não acons. a menores de 18 anos

A CÓLERA DO VENTO

c/ Terence Hill

ROMA
T. 727778 15.30, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

NOITES ÁRABES

VOX
T. 720808 15.30, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A FÚRIA DO DESEJO

6.ª Semana

SATÉLITE
T. 562632 15 17 19 21.15

Interdito a menores de 18 anos

O CIO (HEAT)

7.ª Semana

MUNDIAL
T. 538743 15.15, 18.30, 21.30

Para todos (M. 6 anos)

ONDE SE METEU A 7.ª COMPANHIA?

6.ª Semana de sucesso

CINEBOLSO
T. 573407 14.30, 16.45, 19, 21.30

Não acons. a menores de 18 anos

5.ª Semana

FILME DE AMOR E ANARQUIA

CALEIDOSCÓPIO
T. 795093 14, 16.30, 19, 21.15

Para todos

Clássicos da Comédia

A CULPA FOI DO MACACO

2.ª Semana
c/irmãos Marx

Um filme de Nosman Mcleod

CONDES
T. 322523 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

O riso dos anos 70, e...

O PROFESSOR NUDISTA

c/ Renata Pozetto, Magali Noel

ODEON
T. 326283 15.15, 18.45, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

20.ª semana e última

DECAMERON PROIBIDO

com Eva Grubmuller e Pupo de Lucas

ERAM 4 INSACIÁVEIS. NA AUSÊNCIA DOS MARIDOS, O AMOR ANDAVA À SOLTA

LONDRES
T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

LA BAMBINA

Uma nova forma de amor...

S. JORGE
T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

O último filme de Pasolini

6.ª Semana

AS MIL E UMA NOITES

AVIS
T. 47163 15.30, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

O HOMEM ORQUESTRA

2.ª Semana

Um filme de Louis de Funes

CASTIL
T. 530194 15.30 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

O VÍCIO (TRASH)

2.ª Semana

CINEARTE
T. 660446 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

A MULHER DO PADRE

ESTÚDIO
T. 555135 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

O PROSTITUTO

Colorido! 6.ª Semana

ESTÚDIO 444
T. 779095 15.30 18.30 21.15

Interdito a menores de 18 anos

CONTOS IMORAIS

Este filme contém cenas eventualmente chocantes 20.ª Semana

EUROPA
T. 661016 15,15 21.15

Interdito a menores de 18 anos

O MOCHO E A GATINHA

3.ª Semana

RESTELO
T. 610375 21.00

Não acons. a menores de 18 anos

[illegible]DICTO

[illegible]MENTAL
T. 555[illegible] 15.15 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

ÁDÓQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A Cia dos Cardeais»
CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
«Empresta-me a Tua Piscina»
VILLARET
21.15 (13 anos)
«Pascoal»
VARIEDADES
21.15 (13 anos)
«Adeus Valentina»
MONUMENTAL
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Lisboa acordou»
A. B. C.
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Pra trás mija a burra»
MARIA MATOS
21.15 (13 anos)
«Legendado Cidadão Miguel Lino»
CAPITÓLIO
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Empresta-Me a Tua Piscina»
VILLARET
20.30 e 23.00 (13 anos)
«Pascoal»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
21.15 (13 anos)
«Onde as balas voam»
PARIS
21.00 (18 anos)
«A Pistola»
COLISEU
21.30 (18 anos)
«Tentações de um Viúvo»
JARDIM
21.15 (18 anos)
«A Noiva do Pirata»
MOSCAVIDE
21.15 (18 anos)
«Os Galãs Atacam»
PROMOTORA
21.15 (10 anos)
«O Galdiador Invencível»
IDEAL
21.15 (13 anos)
«A Desforra de Hércules»

LINHA DE CASCAIS

Oxford
21.15 (18 anos)
«A Linguagem do A[illegible]r»
Casino
17.00 e 21.15 (13 anos)
«Zorro, o Vingador»
ESTORIL
Palácio
21.15 (14 anos)
«Duelo na Poeira»
CASCAIS
S.José
21.15 (18 anos)
«As Noviças»

LINHA DE SINTRA

QUELUZ
Cine
21.15 (13 anos)
«Metello»
Carlos Manuel
21.15 (13 anos)
«2 Samurais para 100 Gueixas»
D.João V
21.00 (18 anos)
«Seios de Morte»
Cine Chaby
21.15 (18 anos)
«O Monge»

OUTRA BANDA

Incrível
21.15 (6 anos)
«Isto É Especatáculo»
Academia
21.15 (13 anos)
«Adão às 6 da Manhã»

PORTO/Teatros

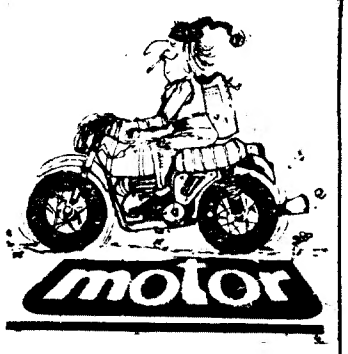
SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«O Corno»

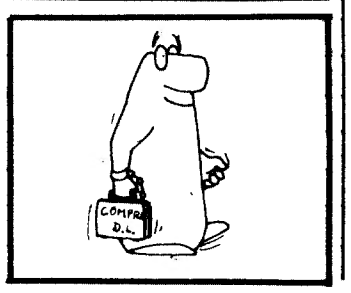
PORTO/Cinemas

RIVOLI
21.15 (10 anos)
«John e Mary»
OLÍMPIA
21.15 (13 anos)
«UmaEscrava...éumDescanco»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«A Mãe e a Puta»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«O Ataque do Dragão Negro»
S. JOÃO
21.15 (13 anos)
«A Linda Pamela»
COLISEU
21.15 (18 anos)
«Como Caçar um Marido»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«Balbúrdia no Oeste»
TRINDADE
21.15 (18 anos)
«Contos Imorais»
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«A Irmã da Casta Susana»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«O Trio Infernal»
VALE FORMOSO
21.15 (10 anos)
«Amor de Perdição»
ESTÚDIO
21.15 (6 anos)
«Um Por Todos, Todos por Um»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.15 (13 anos)
«A Sua Última Palavra»
S.TEOTÓNIO
21.15 (10 anos)
«A Aventura do Poseidon»
TIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Piscina»
AVENIDA
21.15 (13 anos)
«O Último Dever»





Em ARGANIL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na COMARCA DE ARGANIL Rua Oliveira Matos-Praça Simões Dias

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
Telef. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 1...
LISBOA-PORTUGAL

QUE SE PASSA EM TIMOR?

FRETILIN MANTÉM ACUSAÇÕES A DJAKARTA

. A despeito do desmentido formal indonésio, dirigentes da Fretilin mantêm as afirmações produzidas ontem quanto a um «grande ataque» desencadeado por forças aéreas, navais e terrestres da Indonésia contra a cidade de Batugadé. Aquele movimento enviou já um protesto às Nações Unidas no qual classificou a ocorrência como «uma operação militar maciça». Entretanto, em Lisboa, as autoridades portuguesas responsáveis põem sérias reticências à veracidade das notícias, mostrando-se mais dispostas a acreditar que o ataque a Batugadé tenha sido desencadeado por forças MAC/UDT e da Apodeti. A esta hipótese, contudo, a Fretilin contrapõe que, se havia efectivos dos dois movimentos rivais entre as forças atacantes, os aviões helicópteros e navios de guerra utilizados nos bombardeamentos eram exclusivamente indonésios. As dificuldades de deslocação e de comunicações com o interior do Timor Português tornam impossível confirmar todas as notícias que chegam sobre os acontecimentos em Batugadé as quais, partindo exclusivamente ou de fontes indonésias ou de informadores da Fretilin, são, inevitavelmente, contraditórias.

BATUGADÉ RECUPERADA?

. Segundo Mari Alkatiri, membro do Comité Central da Fretilin, que ontem chegou a Darwin, ido de Dili, forças do seu movimento teriam conseguido ainda durante o dia de ontem recuperar a cidade de Batugadé com o auxílio de reforços enviados da capital daquela colónia portuguesa. Segundo Alkatiri, a situação mantém-se, no entanto, grave pois 300 soldados da Fretilin encontrar-se-iam cercados por soldados indonésios que controlam as vizinhanças daquela localidade. Ainda de acordo com Alkatiri, este ataque a Batugadé corresponderia ao início de uma ofensiva mais vasta contra o Timor Português.

Pressão do M.P.L.A. sobre Carmona

. A menos de 24 horas da chegada a Luanda da Comissão de Conciliação da Organização da Unidade Africana (O. U. A.) registam-se violentos combates entre forças do M. P. L. A. e da F. N. L. A. que, a 33 dias da data marcada para a independência do território, tentam assegurar o controlo de novas posições.

Os combates verificam-se a cerca de 70 quilómetros de Carmona e a uma centena de quilómetros de Luanda, na zona de Ucua. Os primeiros, relacionam-se com a intensificação da ofensiva do M. P. L. A. contra aquele importante centro cafeeiro que é, simultaneamente, um dos principais redutos da F. N. L. A.; os segundos, inserem-se na pressão militar que as forças de Holden Roberto vêm mantendo desde há algumas semanas nas vias de acesso a Luanda. Não há notícias pormenorizadas sobre os combates. Tudo indica, porém, que a ofensiva do M. P. L. A. rumo a Carmona tem progredido com êxito enquanto em Ucua a sorte da batalha foi favorável à F. N. L. A., que teria conseguido ocupar a vila. As localidades de Samba Cajú e Aldeia Viçosa, dois pontos estratégicos das ligações rodoviárias de Carmona com o Sul do território, encontram-se em poder do M. P. L. A., depois de violentos combates que decorreram nos últimos dias.

MISSÃO DA O U A

Está prevista para amanhã a chegada a Luanda dos membros da Comissão de Conciliação da O. U. A. designados na última reunião de Campala para a verificação, «in loco», da situação em Angola. Esta delegação deverá ser recebida no aeroporto de Luanda pelo alto-comissário português, almirante Leonel Cardoso, e pelo primeiro-ministro do Governo de Transição, Lopo do Nascimento. A sua segurança fica à responsabilidade das autoridades portuguesas. A delegação deverá, posteriormente, dividir-se em três grupos, deslocando-se cada um deles às áreas controladas pelos diferentes movimentos.

SANEAMENTOS À ESQUERDA

SALGADO ZENHA DEMITE TRÊS ADMINISTRADORES DO BANCO DE PORTUGAL

. Três membros da Administração do Banco de Portugal foram demitidos ao fim da tarde de ontem pelo actual ministro das Finanças, dr. Salgado Zenha. Esta atitude foi denunciada pelos visados que a classificaram «como mais um saneamento à esquerda».

Os administradores agora demitidos são os drs. José António Tavares da Cruz, José Mariquesa e Mário Brandão, os quais haviam assumido estas funções logo após o 11 de Março e a nacionalização da Banca, tendo os drs. Tavares da Cruz e Mário Brandão sido eleitos pelos próprios trabalhadores bancários.

O dr. Salgado Zenha deverá apresentar esta tarde em Conselho de Ministros a proposta de exclusão dos três economistas, assumindo a título pessoal a responsabilidade de tal decisão.

Entretanto, o dr. António Augusto de Almeida, também membro da actual Administração, e elemento do M.P.L.A. em solidariedade com os seus colegas demitidos, pediu para ser excluído da nova Administração do Banco de Portugal.

«Quer-nos parecer que os saneamentos à esquerda que estão a ser feitos em vários ministérios não podem ser desligados dos saneamentos à esquerda que estão a ser feitos nas Forças Armadas» — afirmou um dos «saneados», o dr. Tavares da Cruz, que acrescentou: «O que se procura, no fundamental, é travar o passo à Revolução e colocar à frente de todos os sectores da vida portuguesa elementos que tentarão prolongar no nosso País, a exploração capitalista impedindo assim a construção socialista. O dr. Salgado Zenha pretende incluir elementos da «sua confiança política» na Administração do Bando de Portugal. Recordamos a falta de «saneamento à direita» na magistratura portuguesa quando o dr. Salgado Zenha era titular da pasta da Justiça.»

POSIÇÃO DA INTERSINDICAL

«O Secretariado da Intersindical acaba de tomar conhecimento dos saneamentos à esquerda no Banco de Portugal com o afastamento de três administradores. Os drs. Mário Brandão, Tavares da Cruz e Mariguesa têm-se mostrado homens progressistas, abertamente ao serviço das classes trabalhadoras, dispostos a contribuir para o processo revolucionário através de uma política que coloque a Banca ao serviço dos interesses populares». E prossegue o Secretariado da Intersindical:

. «Que pretende o dr. Salgado Zenha com a sua tentativa? Fazer voltar atrás toda uma política ao serviço dos interesses populares? Pretende fazer voltar atrás o plano de reestruturação e reconversão do sistema bancário? Pretende impedir a regionalização da Banca — única forma de garantir que os interesses locais sejam atendidos? O Secretariado da Intersindical denuncia o risco de que esta tentativa do ministro das Finanças venha a representar o primeiro passo para colocar a Banca ao serviço do capitalismo de Estado. Finalmente, o Secretariado da Intersindical Nacional não pode deixar de assinalar que este procedimento do ministro das Finanças se coordena com decisões semelhantes de outros elementos do Governo. Assim, foram demitidos ultimamente António Hespanha, director do Ensino Superior, Céu Coutinho, director-geral dos Hospitais e João Falcato, inspector superior da Acção Hospitalar. Estas demissões inserem-se na política dos saneamentos à esquerda» — conclui a Intersindical.

Em contacto telefónico ao fim da manhã com o dr. Mário Brandão, afirmou-nos este administrador agora demitido que o dr. Salgado Zenha lhe tinha afirmado que «a demissão não era por razões pessoais ou de competência mas sim por razões políticas». Quanto a hipóteses de esta tarde no Conselho de Ministros as demissões serem ou não aprovadas, o dr. Mário Brandão disse: «Claro que vão ser aprovadas». A melhor maneira de caminhar «rumo ao socialismo» é sanear à esquerda. O caminho fica «logo desimpedido».

A direcção do Sindicato dos Bancários está reunida neste momento para tomar posição em relação ao afastamento dos administradores do Banco de Portugal. Por outro lado, um grupo de trabalhadores bancários reunido no sindicato, ao tomarem conhecimento do facto, decidiram:

. «— Repudiar qualquer tentativa de afastamento dos administradores em causa, por a mesma constituir uma manobra claramente contra-revolucionária, acontecendo até que os dois primeiros foram indicados para os seus cargos por decisão de plenários dos trabalhadores do Banco de Portugal.

«— Declarar que este saneamento é, sobretudo, uma tentativa para travar a reconversão da Banca já delineada, pois a quase totalidade dos componentes do 6.º Governo Provisório defendem interesses de classe que pretendem reconstituir a propriedade do grande capital.

— Estar convictos de que os trabalhadores bancários reagirão a esta manobra com as formas de luta que entenderem necessárias.»

NÚCLEO DO M E S DO BANCO DE PORTUGAL

«Hoje mesmo o dr. Salgado Zenha — elemento de grande confiança do capitalismo internacional — deverá apresentar em Conselho de Ministros uma proposta onde nomes como Silva Lopes e Rui Vilar aparecem indigitados para os lugares de governador e vice-governador do Banco de Portugal», sugere no seu comunicado de repúdio pelo saneamento à esquerda verificado no Banco, o núcleo do M.E.S. do B.P.

«Quanto a Rui Vilar, por exemplo, todos nos recordamos da sua oposição sistemática (enquanto membro do Governo) à nacionalização da banca.»

. «A partir daqui — substituição da administração do Banco de Portugal — está aberto o caminho para substituir também as comissões administrativas dos restantes bancos, com a consequente colocação dos seus dinheiros a recuperar a crise do capitalismo e levando os trabalhadores a pagarem novamente essa mesma crise.»

. «Avizinha-se, portanto, mais um ponto de ruptura ao nível nacional — conclui o comunicado — desencadeado por medidas arbitrárias do actual Governo, apostado em tranquilizar o grande capitalismo internacional. Compete ainda e também aos trabalhadores do Banco de Portugal dizerem algo sobre o assunto, pois já que eles se pronunciaram sobre a entrada desta administração, terão de se pronunciar sobre a sua saída.»

O QUE IMPEDE A EXPORTAÇÃO DE VINHO PARA A U.R.S.S.?

Por ordem do ministro do Comércio Externo do VI Governo, dr. Jorge Campinos, foi cancelado um importante fornecimento de vinho à União Soviética (60 milhões de litros), cujo contrato estava aprazado e deveria ter sido assinado no passado dia 4 pelo director comercial da Junta Nacional do Vinho, dr. Fernando Cortês. O assunto está, entretanto, em estudo naquele Ministério.

Segundo os delegados da J.N.V., os responsáveis soviéticos informaram que desistiriam dos compromissos anteriormente assumidos, no caso de o Governo português não dar resposta até ao próximo dia 14.

Responsáveis deste sector não compreendem o motivo da recusa do ministro Jorge Campinos em conceder a necessária autorização. Se não vejamos: os soviéticos propunham 12 dólares para o hectolitro de vinho branco a 12 graus e a concorrência actualmente oferece já preços abaixo dos 11 dólares. Estão neste caso países como a França, a Itália e a Espanha e empresas privadas portuguesas.

A não assinatura do contrato poderá trazer várias implicações graves para a economia nacional entre as quais avulta a perda definitiva de um potencial mercado comprador.

Trasladações do Tarrafal

. O executivo da comissão encarregada da trasladação para Lisboa dos restos mortais dos antifascistas mortos no Campo de Concentração do Tarrafal, pede aos familiares mais próximos ou amigos dos falecidos, o favor de se lhe dirigirem pessoalmente, ou por carta, através de Francisco Miguel ou Amélia de Freitas, na Avenida António Serpa, 26, 2.º Esq. em Lisboa.

Nota tome nota

CHARAIS EM TRÊS TEMPOS

1. Brigadeiro Charais em conferência de Imprensa:

. «Os S. U. V. não me preocupam muito. São rapazinhos que estão a receber dinheiro do Estado e têm tempo para fazer revoluções. Escondem-se atrás de capuzes e não têm crédito. Lamento que os órgãos de Informação lhes dêem tanta cobertura.»

. 2. Brigadeiro Charais ainda em conferência de Imprensa acerca de disciplina e de um célebre documento: «sobre essa questão do documento dos «Nove» devo dizer que pus como condição não haver distribuição do mesmo nas unidades sob o meu comando. Numa reunião com oficiais expliquei os motivos que me levaram a assinar o documento e pedi para apenas ser divulgado. Houve, no entanto, um movimento para pedir ao Presidente da República para não haver sanções contra os signatários desse documento, que entretanto tinham sido suspensos do Conselho da Revolução. Por isso é que houve assinaturas».

3. Brigadeiro Charais em fim de conferência: «A diferença entre o IV e o VI Governos não é nenhuma. No V é que houve uma grande diferença. De resto o M. F. A. é o mesmo e no C. R. as pessoas também são as mesmas — só o número é que é diferente. Portanto a sua pergunta não tem razão de ser ao falar em viragem à direita seja do que for».

QUEM MANDA NOS AÇORES?

O general Altino Pinto de Magalhães, ainda comandante militar dos Açores, enviou ao poder central, em nome da Junta Regional daquele arquipélago, a seguinte «confidencial»:

. 1.º A vinda aos Açores ou a colocação aqui de pessoas dos diversos Ministérios tem provocado, ultimamente, alguns problemas graves, com reflexos muito perniciosos na já difícil situação local.

Estes problemas têm tido origem na filiação política, **em partidos da esquerda,** de algumas dessas pessoas que, por tal motivo têm sido mal recebidas, hostilizadas e até saneadas, pelas populações ou pelos trabalhadores ligados aos serviços que vêm desempenhando.

2.º Para evitar novas ocorrências desta natureza, cuja gravidade de novo refiro, e porque a Junta Regional dos Açores tem na sua dependência todos os órgãos dos serviços dos diversos Ministérios aqui instalados, solicito a V. Ex.ª se digne determinar instruções para que:

. a) — **Não sejam colocados nos Açores funcionários dos vários Ministérios sem prévio anúncio e concordância desta Junta Regional;**

. b) — **As entidades que venham aos Açores em missão de serviço dos vários Ministérios se apresentem nesta Junta Regional antes de iniciarem as suas tarefas.**

Desconhece-se se houve qualquer resposta a tão «democrático» documento...

Em SILVES o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ D. SANCHO I